

PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

Revista de Psicanálise, Memória, Arte e Cultura

PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

Revista de Psicanálise, Memória, Arte e Cultura.

Psicanálise & Barroco em revista é publicada pela linha de pesquisa Memória Subjetividade e Criação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

EDITORES RESPONSÁVEIS

Editora-Chefe: Denise Maurano Mello
Editora: Joana Dark da Silva Souza
Coordenação do Projeto de Extensão:
Lúcia Maria de Freitas Perez
Editora da Seção de Artigos
Temáticos: Renata Mattos-Avril

CONSELHO EDITORIAL

Angela Coutinho (UNIV. SANTA
ÚRSULA/RJ)
Carlos Eduardo Leal Vianna Soares
(FAMATH)
Cristina Monteiro Barbosa (UFRJ)
Edson Luiz André de Souza (UFRGS)
Eliana Yunes (PUC/RJ)
Jean-Claude S. Soares (UFJF)
Júlio Cesar de Souza Tavares
(UFF/RJ)
Luciano da Fonseca Elia (UERJ)
Marco Antônio Coutinho Jorge (UERJ)
Sérgio Paulo Rouanet (Academia
Brasileira de Letras)
Rogério Lustosa Bastos (UFRJ)
Sérgio Nazar David (UERJ) Sônia
Alberti (UERJ)

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Petros (UNT/AR)
Betty Bernardo Fuks (PUC/RJ e
CES/MG)
Jean-Michel Vivès (UCA/FR)
Luiz Eduardo Prado de Oliveira (UNIV.
PARIS VII/FR)
Paola Mieli (SVA/NY)
Paolo Lollo (UNIV. PARIS XIII/FR)

EQUIPE TÉCNICA

Revisor(a) de normas técnicas de
publicação: Filipe Galdino e Pedro
Branco

Revisão ortográfica: Dercirier Freire e
Eliana Barros

Revisores de Inglês: Gabriel P. da Silva
Souza e Rogerio P. Souza

PARECERISTAS *AD-HOC*

Alinne Nogueira Silva Coppus (UFRJ)
Altair José dos Santos (UFG)
Andrea Bieri (UNIRIO)
Ana Petros (UNT/AR)
Ana Vicentini de Azevedo (UFSCAR)
Betty Bernardo Fuks (PUC/RJ e
CES/MG)
Bruno Wagner D'Almeida de Souza
Santana (PUC-RJ)
Carlos Eduardo Leal Vianna Soares
(FAMATH)
Clarice Padilla Gatto (ENSP-FIOCRUZ)
Cláudia Bodin (Universidade de Paris
VII)
Cristina Monteiro Barbosa (UFRJ)
Daniela S. Chatelard (UNB)
Ecio Pisetta (UNIRIO)
Edson Luiz André de Souza (UFRGS)
Elizabeth Cristina Landi (UFG) Felipe
de Oliveira Castelo Branco
(UFF)
Hélia Freitas (UERJ)
Jean-Michel Vivès (UCA/FR)
Josaida de Oliveira Gondar (UNIRIO)
Laéria Fontenele (UFC)
Lucia Maria de Freitas Perez (UNIRIO)
Luiz Alberto Pinheiro de Freitas (IBMR)
Luiz Eduardo Prado de Oliveira (UNIV.
PARIS VII/FR)
Marcela Toledo França de Almeida
(UFG e Wilfrid Laurier - Waterloo CA,
Canadá)
Marlen de Martino (FURG)
Marlise Eugenie D Icarahy (TJ/RJ)
Mariângela Máximo Dias (UERJ)
Maria Das Graças Leite Villela Dias
(UFSJ)
Maysa Puccinelli (Université Nice
Sophia Antipoli)
Miguel Angel de Barrenechea
(UNIRIO)
Nadiá de Paulo Ferreira (UERJ)
Nilda Sirelle (UFF)

Orlando Cruzen (UFC)
Paola Mieli (SVA/NY)
Paolo Lollo
Rodolfo Petronio (UNIRIO)
Sandra Edler (SPID)
Sonia Leite (CPRJ)
Tereza Calomeni (UFF)
Valéria Wilke (UNIRIO)
Walter Kohan (UNIRIO)
Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos
(UERJ)

© *Copyright* **Psicanálise & Barroco em revista**

**Endereço para correspondência / *Address for correspondence /
Adresse pour correspondance***

Psicanálise & Barroco em revista

Programa de Pós-Graduação em Memória Social, UNIRIO – Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro.

Avenida Pasteur, 458, 22290-240, Urca, Rio de Janeiro, RJ, Brasil Secretaria

— (21) 2542-2820 | Coordenação — (21) 2542-2708

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

Ano 18, Número 01:Edição de julho de 2020,
Rio de Janeiro, RJ.

PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

(ISSN:1679-9887)

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

Ano 18, Número 01: Edição de julho de 2020.

SUMÁRIO

EDITORIAL - EM TEMPOS “PANDEMÔNICOS” A NECESSÁRIA INTERLOCUÇÃO ENTRE DEMOCRACIA E PSICANÁLISE----- 9

ENSAIO

A PSICANÁLISE NA TORMENTA – PSICANALISTAS BRASILEIROS TESTEMUNHAM ----- 16

ARTIGOS TEMÁTICOS

LA QUETE MUSICALE DE L’AUTHENTICITE: UM TRANSFERT SUR L’INOUI OU PORTRAIT DES “BAROQUEUX” EM AVENTURIERS DU TIMBRE PERDU ----- 53

LES RYTHMES DE L’EXISTENCE----- 71

ARTICULAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE E MÚSICA: A PRESENÇA DA VOZ NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ----- 97

ARTIGOS LIVRES

FERIDAS ABERTAS: NARCISISMO DAS PEQUENAS DIFERENÇAS, REPETIÇÃO E MEMÓRIA----- 114

INTERNET, NARCISISMO E SUBJETIVIDADE: REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA/PELA REDE SOCIAL----- 132

A SUBVERSÃO PROUSTIANA DA MEMÓRIA: UMA LEITURA ENTRE A INSPIRAÇÃO DA TEORIA DE BERGSON E AS FORMULAÇÕES FREUDIANAS ----- 151

TESTEMUNHAS DO (DES)ENCONTRO: NOTAS PSICANALÍTICAS SOBRE O AMOR EM “FLORES AZUIS” DE CAROLA SAAVEDRA -----169

ABISMOS INOMINÁVEIS E NOVAÇÃO: QUESTÕES SOBRE O FINAL DE ANÁLISE -----195

RESENHA

VARIAÇÕES SANTANA: UMA PERCURSO ADMIRÁVEL DE NIETZSCHE À PSICANÁLISE -----207

CONTENTS ----- 214

SOMMAIRE ----- 215

EDITORIAL

**EM TEMPOS “PANDEMÔNICOS” A NECESSÁRIA INTERLOCUÇÃO
ENTRE DEMOCRACIA E PSICANÁLISE**

*Denise Maurano
Renata Mattos-Avril
Joana Souza*

No que tange à arte ou ciência de governar a psicanálise só pode ser afeita a políticas não totalitárias, não excludentes, não genocidas, não fascistas. É apenas com essas políticas que a dimensão cidadã, da atividade de um psicanalista pode se comprometer. Pelo fundamento da livre circulação da palavra, no qual a psicanálise foi inventada e prosperou, é em defesa de políticas não totalitárias que faz sentido sua militância nos coletivos diversos nos quais ela se engaja. A abstinência na intimidade da clínica encontra como contrapartida o engajamento na atuação pública. Se assim não for, há que se desconfiar da ética em jogo. Não à toa essa prática da circulação da palavra tem afinidades com a Democracia.

Como sabemos, a Democracia é um regime político em que todos os cidadãos elegíveis participam igualmente do governo, seja de modo direto ou pela eleição de representante. Ou seja, participa das propostas, da criação e desenvolvimento de leis que organizam o funcionamento do Estado.

Por princípio, numa democracia, todos devem ser iguais perante a lei, e gozar de livre acesso às instituições, bem como ter livre direito a palavra no espaço público.

A função da livre circulação da palavra no espaço público é o instrumento principal para que todos os outros direitos sejam exercidos. Nossa condição, marcada pela função da linguagem em todos os processos de sustentação de nossa vida humana, revela bem o quanto a livre circulação da palavra é não apenas um ganho civilizatório, mas o fundamento de uma existência digna da condição humana.

A clínica psicanalítica foi criada pelo acionamento do dispositivo da palavra via a regra fundamental que é que o analisante fale o que vier a cabeça, com o mínimo de censura que lhe for possível, por mais escabroso que te pareça. Trata-se aí de pela

fala, associar livremente e trabalhar com as ressonâncias desse dizer evidenciando inclusive a expressão de conflitos existentes entre todas as diferenças que nos habitam, das mais tênues, às mais abomináveis, radicais e difíceis de serem conjugadas. A clínica opera no âmbito do privado, trabalhando com isso.

Para a democracia, a livre circulação da palavra no espaço público é condição fundamental. Mas o que é a livre circulação da palavra? Obviamente que se a circulação é livre ela não pode se restringir a meia dúzia de palavras de ordem que visem a calar a boca de outros tantos. Ela tem que poder dar espaço `a muitas vozes, certamente muitas vezes dissonantes. É por isso que ainda que a palavra seja livre, há certas palavras que são condenáveis, mesmo na democracia. Isso porque elas visam a anulação do Outro, como por exemplo no racismo. Por isso a palavra afeita ao racismo, tem que ser coibida, criminalizada. Não pode ter direito a reconhecimento no espaço público e nem vir a validar políticas de Estado. Por isso na democracia também não se trata de tolerar tudo.

Alguns poderiam também argumentar que se a palavra é livre e a verdade é sempre parcial. É sempre meia verdade. Como fica o estatuto da mentira, do fake? Será que a mentira não pode ser outra face da verdade?

E aqui, já pulamos pro caldeirão “pandemônico”, que associa a pandemia com o demônio, que aqui se apresenta como a crise política que se acentua com o atual governo que aliás, se elegeu via uma fábrica de fake News. Poderíamos ponderar, se as verdades são parciais e construídas, por que criminalizar as fake News? Será que o grande problema da notícia é ser fake, ou seu grande problema é a máquina de distribuição massiva, financiada pela corrupção? Isso sim, é injusto, indecente e ilegal? Sobretudo na medida em que essa atuação massiva cristaliza falsas verdades, manipulando a opinião pública por interesse escusos e propiciando credibilidade ao ignóbil, seja no intuito de elegê-lo como representante, seja para sustentar seu governo.

Nesse circo de horrores no qual estamos vivendo sobretudo no Brasil de hoje, realmente é difícil acreditar que ainda tenha gente para apoiar um governo no qual o presidente se presta a conturbar todos os dias, qualquer direção que seu governo tome, mesmo as que ele escolhe; no qual o ministro da Educação não tinha educação, e nem estava ocupado dela, no qual o ministro do meio ambiente se esforça por destruir o meio ambiente, no qual o ministro das relações exteriores provoca problemas

diplomáticos e comerciais para o país, no qual o ministro da justiça acompanha o presidente para atos aviltantes para a própria democracia que o elegeu, e no qual em plena pandemia com graves consequências tanto para a saúde quanto para a economia, o governo não consegue nem gerir o ministério da saúde. Mas então e daí? Vamos tomar a palavra para irmos para as ruas e redes sociais protestarmos, dizermos a que viemos, como se faz quando, num regime democrático não estamos satisfeitos? Ou será que dado a gravidade do que se anuncia pelo modus operandi desse governo, temos que não sermos ingênuos, como nos tem alertado o sociólogo Luis Eduardo Soares, sinalizando que não podemos dar munição para que o inimigo nos abata com um golpe, um golpe de Estado. Nesse momento qualquer aglomeração será motivo de eclosão da fúria contra a Democracia. Há quem pense que as ameaças de golpe apenas evidenciam a fragilidade do governo e que não corremos esse risco, mas ainda assim, em tão pouco tempo, já assistimos a estragos inimagináveis, temos que ficar atentos. Agir é imperativo, mas por outros meios. Temos que apoiar de todos os modos possíveis todas as iniciativas legais para a evidenciação de todas as falcatruas desse governo, da maneira como chegou ao poder e das consequências de sua manutenção. Os meios que temos nesse momento são pela web. Se a internet foi tão poderosa a ponto de conseguir eleger o ignóbil, será que não pode ser poderosa para destitui-lo?

Nossa revista, portanto, nesse número histórico que reuniu manifestos de psicanalistas expoentes de nossos tempos, se apresenta também como um veículo nessa guerra que se instaurou entre a defesa da circulação da palavra e a da livre expressão e a sede de poder cega que não respeita as diferenças e nem mesmo a vida.

Abrimos essa edição com a publicação em português de diversos testemunhos de psicanalistas brasileiros originalmente publicados em 2019/1 pela revista francesa *Psychologie Clinique*, número 47, sob o título “**A PSICANÁLISE NA TORMENTA: psicanalistas brasileiros testemunham**” no qual a partir da sugestão de Olivier Douville, Luiz Eduardo Prado de Oliveira, psicanalista brasileiro, radicado na França, solicitou diversos psicanalistas e amigos da psicanálise que se manifestassem a respeito dos impactos em suas clínicas desse discurso de ódio que tomou a cena brasileira.

Em seguida, Renata Mattos Avril editora responsável pela seção temática “voz, musicalidade, música, memória e psicanálise” lembrando que nesses tempos atuais,

em que estamos atravessando em todo o mundo um desafio inédito – uma pandemia que grita com toda força a falência desde sempre anunciada do sistema capitalista e seus efeitos nefastos contra a humanidade e o planeta– e, mais particularmente no Brasil, a tirania presidencial grotesca e sem limites contra os que vivem em maior precariedade e, mais que isso, contra a própria vida, é vital lembrar-mo-nos aqui da invocação estrutural e primordial do objeto voz: a de humanizar.

A função da voz, na origem do sujeito, é a de convidá-lo a advir, a escrever-se como voz na partitura polifônica que a vida cria no mundo. O que não significa fazer Uma voz. Pelo contrário: trata-se sobretudo de fazer música como sujeito e com outros sujeitos, cada um a partir da sua singularidade. Em um momento, então, em que essa música coletiva está ameaçada, em que a vida está em risco, a voz nos re-invoca à criação e a re-advirmos como sujeitos, no laço social, reinventando juntos, em ato, o mundo em que vivemos e que desejamos.

Assim, nossa seção temática se abre, desta vez, ao diálogo e a reflexões sobre a voz, o ritmo, o timbre e a música em interlocução com a musicologia e, também, oriundas da filosofia, além de trazer considerações sobre a musicalidade na constituição do sujeito e os efeitos das primeiras experiências sonoras do bebê.

Em **“La quête musicale de l’authenticité : un transfert sur l’inouï ou portrait des « baroqueux » en aventuriers du timbre perdu”**, o psicanalista Jean-Michel Vivès, que há décadas consagra suas pesquisas e construções clínico e teóricas acerca da voz, elabora de forma instigante uma análise sobre a especificidade do timbre musical e da incidência do real na música e nos sujeitos a partir da busca pela autenticidade que caracterizou o movimento musical de “redescoberta” e de reapropriação da música barroca. A inovação teórica se apresenta neste artigo na formulação em torno do que o autor denomina “transferência do inaudito”, através da qual os intérpretes da música barroca visariam trazer à cena, ou melhor, aos ouvidos, um “som novo”, ainda nunca ouvido, que, ainda assim, seria autenticamente barroco.

Haveria, portanto, uma transmissão do real da voz que se presentifica na interpretação e na escuta das obras. Dialogando com compositores, musicólogos e historiadores, Vivès nos convida a uma deliciosa viagem pelo mundo da interpretação musical, nos deixando entreouvir questões clínicas de grande pertinência, tais quais a

construção de um estilo, passando pela leitura e trabalho em torno de traços do Outro, a transmissão do real que causa o sujeito à criação, e a singularidade de cada sujeito.

Do real ruidoso do timbre, passamos a outra característica fundamental da música que tem incidências diretas no sujeito: o ritmo. No artigo “**Les rythmes de l’existence**”, a filósofa, musicista, professora e pesquisadora Véronique Verdier nos apresenta uma reflexão acerca dos ritmos da existência, do fluxo existencial em relação ao tempo e aos atos e experiências do sujeito, em consonância, dentre outros, com a filosofia de Bachelard, e com a ritmanálise de Lefebvre, que se baseia na psicanálise para buscar uma escuta dos ritmos fisiológicos e cotidianos. Tal posicionamento visaria uma escuta do corpo e das eventuais rupturas que podem se impor ao sujeito, de modo a se promover uma releitura dos ritmos que lhes são singulares, abrindo uma via de re-criação pautada no desejo.

Evocando a grande ruptura que nos afeta atualmente como sujeitos em todo o mundo, a pandemia do Covid-19, e como ela tem e terá efeitos drásticos, passando por perdas simbólicas e reais, que nos invoca a repensar e reconstruir social e politicamente os nossos laços, a autora se detem a analisar como a doença pode recolocar o sujeito num movimento de reapropriação e, mais que isso, de criação de ritmos próprios. Podemos assim, com a psicanálise, refletir a partir da leitura deste artigo sobre a possibilidade do sujeito re-efetuar o ato de separação diante do Outro, recolocando assim o movimento em três tempos do circuito pulsional da voz (ouvir, ser ouvido, se fazer ouvir) a partir da pontuação rítmica do que a autora chama de estar “à escuta do seu desejo”. A resposta pela voz ao desejo do Outro que é o sujeito se vê, assim, colocado, segundo Verdier, a “se escolher”. Ainda, a autora propõe uma reflexão filosófica sobre os tempos e ritmos da criação artística.

Voltamos à questão da voz no terceiro artigo de nossa seção, “**Articulações entre psicanálise e música: a presença da voz na constituição do sujeito**”, no qual as autoras Beatriz Alves Viana e Luciana de Carvalho Pieri abordam a fundamental questão da incidência da voz materna e da transmissão da linguagem através da musicalidade e do mais-além da significação que a materialidade e o real da voz fazem incidir no bebê. A partir de Freud e Lacan, assim como de psicanalistas da tradição lacaniana como Didier-Weil, Vivès e Bentata, bem como da leitura de músicos como Chico Buarque, Sergio Magnani, de linguistas especializados no fazer musical, como

Ernest Schurman, ou mesmo evocando o grupo Pink Floyd, as autoras nos levam a um passeio sobre o percurso analítico em torno da teoria do objeto voz.

O campo musical contribui assim, na leitura de Viana e Pieri, a melhor definir as sutilezas linguísticas entre som, sonoridade, música, fala e linguagem e em como, nesta perspectiva, a psicanálise pode se colocar à escuta do sujeito na clínica não somente a partir da incidência do objeto voz e de sua filiação no desejo do Outro quando da sua constituição, mas também a partir da singularidade do sujeito expressa em suas enunciações e nos elementos sonoro-musicais que são trazidos na e pela fala, como uma espécie de música de cada sujeito.

Prosseguindo, na seção de artigos livres, somos brindados com uma variedade de artigos que nos foram enviados por diversos autores que, sensíveis ao momento, articulam a psicanálise com a literatura, a arte e a clínica, tecendo uma gama de saberes que delicias qualquer leitor.

Fechamos com a resenha “**Variações Santana: um percurso admirável de Nietzsche à psicanálise**”, na qual Pedro Brocco, doutor em ciências jurídicas e Sociais pela UFF-RJ, discorre de forma instigante sobre a obra “Variações do Ver: uma articulação entre a Psicanálise e Nietzsche”, de autoria de Bruno Wagner Santana, publicada em 2019 pela editora CRV, que conta com o prefácio de Denise Maurano.

Desejamos a todos uma excelente leitura!!!

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

A PSICANÁLISE NA TORMENTA - PSICANALISTAS BRASILEIROS TESTEMUNHAM

APRESENTAÇÃO: O BRASIL ATORMENTADO: O QUE DIZEM OS PSICANALISTAS?

Denise Maurano¹

Diante da eleição no Brasil de Jair Messias Bolsonaro, e do clima de tensão e animosidade gerado pelo período pré e pós eleitoral, a revista francesa *Psychologie Clinique*, número 47, sob a direção de Olivier Douville e de Claude Wacjman, publicou em 2019/1, num número intitulado *Clínicas Cosmopolites*, um espaço reservado para testemunhos dos psicanalistas brasileiros: “*A PSICANÁLISE NA TORMENTA : psicanalistas brasileiros testemunham*”

A partir de uma sugestão de Olivier Douville, Luiz Eduardo Prado de Oliveira, psicanalista brasileiro, radicado há muito na França, solicitou diversos psicanalistas e amigos da psicanálise que se manifestassem com comentários e ensaios relatando os impactos em suas clínicas desse discurso de ódio que tomou a cena brasileira.

As respostas a essa solicitação foram recolhidas, reformatadas, traduzidas e editadas numa bela elaboração de Prado de Oliveira, trabalho revisto e corrigido por Maryse Deleplancque e Laurent Le Vaguerèse, constituindo o conteúdo desse número especial de *Psicanálise e Barroco em Revista*, dando sequência ao número especial acerca do tema *Psicanálise e Política* que foi lançado em 2019.

O que nosso leitor encontrará nesse volume, não serão artigos no formato habitual de nossas publicações, mas ensaios e comentários que pretendem refletir

¹ Psicanalista, escritora, membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (RJ) Correspondente da Association Insistance (Paris). Integrante do Movimento da Articulação das Entidades Psicanalíticas do Brasil. Editora chefe do periódico *Psicanálise e Barroco em revista*.

sobre o impacto da política atual brasileira no campo e mais especificamente, na clínica psicanalítica.

Assim, para começo de conversa, ao aceitarmos a proposta de publicarmos em *Psicanálise e Barroco* esse arquivo, não estamos ocupados em apresentar respostas, mas em fazer circular reflexões e em buscar saber como situar perguntas que tragam alguma luz à situação obscura que o Brasil atravessa nesse momento. Pensamos que esse modo de proceder diz da relação particular da psicanálise ao saber, revertendo a pretensão das respostas na potência das perguntas. Poderíamos, por exemplo, diante do que vivemos agora, nos perguntar:

- O que podemos esperar? Como compreendê-lo? O que fazer?

A primeira dessas questões nos remete a indagação de Alain Didier-Weill, psicanalista francês que nos deixou em novembro de 2018, porém continuando vivo através da fecundidade de suas ideias, nos convida a entrar no cânion psicanalítico que prospera nos limites entre a ciência e a arte. Ele se pergunta: - “Na aurora do terceiro milênio, o que resta ao homem que, ao se virar constata que todos os ideais que o haviam incitado a ter esperança, faliram?” E, ele propõe: - Então, é preciso esperar “o inesperado”.²

Mas o que será isso? Esperar o inesperado? Parece que enquanto psicanalistas temos a “obrigação ilimitada”, de transmitir a manutenção do pacto entre o universo simbólico e o real. O real bruto, tem se transformar num real humano. Segundo Didier-Weill é isso que faz a nós, psicanalistas e também aos artistas “os embaixadores do infinito”³. Expressão maravilhosa que indica que é o não recuo do pacto com a linguagem que podemos fazer face ao real e desdobrar nosso destino.

Sabemos que Freud nos advertiu que « onde isso estava é teu dever vir a ser” (*« wo es var, soll ich werden »*). Didier-Weill nos lembra que este imperativo universal nos engaja numa vocação de vir a ser, vocação de advir. Tarefa ilimitada que no nosso mundo contemporâneo foi invadida por respostas da ciência, da técnica e do dogmatismo religioso, num movimento que não reconhece que há algo de inesgotável, ilimitado e infinito. A seu ver, responder a isso sem forçar uma obturação, é tarefa dos artistas e dos psicanalistas. Sabemos que a significância não se esgota e se isso

² DIDIER-WEILL, Alain. *Un mystère plus lointain que l'inconscient*. Paris : Flammarion. 2010 P. 28

³ Idem, P.291.

provoca angústia, que assim seja. Só não podemos entrar na camisa de força de uma regra acabada.

Didier-Weill diz curiosamente, que é preciso nos abirmos ao espiritual, no sentido disso que comparece quando um sujeito tomado por um chiste, ou seja, por uma palavra de espírito (*mot de spirit*), sai da sideração e consegue “ressoar sem arrazoar” (« *résonner sans raisonner* »). Este é para ele “o ato místico por excelência⁴”

Essa afirmação bem se articula com a observação de Lacan em *O triunfo da Religião*: “Vocês vêem como são as coisas? As coisas são feitas de brincadeiras. Esta é talvez a via por onde se pode esperar um futuro para a psicanálise – será preciso que ela se volte suficientemente para a brincadeira.⁵”

E uma vez que a arte é a brincadeira dos adultos, é preciso tomá-la a sério, mas com muito riso. Não será essa uma arma poderosa para enfrentar a força anônima da bestialidade? Para fazer face ao imundo? Vocês perceberam a força que teve a jocosa autoproclamação à presidência da República do ator José de Abreu, com as medidas por ele anunciadas em seu “discurso de posse” no início de 2019? Acham que foi à toa o recente ataque ao programa *Porta dos Fundos*? O que será que o humor e a criação provocam em termos de desestabilização da bestialidade constituída?

Nesse sentido, talvez seja interessante recorrer à Thomas Mores, escritor inglês que em 1516 propõe chamar Utopia ao país imaginário no qual um governo organizado proporciona condições de vida a um povo equilibrado e feliz. Mas é importante salientar que para nós não se trata de fugir para um país imaginário, lugar que não existe, mas de conseguir ultrapassar o presente, o aqui e agora opressor que prima por nos deixar a impressão de que o imundo, a pulsão de morte, desamalgamada da vida, impera soberana.

Nesses momentos, vale a pressão ao contrário. Precisamos escapar do automatismo de repetição, que alimenta o ciclo avassalador que nos empurra do mal

⁴ DIDIER-WEILL, 2010, p.79

⁵ LACAN, *Le triomphe de la Religion*.FR: Seuil, 2005, p.77

ao pior. Como tem salientado Edson de Souza⁶ em suas reflexões sobre a Utopia citando Ernst Bloch, esta seria a categoria filosófica mais importante do século XX, justamente porque precisamos aprender a esperar, mas de um modo que não seja apassivador. Trata-se no caso de sonhar, não para dormir, mas para despertar. Ele destaca o valor da Utopia de ativar o desejo.

Precisamos “despertar” tanto no que diz respeito às nossas produções intelectuais, quanto à nossa atuação clínica. É preciso não apenas reagir, mas agir diante da toxidade do pior que invade nosso cotidiano através de um tsunami de informações estarrecedoras. Não podemos abrir mão do poder organizador da palavra, senão subsumiremos ao imundo, mundo desencadeado e enfurecido.

Pois bem, se o presente está inadequado, não nos basta apenas denunciá-lo, analisá-lo. Enquanto “embaixadores do infinito”, precisamos ligar o *savoir-faire* que nos conduz na clínica diante do Real avassalador, para a produção de uma nova forma de operar com a política. De modo a poder articular a crítica com a criação. Como salienta Edson de Souza, “é preciso um amanhã que nos salve do hoje”.

Mas, acreditamos que para isso, que não se trata apenas de ativar o desejo. Não se trata da busca do perdido, mas além ou aquém disso, do encontro com um vazio possibilitador, no qual a criação aponta um contra-fluxo. Revela que o ato criativo é um ato utópico, e, se critica a realidade, é um ato também político, transgressivo, e mais do que isso, é um ato transfigurador no sentido nietzschiano do termo. Ou seja, aquele que tem potência para reverter o horror em beleza, em arte. Algo que humanize o Real, única via de suportá-lo.

É importante pensarmos que a eficácia da utopia não está na sua realização, mas na inquietação fecundante que nos permite decolar do hoje. Talvez a utopia seja um meio de reencontrar a potência do desejo que ao abrir mão de buscar o objeto enquanto perdido, vai ao encontro, ainda que sem garantias, do objeto enquanto encontrado, que entretanto, só pode sê-lo enquanto objeto criado.

Talvez tenhamos que efetivamente diversificarmos nossas armas. Frente a força bruta da bestialidade, mais do que nunca precisamos de inteligência e astúcia. Assim, é com essa perspectiva que essa edição especial convida os leitores a

⁶ SOUZA, Edson Luiz Andre de. “Por uma Cultura da Utopia”. E-topia: Revista eletrônica de estudos sobre a Utopia. N. 12 (2011).

experimentarem os onze olhares aqui apresentados, e a se manifestarem a respeito, podendo inclusive, nos enviar suas impressões para uma possível publicação. Mantemos dessa forma, esse fórum aberto, que será tão mais rico, quanto mais puder contar com a sua inclusão.

A PSICANÁLISE NA TORMENTA - PSICANALISTAS BRASILEIROS TESTEMUNHAM⁷

Luiz Eduardo Prado de Oliveira

Olivier Douville

RESUMO

Existem alguns testemunhos sobre o impacto da ascensão do fascismo na prática da psicanálise e sobre as reflexões dos grupos de intelectuais a ela ligados. Raramente estiveram tão atrelados à tormenta quanto estes aqui. Como os psicanalistas em sua clínica reagem ao impacto desse discurso de ódio tão violento? E aqueles que são alvos desse discurso, os negros, os homossexuais, entre outros? Sabemos que o ódio visa a eliminar tudo o que lhe escapa, sendo ele é exclusão máxima. Apresentamos aqui algumas respostas de psicanalistas e amigos brasileiros a esses questionamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Clínica – psicanálise - luta - populismo - fascismo

⁷ Textos recolhidos, traduzidos e editados por Prado de Oliveira a partir de um projeto idealizado por Olivier Douville, revisto e corrigido por Maryse Deleplancque e Laurent Le Vaguerèse.

APRESENTAÇÃO

No final de 2018, com a eleição de Jair Messias Bolsonaro, o Messias, culminava um golpe de estado que se desenrolou durante dois anos, com o impeachment da Presidente Dilma Rousseff. Não foi um golpe de estado normal, tal como o descreve e analisa Giorgio Agamben⁸. Embora muitas de suas teses se apliquem perfeitamente à história do Brasil e, em particular, à história deste país em seu último século e pouco de existência. De fato, um dos maiores países do mundo em sua extensão geográfica sendo ao mesmo tempo um dos menores em sua importância política, confirma a principal tese de Agamben, “a exceção é a regra” – com seus corolários: o excepcional é banal, a transgressão é a lei, e outros tantos.

O golpe de estado do qual assistimos ainda as consequências, com a invasão do aparelho administrativo do estado pelo oficialato militar aliados às “milícias”, implicou a aliança do aparelho jurídico, representativo e militar em vistas de culpar Lula, aprisioná-lo e impedi-lo de concorrer à eleições das quais seu pífio adversário só sairia vitorioso nestas circunstâncias.

Foi um golpe de estado que se desenrolou em câmara lenta, o discurso odioso e raivoso, desnorteado e incompetente do Messias crescendo a cada dia, os erros do Partido dos Trabalhadores se empilhando um atrás do outro, e o desamparo das populações que sonham com um Brasil mais justo transformando-se em pesadelo.

Tivemos a ideia então de pedir a algumas e alguns psicanalistas e a algumas e alguns amigos da psicanálise de nos contarem como se traduziu em seus cotidianos a eleição do Messias, do “Mito” como o chamam seus seguidores. Os artigos que se seguem foram respostas à esta solicitação.

⁸ G. Agamben, *Stato di eccezione*, Torino, Bollati Boringhieri, 2003.

O BRASIL QUE MACHUCA

Esther Solano Gallego⁹

Espanhola, vivo no Brasil há oito anos. É a minha casa que escolhi e o país que me acolheu, são coisas que me pertencem, a mim. É um país que fascina, mas que machuca. A eleição de Bolsonaro machucou demais.

Há dois anos estudo este fenômeno. Entrevistei pessoas que elegeram Bolsonaro. A luta contra seu projeto antidemocrático tornou-se a minha vida. Fiz dela minha pesquisa, meu ativismo. Sempre acreditei que era fatal para a academia se esconder dentro dos muros, entre as elites, longe das pessoas. O conhecimento deve chegar às ruas e falar com as pessoas. Se não for usado para melhorar suas vidas, então é inútil. Coloquei meu conhecimento a serviço da sociedade brasileira. Nos meses que antecederam as eleições, dei tantas conferências e entrevistas à imprensa nacional e internacional que cheguei exausta às urnas, especialmente porque minha pesquisa mostrou que Bolsonaro não só ganharia as eleições, mas que seus projetos teriam êxito. A bolsonarização da sociedade brasileira é um fato. Durante minhas entrevistas, uma palavra foi repetida, de modo insistente: esperança. Bilhões de pessoas confiaram suas esperanças a monstros. Ainda não sei como interpretar isso. A compreensão de que o ódio é uma possibilidade real, é um verdadeiro soco no estômago.

Na noite da contagem dos votos, fui ao hotel alugado pelo Partido dos Trabalhadores para que seus militantes pudessem receber juntos os resultados. Não sou desses eleitores, mas essa escolha foi a escolha da democracia. Tenho uma memória epidérmica dos resultados nas telas. Um silêncio sepulcral. Foi uma noite de morte, luto e perda. O desânimo impediu-me de falar. A barbaridade tinha vencido, as palavras pareciam insignificantes, não diziam mais nada. Somente a dor e o silêncio falavam. Felizmente, meu companheiro esteve sempre ao meu lado. Na derrota, o amor permanecia, era a resistência, era a política.

⁹ Socióloga, professora da Universidade Federal de São Paulo, publicou o livro *O ódio como política*.

Era um domingo de luto, mas uma segunda-feira de luta. Acordei outra, pensando nos quarenta e sete bilhões de brasileiros que votaram no PT, com a memória das manifestações #EleNão que tinham lavado minha alma, certa de que o Brasil que escolhera Bolsonaro também escolhera deputados ativistas, negros, índios, transexuais. Que o Brasil merecia uma luta. Acordei com a ideia de que este poder queria tristeza e que seria um fracasso. Este poder e os fascistas odeiam a alegria, então, alegria e esperança contra eles.

NEGRO, PRETO, DE COR UMA POPULAÇÃO E AS ELEIÇÕES

*Silvio de Almeida*¹⁰

Quando me perguntam como me senti depois das eleições de 2018, respondo, sem qualquer cinismo, que me sento normal. Normal, sim. Normal significa “muito mal”. Normal não é sinônimo de natural. Normal significa que eu, negro, experimento o que outros sofrem todos os dias - violência, racismo, exploração. Muitos consideram este novo governo uma “exceção”, legitimada pelo voto. Por isso, digo que o ódio, a violência e o racismo se tornaram aberta e explicitamente a norma, uma forma de governar.

Como pode um país que até ontem era considerado uma democracia, jovem, mas estável, agora se destrua de modo econômico, social e político? Como pode o país da diversidade, da “democracia racial”, eleger alguém sem qualquer compromisso com valores democráticos, cujas propostas defendem a destruição de um frágil sistema de proteção social? As respostas a isto são baseadas em dois eixos.

Primeiro, a violência, especialmente contra os negros, sempre foi central no Brasil. Em 2017, houve aqui sessenta e três mil oitocentos e oitenta assassinatos, números de países em guerra¹¹. Setenta e um por cento destes homicídios atingem jovens negros. Durante anos, este verdadeiro genocídio foi denunciado. A análise de gênero é ainda pior. A mortalidade entre as mulheres brancas diminuiu sete vezes e meia, enquanto a de mulheres negras aumentou vinte e dois por cento. O Brasil, portanto, aceita a violência racial como normal, apostando ingenuamente na Justiça para a contenção da barbárie. No entanto, a violência racista diária depende da participação ou, pelo menos, da conivência do sistema judicial. A crise que começou em 2013 destruiu as últimas barreiras contra este sistema e seus agentes, o que lhes deu uma aura de imparcialidade e legalidade. Agora está claro que a exceção é a verdadeira ordem, e que políticos “iluminados” ou “moderados” se tornaram

¹⁰ Advogado, Presidente do Instituto Luiz Gama e professor da Fundação Getúlio Vargas.

¹¹ IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

disponíveis. Hoje, no Brasil, “ordem” e “violência” são sinônimos, especialmente para minorias e defensores dos direitos humanos.

O segundo eixo é composto por conflitos envolvendo benefícios públicos - transferências sociais de renda (apoio às famílias pobres - bolsa família - e cotas raciais de acesso às universidades), instituídos pelos governos do Partido dos Trabalhadores (PT). Uma intensa campanha conduzida pela imprensa e através das redes sociais financiadas por empresas nacionais e internacionais teve como objetivo acabar com os benefícios sociais. O racismo desempenhou um papel central nestas campanhas, uma vez que as populações negras foram as principais beneficiárias dessa transferência social. A morte de pessoas de cor será mais aceitável se estiverem fora da escola ou com educação precária.

Sabemos que o Império tenta em suas colônias e em relação às suas minorias fazer valer a opressão que estenderá a todos. Esta deterioração do tecido social e político ocorreu num país que nunca enfrentou os traumas da sua história e quis acreditar que só a legalidade os ultrapassaria. O Brasil nunca encarou as consequências de uma escravidão que terminou há pouco mais de um século, nunca enfrentou seus períodos ditatoriais e nunca projetou um currículo escolar que pudesse estudá-las e forjar valores democráticos consistentes.

No final das contas, o racismo estrutural da sociedade brasileira atacará até mesmo os brancos que se opuserem ao “capitalismo do caos” com o qual o governo eleito sonha.

Recordemos, no entanto, que os negros têm resistido há séculos de violência. O estudo da nossa capacidade de resiliência ajudará na formulação de novas formas de organização política e estratégias para combatê-la.

“TUA HORA VAI CHEGAR”: AMEAÇAS CONTRA PESSOAS LGBT NO BRASIL

Lucas Bulgarelli¹²

Foi alguns dias antes da eleição de Bolsonaro. Meu companheiro e eu saímos de mãos dadas. Não muito longe de casa, em um carro, dois homens olhavam-nos, suas mãos como revólveres apontadas para nós, símbolo da campanha Bolsonaro, que prometia o porte generalizado de armas. Soltamos as mãos um do outro. Pouco depois, virei-me. Estavam sempre nos observando, brincando de nos matar.

Eu escrevia sobre a crescente violência contra pessoas LGBT, sobre os paradoxos de um país que fez da diversidade e da transgressão uma mercadoria de exportação, e onde um número expressivo de pessoas se manifestaram contra todos os tipos de diferenças.

Esse infeliz incidente me fez perceber que a própria violência contra pessoas LGBT era uma nova transgressão. A eleição de um presidente com declarações homofóbicas tornou-se suprema perversão. Somos o país do mundo onde mais LGBTs são mortos, de acordo com a *Transgender Europe*. Os assassinatos de LGBTs, acompanhados de desfiguração, são tão frequentes que já não dão manchetes. Durante as eleições, isso piorou, pois o país estava vivendo a espera da legalização do crime. Ao mesmo tempo, o ódio contra personalidades e representantes LGBTs ou contra sua comunidade difundiu-se nas redes sociais, ou em determinados grupos de imprensa ou canais de televisão ligados a grupos religiosos. Dois tipos de ameaças são claras: o assassinato, para “limpar a sociedade”, e a normalização do aviso “sua hora vai chegar”.

Essa propaganda legitima a discriminação. Um “Brasil melhor” significa agora a eliminação de alguns de seus cidadãos, defendida pela plataforma programática do representante eleito. LGBT's, feministas, índios, negros, aqueles que fizeram e fazem campanha defendendo um teto para morar ou por terras para trabalhar, estudantes, todos são alvos, visados por políticos, por grupos religiosos, por personalidades de

¹² Antropólogo, contribuidor de *O ódio como política*, E. Solano (org), São Paulo, Boitempo, 2018.

direita, como o ex-ator pornô que se tornou deputado bolsonarista, como outros criminosos, também derrotados nas urnas, que são então indicados como membros do governo em nome da luta contra a corrupção. É a institucionalização da perversão em nome da luta contra os dissidentes. Provavelmente, as declarações democráticas não serão suficientes contra ela.

MEMÓRIAS ELEITORAIS

*Rafael Alves Lima*¹³

Como estudante de doutorado na Inglaterra, não votei. O Colégio Andradas, em Santos, é o meu local de votação, na praça em frente à casa da minha avó materna, Dona Maria, onde, quando criança, jogava futebol entre bicicletas apressadas, cães vadios e chicletes que comprávamos de uma outra Dona Maria. À noite, as crianças não podiam brincar lá fora. Eram os irmãos mais velhos que ocupavam as ruas, de bicicleta, vendendo algo aos transeuntes apressados. Votar, para mim, é voltar às cenas da infância, aos jogos do dia e ao medo da noite.

“A festa da democracia”, dizem. Durante algum tempo, fez sentido para mim. Confetes, os milhares de papéis no chão que costumávamos levar para fazer bigodes ou chifres nos políticos. Ninguém parecia se preocupar com a votação, todos traziam o nome de seu candidato num pedaço de papel para lembrar de seu número ou pegavam um panfleto qualquer no chão, heranças da nossa ditadura, quando até podíamos votar, mas não adiantava nada. Havia vestígios da ditadura no Brasil.

A eleição de Bolsonaro me lembra os pobres, os negros e os periféricos da minha infância, minha origem social e familiar, aqueles que entendem a política como uma festa da elite na televisão, porque a vida é em sua essência, como sempre, muito difícil. Há um ditado que diz que, se a voto mudasse alguma coisa, teria sido proibido, e mesmo que mude alguma coisa, há aqueles para quem nada muda. Além disso, a revolução parecia ser um insulto aos ouvidos dos reformistas dominantes. O golpe de Estado de 2016 revestido de legalidade já anunciava as eleições de 2018. O golpe de misericórdia foi impiedoso: tantos sentimentos pulverizados que os reduzir ao ódio ou à vingança seria puro psicologismo. A psicanálise poderia oferecer uma antropologia da política e uma etnologia das eleições, porque o voto é uma expressão de localização social, de classe, de raça e de gênero, um projeto para o futuro, com pressa de se afirmar. Durante os resultados, ouvi no rádio um dos meus comentadores

¹³ Doutorando em cotutela, Christian Duncker, USP, São Paulo, e Julia Borossa, Middlesex University, Londres. Tema : “Psicanálise durante a ditadura militar (1964-1985). História, clínica e política.”

favoritos dizer, “A vida está realmente mudando... quero dizer, para pior.” Chorei. Digo aos jovens sem dinheiro no banco, sem pais ricos e vivendo ao longo da costa, nada é divino, nem maravilhoso, nem misterioso. Continuamos na Praça, Donas Marias, futebol, crianças, irmãos mais velhos, cães vadios e transeuntes, para o desespero dos neofascistas no poder, resistimos, dia e noite, a luta, como sempre.

UM ATO “WHATSAPPICO”?

Denise Maurano¹⁴

Eis que como um tsunami, sem que pudéssemos imaginar, a onda Bolsonaro foi crescendo, e com ela, para muitos de nós, um intenso afeto foi nos tomando. Não se tratava de angústia. Era mesmo a agonia, dessas que acompanham os momentos derradeiros.

Essa agonia se espalhou por todos os espaços e nisso, não poupou os consultórios de psicanálise. A cena política invadiu todas as intimidades e pôs a nu o debate que báscula entre a neutralidade, a negligência e a abstinência do analista. Nós analistas, fomos premidos, de diferentes modos, a nos pronunciarmos, seja na cena pública, seja na privada. Nesse contexto, na clínica, quatro tipos de experiência me marcaram. Numa delas escutar a defesa do bolsonarismo, consonante com o estilo do paciente, exigia de mim uma abstinência resignada. Na outra, ouvir acerca do ressentimento quanto ao ex-presidente Lula e seu partido, ensurdecia a analisante quanto às informações acerca do candidato salvador. O não querer ver, não querer escutar, me permitia um questionamento a respeito. Tanto a paixão ressentida, quanto o não querer saber, para manter a esperança num mestre salvador, puderam ser tocados. O que me propiciava uma abstinência que poderíamos chamar de investigativa.

Outra experiência foi a que mais pôs em risco a abstinência. Aquela do espelhamento identificatório, onde vivíamos o risco de nos colocarmos em tal concordância com as críticas e o discurso político do analisante que a escuta efetivamente analítica ficava secundarizada no calor da sideração pela paixão política.

Mas foi com Ester, que tive a provocação mais instigante. Ela havia feito um belo percurso de anos de análise, e há alguns meses, dando-se por satisfeita, resolveu que era hora de parar. Efetivamente, sua posição na relação com a vida havia se transformado completamente. Anos atrás, indicada por um médico, ela havia chegado a mim em surto, com um diagnóstico de psicose. Médica notável, contando em torno

¹⁴ Psicanalista, Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, professora.

de 60 anos, diretora de um hospital público, ao qual ela havia se dedicado integralmente com todo rigor e disciplina, ao ver seu serviço desmantelado e tendo sido premiada a se afastar, se desestruturou. Viu-se paranoicamente perseguida por tudo e todos. Não imaginava como poderia existir sem "o seu serviço", como dizia, e por vezes, acordava à noite apavorada com a sensação física de estar dormindo, não com seu marido, mas com seu pai. Tomada de um grande amor por este último, até mesmo a escolha da profissão, tinha sido decorrente da tentativa de salvá-lo de um câncer fatal.

Bastante colaborativa com a análise, a transferência pode funcionar e o trabalho fluiu de vento em popa. Efetivamente, o diagnóstico de psicose revelou-se completamente equivocado. Ester transpirava histeria. Numa ávida relação com o saber, surpreende-se um dia, quando escuta de si mesma, referindo-se à sua saída do "seu serviço": - "Não é nada fácil sair do meu quartel general." Sublinho o significante "quartel general" e imediatamente, ela o associa à sua relação com seu pai e se dá conta de que pautou sua vida pela disciplina militar dele, que havia sido general do exército e participado ditadura. Dizia ressoar nela a frase repetida por ele, aos filhos: "- Cuidado, porque como general, serei eu, que pagarei pelas faltas de vocês." Apercebe-se que a extrema rigidez tanto consigo mesma, quanto com os outros, a qual sempre se submeteu, lhe custava muito, porque não a reconhecia como sendo algo que estava na sua natureza. Surpreende-se ao reconhecer nisso, uma estratégia para seduzir seu pai, fazer-se tal qual ele. Da mesma forma que quando criança ia com ele pescar e fazer todos os programas "de menino", a fim de conquistar o lugar de favorita.

Estão ao "sair do quartel general", teve que se haver com o luto por sua morte, que estava por ser feito, já que na época do falecimento do pai, desviou-se da dor casando-se com um homem semelhante a seu pai e entrou no hospital, do qual veio a tornar-se diretora, "tolerância zero", fazendo-o tal qual seu pai.

Estou contando essa história porque, essa mulher que valeu-se da análise, "mudando da água para vinho", como ela se orgulhava em dizer, decide "finaliza-la", reaparece um ano depois, na época que antecedeu as recentes eleições, via mensagens de apoio a Bolsonaro, a mim enviadas por WhatsApp. O que muito me

surpreendeu, não apenas pelo percurso acima descrito, como também pela escolha do serviço público e a dedicação às causas sociais.

Me abstive de responder, tal como fiz com tantos outros, mas, no caso de Ester, depois da terceira mensagem que ela me enviou, me dei conta que todas, tinham em comum, um apelo à organização militar. Bolsonaro parecia encarnar a volta do pai militar.

Foi então que, frente a particularidade desse caso, no qual o militar não era qualquer coisa, percebi que me manter abstinente, sem nada responder seria ser negligente. Fiz então um ato “WhatsAppico”. Mandei-lhe uma mensagem dizendo: - “Ester, vale o caminho de volta ao quartel general? Gostaria que viesse me falar disso na sua análise.”

As mensagens pararam. Até agora silêncio total. Vamos ver o que segue.

Não foi sem hesitação que enviei essa mensagem, até porque, sendo a transferência uma via de mão dupla, havia nessa intervenção, uma ponta de satisfação por ter sido autorizada a intervir. Uma esperança inconfessável, mas aqui confessada, de demovê-la de ir na direção do Bozo e, ao mesmo tempo, um alívio por ter podido me manter abstinente, fiel a ética que nos move.

Todos fomos postos à prova, nessa tempestade política que nos assolou, e que mantém o céu carregado e cinzento, mas que nos dá oportunidade de estabelecermos o mais precisamente possível a fronteira entre a negligência irresponsável, na qual o analista se ensurdece e se esconde no medo de seu ato; a neutralidade hipócrita, na qual exhibe a falsa posição de não ter posição; e a abstinência necessária que sustenta nossa ética. Afinal o “eu” do analista, tem mesmo que ficar pendurado na sala de espera. É somente dessa última posição, que podemos intervir em consonância com a divisão que e se faz absolutamente indispensável entre a pessoa que somos, e a função que ocupamos. Vamos em frente!

ENTRE O MEDO E A PARANOIA ENTRE HASHTAG E INTERPRETAÇÃO

*Liana Albernaz de Melo Bastos*¹⁵

O agravamento da crise e a campanha presidencial trouxeram a política de volta ao meu gabinete, com pacientes de classe média.

A política através das redes sociais expandiu-se. Uma das resistências mais fortes ao candidato de direita veio de grupos de mulheres. O programa misógino e homofóbico reuniu-as sob a hashtag #EleNão e gerou manifestações de mulheres em todos os lugares, reunindo milhares de manifestantes de minorias atacadas.

A extrema-direita fez uso extensivo das *fake news*. Um dos seus alvos eram os movimentos de mulheres. Imagens pornográficas foram associadas a elas desqualificando o feminismo. O discurso moralista encontrou eco nos movimentos pentecostais.

Durante as eleições, a polarização do país tornou-se radical. A eleição do candidato de extrema-direita significou que aqueles ameaçados por declarações fascistas tentaram se proteger. Criámos uma nova hashtag, #ninguém deixa ninguém para trás. Oscilamos entre medo e paranoia.

IMEDIATAMENTE ANTES DAS ELEIÇÕES

L. é uma jovem que sofre de grave doença autoimune quiescente, com grandes dificuldades de associação e lacunas de pensamento. Até então, a situação política não tinha surgido durante suas sessões.

L.: “Ontem foi meu aniversário, meu marido e eu decidimos não comemorar com nossos amigos. Tínhamos medo das discussões. (pausa longa). Você sabe, muito ódio...”

¹⁵ Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise, professora de Psicologia Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Eu: “#EleNão. #VocêSim.”

L. sorri, aliviada.

LOGO DEPOIS DAS ELEIÇÕES

A filha de R., adulta, voltou a morar em casa, tendo perdido o emprego. Ontem à noite, chegou com uma amiga, que tinha sido agredida pelo noivo, saiu de casa sem nada.

R: “Esta humilhação terrível das mulheres. Ainda mais agora, com este novo presidente... o nosso sofrimento é total. (Ela chora). Já não sei o que fazer para ajudar minha amiga.”

Eu: “Ninguém deixa ninguém para trás.”

R: “Lembro-me das humilhações que sofri quando criança e com X (o seu ex-marido, que a maltratava, daí a sua vinda à análise). Consegui sair disto. Encontrei forças...”

Que saiba que não está sozinha.

EU, MIRIAM, NEGRA, PSICÓLOGA, PETISTA

Miriam Oliveira Sousa¹⁶

Nasci em 1958 na favela da Rocinha, Rio, e meu irmão dois anos depois. Meu pai era guarda florestal, negro, compositor de samba; minha mãe era mestiça, dona de casa, católica praticante, nascida em Pernambuco, de onde partiu ainda criança com sua família, camponesa em busca de uma vida melhor aqui no bairro de Deodoro.

Minha mãe e meu pai mudaram-se para a Rocinha. Quando criança, mudamos para a favela da Gávea. Nossas condições eram precárias, mas adorava ir à praia com nossa mãe. Também visitávamos meus avós. Minha avó lia jornais em voz alta, comentava notícias, contava histórias de invasões holandesas, do cangaço de Lampião. Meus avós viviam de sua horta e da quinta, em casa de barro, com água vinda de poço natural. Quando eu tinha cinco anos, tivemos que mudar para a favela da Cité Alliance por causa da “reforma urbana”. Meu pai vivia de trabalhos próximos ao hipódromo até se tornar guarda de praças e jardins, enquanto continuava pagando contas do final do mês com venda de frutas nas praias. Meu irmão e eu fomos para a escola comunitária, sonhando em aprender inglês, mas nossas condições financeiras não o permitiam. Só muito mais tarde pude ir para a universidade, graças a programas de assistência a estudantes pobres.

Formei-me em política na Igreja, com a chegada de um sacerdote italiano que nos introduziu à Teologia da Libertação, à história do Brasil, que nos falou da ditadura, de música popular, que nos levava ao teatro, às colônias de férias. Desenvolvemos um pensamento crítico e começamos a militar na comunidade, por nossos direitos e por melhores condições de vida.

Em 1980, criamos o Partido dos Trabalhadores. Em 1989, fui para a universidade; afastei-me da militância, mas continuei com o partido. Em 1995, formei-me em psicologia, psicodrama psicanalítico.

Trabalhei em serviços integrados de saúde mental no Sistema Único de Saúde (SUS) promovido por Lula entre 2003 e 2011, depois por Dilma. Trabalhei em Centros

¹⁶ Psicóloga clínica, ativista, desempregada.

Psicossociais com pessoas com doença mental, sem internação, na Saúde da Família, localizadas em áreas residenciais, com enfermeiros e médicos de família, um sistema de prevenção focado no paciente como sujeito, espinha dorsal da expansão de serviços nunca vista no Brasil. Com a Assistência Social, foram garantidos os direitos da população vulnerável de rua, crianças, adolescentes, adultos e idosos, cuja prioridade era reinserção comunitária e atendimento humanizado.

Em 1996, nasceu minha filha Sara, negra como eu. Ela estudou nas melhores universidades através de programas de ajuda a estudantes desfavorecidos, inglês na Cultura Inglesa, com bolsa de estudos integral, para o francês na Aliança Francesa. Ela estuda e faz seus estágios, enquanto trabalha como recepcionista em grande hotel.

Com o golpe de Estado institucional contra Dilma em 2016, o mercado de trabalho entrou em crise, fui demitida após a eleição de um governador evangélico, que não está interessado em programas de saúde, assistência e educação. As eleições confirmaram o golpe de Estado e o desmantelamento de tudo o que foi feito durante muito tempo. Estou de volta à militância e à participação em grupos de resistência política.

VISÃO GERAL DO IGNORÓDIO NO BRASIL

Antonio Quinet¹⁷

No Brasil, um discurso fascista que autoriza, banaliza o mal e finalmente o legaliza está no poder. A intolerância à diferença está se tornando a regra e permite que eleitores conservadores de Bolsonaro cometam atos de violência contra gays, negros, mulheres, opositores do pensamento único que se impõe, apaixonado. Quem o apoia, se orgulha. São tempos de incitamento a uma política de ódio, combinando duas paixões - ódio e ignorância. É o *ignoródio*. O debate torna-se insulto, a razão, violência, os argumentos, as mensagens enviadas massivamente online, a imbecilidade, visando o estabelecimento do Estado neopentecostal com destruição da saúde e educação públicas, e estabelecimento de um governo ultraliberal, que vê “comunistas” em todo o lado e considera que educação sexual nas escolas é “doutrinação homossexual” e imposição de “ideologia de gênero”. Que resiste é alvo do *ignoródio*.

O *ignoródio* é fundamento da ignomínia, cujo alvo é o outro, destituindo-lhe de seu nome de sujeito, tratando-o como abjeto, seja uma mulher, com o machismo, ou gay, com homofobia, ou negro, mestiço, índio, para os racistas.

A base do racismo é o ódio pelo gozo do Outro, diferente do meu. O negro é hostilizado devido à sua “malícia” e “promiscuidade”, por “não ser sequer útil à procriação”, o gay por seu gozo fora da norma porque “não foi punido”, o índio por sua “indolência”, e as mulheres por serem “ordinárias”. A direita quer forçar os gays a regressarem ao armário, as mulheres a regressarem às pias, os negros às senzalas e os adversários às prisões escuras ou ao exílio.

Os filhos do pai de *Totem e Tabu* mataram o tirano do mito freudiano; os filhos do pai fascista identificaram-se cegamente ao “Mito” (como fanáticos chamam Bolsonaro) e perseguem seus inimigos, procurando “acabar com preguiçosos”, cumprindo a promessa de “fazer uma limpeza como nunca vista”. Este projeto

¹⁷ Psicanalista, Fórum do Campo Lacaniano, psiquiatra, doutor em filosofia, professor de doutorado em psicanálise da Universidade Veiga de Almeida, dramaturgo.

eugenista visa limpar qualquer gozo anômalo e instalar ordem e progresso em nome da família, da pátria, de Deus e do capital.

Cabe-nos a nós, psicanalistas no Brasil, o dever de lutar pela diversidade do impulso sexual, pela livre associação de cidadãos e ideias, contra a rejeição do saber, pelo sujeito do desejo que é também sujeito da história, e pela singularidade do sintoma de cada um, por sua maneira de desfrutar de seu inconsciente.

DA FRENTE AMPLA AO POPULISMO PSICANALÍTICO EMERGÊNCIAS POLÍTICAS

Prado de Oliveira

O EBEP (Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos), correspondente brasileiro do Espaço Analítico, tem desempenhado um papel importante no Rio de Janeiro na mobilização de psicanalistas face à catástrofe política que se abate sobre o país, em pelo menos três ocasiões cruciais.

Enquanto muitas instituições estavam redigindo textos similares, coube à EBEP desenvolver e disseminar um Manifesto de Psicanalistas Brasileiros pela Democracia¹⁸. Cerca de setenta instituições psicanalíticas brasileiras o assinaram, comprometendo-se a lutar pelos princípios democráticos. A intimidade entre política e psicanálise tornou-se óbvia. Mesmo que sempre tenha existido e marcado as origens da psicanálise, agora no Brasil ela explodia com a mesma urgência própria que tomou os pioneiros da disciplina em Viena. Os livros ligando política e psicanálise se multiplicavam¹⁹.

Neste clima de urgência, enquanto em São Paulo o Fórum do Campo Lacaniano e os professores de psicanálise da Universidade de São Paulo, reunidos em torno de Marilena Chaui, Vladimir Safatle e Christian Duncker, convocavam reuniões, no Rio o Manifesto foi utilizado pela EBEP para convocar uma primeira assembleia reunindo cerca de 200 psicanalistas, para discutir a convocação de uma segunda reunião, dirigida desta vez a instituições psicanalíticas, visando organizar uma Frente Democrática; convocando os psicanalistas a se instalarem nas ruas, com o povo, entre os dois turnos da eleição presidencial. Criou-se também uma lista de participantes do encontro no WhatsApp, com o objetivo de divulgar rapidamente

¹⁸ Na França, assinaram e divulgaram este manifesto, *Œdipe*, com Laurent Levaguerèse, Appel des appels, com Roland Gori, Espace Analytique, com Alain Vanier, Société de psychanalyse et médecine, com Danièle Brun, *Psychologie clinique*, com Olivier Douville, reunidos na lista “Démocratie Brésil”, com Prado de Oliveira.

¹⁹ A título de ilustração: J. Birman et C. Hoffmann, *Psicanálise e Política: uma nova leitura do populismo*, 2018; M. Debieux Rosa, M. da Costa e S. Prudente, *As escritas do ódio, psicanálise e política*, 2018; “Política I”, *Revista Brasileira de Psicanálise*, sob a direção de M. Massi, 2018, primeiro de uma série de três números dedicados ao tema.

informações e tornar presente o grupo para psicanalistas disseminados em todo o Brasil.

Esta lista usando as redes sociais, “Psicanalistas Unidos”, ligou-se a uma lista similar criada em São Paulo, “Psicanalistas Democracia” e em Paris, “Brasil Democracia”. As 3 listas somam hoje mais de 300 participantes.

Quanto ao convite feito aos psicanalistas para irem ao povo, saindo de seus consultórios e indo às praças, “Psicanalistas na Praça” ou “nas Ruas”, muitos de nossos colegas foram às praças do Rio com placas indicando quem eram, psicanalistas, cadeiras e bancos para receber interessados e discutir o sofrimento causado por campanhas políticas animadas pelo ódio. “Você está sofrendo com as eleições?” “Vamos conversar?” - diziam os cartazes.

Há anos já encontrávamos pequenos grupos psicanalíticos cujas denominações se referiam à psicanálise populista, como “Psicanálise na Praça” no Rio Grande do Sul, “Psicanálise na Praça Roosevelt” em São Paulo, “Psicanálise na Rua” em Minas Gerais, e até mesmo um “Psicanálise no Jacarezinho” (favela). “Comunidades” e “periferia” tornaram-se as palavras de ordem de um populismo psicanalítico revolucionário, antes dos grandes encontros no Rio de Janeiro ou em São Paulo. “Populista” originalmente se refere ao movimento de instalação dos intelectuais junto ao povo na Rússia czarista, por volta dos anos 1870. Mais tarde, lá pelos anos 1950, a palavra passou a incluir outro significado, significando agora políticas demagógicas de dirigentes populares.

O futuro anuncia-se perigoso para a psicanálise e para o povo brasileiro. Os psicanalistas têm-se colocado na primeira linha de enfrentamento destas ameaças à democracia graças ao Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, ao Fórum dos Campos Lacanianos e a Sociedade Brasileira de Psicanálise.

O BRASIL MOSTRA A CARA

Vera Iaconelli²⁰

Depois de uma luta incessante durante as últimas eleições, buscando enfrentar um espetacular movimento retrógrado, saímos abatidos e perplexos, diante do impensável: o discurso e a reza lamentáveis de Jair Messias Bolsonaro. “Incrédulos” seria uma palavra fraca para descrever a nossa condição.

Escrevo chocada de ter reconhecido nosso descuido diante dos sinais que circulavam por toda parte, anunciando o que estava por vir, prisioneiros da ilusão do discurso democrático, inclusivo e sensível às minorias, bem como da ilusão de falar aos brasileiros na nossa transmissão da psicanálise, quando estávamos na verdade apenas falando a nós mesmos.

Caetano Veloso (1978) nos advertiu quando cantou que “Narciso odeia o que não é seu espelho”. Vivendo entre nossas universidades e nossos escritórios frequentados por nossas elites ignoramos a ameaça, nosso passado escravagista, misógino e de classes, acreditando no poder da lei, que pode ser transgredida, modificada, oposta. A criação de uma consciência ampla e o reconhecimento aprofundado da nossa história não teria sido possível sem confrontarmos nosso passado recente, marcado pela tortura e pela ditadura. Tivemos raros momentos de democracia em quinhentos anos de história.

Em meu consultório, coisa rara, no início de cada sessão, um analisando após outro, todos sublinhavam o desespero da situação com frases idênticas, angústia palpável. Então, todos experimentaram o evento comum a partir de sua própria perspectiva singular. Nesta triste ocasião, aprendemos sobre as ligações entre estrutura e história.

Reunimo-nos com o objetivo de criar uma frente de Psicanalistas pela Democracia sem a pretensão de falar em nome da psicanálise, mas em busca de vínculos que nos fortaleceriam diante da ameaça de uma proibição da própria

²⁰ Psicanalista, membro do Fórum do Campo Lacaniano, jornalista da *Folha de São Paulo*, autora de *Mal-estar na maternidade, do infanticídio à função materna*.

psicanálise. Superamos nossas divergências em nome da luta comum contra a barbárie.

Atravessando o tempo da compreensão, no luto de nossas ilusões, chegamos ao momento da conclusão. O mais significativo foi então a abordagem singular de cada um nas ruas. Com uma cadeira e um cartaz, saímos de nossos consultórios e nos dirigimos ao povo. Nossos cartazes diziam: “Vamos falar de política?”, “Tem dúvidas sobre o voto?” E as respostas eram muito mais ricas do que as das nossas redes sociais. Conseguimos até acreditar em nossa capacidade de mudar realidades.

Devemos permanecer presentes em nossas ruas, contando com a psicanálise em extensão, sem perder de vista a psicanálise em intenção. Terminando nosso isolamento, devemos mover nossa escuta bem além dos muros entre os quais nos trancamos em nossas torres de marfim.

PSICANÁLISE NA PRAÇA

Vera Iaconelli
Prado de Oliveira

Na Praça Roosevelt, psicanalistas oferecem sessões gratuitas. Um adolescente aproxima-se e pergunta se pode ver um psicanalista. Seu nome está na lista de espera. O sol queima, meio-dia, centro de São Paulo. Pirâmides de cadeiras empilhadas, cartaz dizendo “Consultas de psicanálise sábado de 11 a 15”, psicanalistas e pacientes se afastam em busca de um lugar para sentar-se e conversar. Aterrissarão onde sombras os receberão e uma sessão de análise gratuita será realizada para falar sobre si mesmo e ser ouvido. Nada é gratuito para quem é socialmente desfavorecido porque sua escolha custa transporte, tempo, disposição, esforço e coragem.

Pouco mais longe, cadeiras em círculo, psicanalistas organizam grupos abertos de estudo. Quase sempre um sem-abrigo se achega e escuta atentamente. Eles também se quiserem são recebidos o mais rapidamente possível. Para organizar as filas e contar o número de sessões, o caderno vermelho com os nomes de quem está à espera, nomes marcados à medida que avança a tarde. Moradores de outros bairros, tendo visto a oferta no Facebook ou ouvido falar de boca em boca, vêm à Praça, às vezes com um psicanalista fixo, às vezes com os que estão disponíveis. Às vezes são pacientes encaminhados por serviços públicos sobrecarregados, numa curiosa inversão.

De modo a não perturbar o espaço público, o coletivo de Psicanálise da Roosevelt teve que conquistar a confiança de sindicatos e porteiros dos imóveis, de policiais das proximidades e aprender a evitar a eterna curiosidade daqueles que tentam se aproximar para ouvir conversas íntimas. A Praça e a sua vida cotidiana constituem o quadro das sessões.

Um teatro próximo abre-lhes as portas gratuitamente em dias de chuva, um vizinho guarda as cadeiras, libertando os psicanalistas desta cruz diária.

O coletivo de Psicanalistas da Praça Roosevelt é formado por jovens com sólida formação universitária, das melhores universidades, que escreveram artigos em revistas especializadas. São apoiados por psicanalistas de renome, seus supervisores. Outros coletivos oferecem esse mesmo tipo de trabalho em São Paulo e em outras capitais brasileiras. Estes grupos, embora inspirados por diferentes teorias, mantêm intercâmbios sobre questões fundamentais relacionadas com as suas práticas, tecido essencial de apoio mútuo.

A psicanálise nasceu e desenvolveu-se supostamente isolada do mundo, segundo o modelo da consulta médica tradicional da histeria, incluindo o uso do divã. Abandonando-se a esse dispositivo confessional, os psicanalistas se prestaram a ser fagocitados por uma medicina cujos médicos eles frequentemente denunciavam. Os jovens hoje revolucionam essa prática, propondo um quadro radicalmente diferente do da medicina tradicional, mais próximo das tradições populares, à vista de todos, mas preservando a intimidade do colóquio singular. Mantendo a associação livre de seus interlocutores e sua própria atenção flutuante, sua prática permanece tão psicanalítica quanto qualquer outra. Não são solução para o problema da saúde mental no Brasil, mas oferecem um modelo de ação coletiva solidária no espaço público, hoje dolorosamente carente. No meio de um verão quente, são uma lufada de ar fresco. Que nossos nomes estejam entre os deles.

RESISTÊNCIA DOS PSICANALISTAS NO BRASIL

REVER A HISTÓRIA DA PSICANÁLISE²¹

Prado de Oliveira

Quem se interessa por política, base de nossa vida comum, sabe que se estabeleceu no Brasil um regime de extrema direita, fascista e colonial. País de progresso, cordial, acolhedor e caloroso, cheio de inovações culturais até há pouco tempo, o Brasil é hoje um país em extrema regressão, banhado em ódio e na exclusão do outro. O país da mão aberta torna-se o país do punho fechado, cujos dedos apontam um ameaçador revólver.

Diante dessa loucura, assistimos ao surgimento de movimentos populares dos quais psicanalistas participam de forma inédita, abandonando tradicionais brigas e divergências. Dez deles, ou amigos da psicanálise, contribuíram para “Psicanálise na tormenta: brasileiros testemunham”²². Alguns destes artigos evocam a experiência de uma psicanálise “de rua”, que desde então se afirma e se confirma.

Traumatizados pela extensão e profundidade do trabalho cultural e pedagógico realizado pelos teólogos da prosperidade e pelas novas igrejas neopentecostais, os psicanalistas finalmente compreendem que este trabalho poderia e deveria ter sido deles. A partir daí, eles se estabelecem no povo, recuperando o antigo significado original da palavra populista. O Brasil vive assim uma experiência interessante: clínicos desafiam antigas estruturas médicas alienistas adotadas pela psicanálise, com seus divãs e discretas iluminações, e propõe novas estruturas, próximas das tradições populares, acolhendo pacientes sob árvores frondosas como curandeiros faziam na África, ou nos cantos e recantos de praças, criando experiência de psicanálise de rua. Outros integram decididos movimentos de massa que despertam ou se consolidam, como o movimento de Psicanalistas Unidos pela Democracia (PUD)

²¹ O presente artigo não faz parte da edição da *Revue Psychologie Clinique*. Foi enviado diretamente pelo autor e em razão de sua afinidade com o tema a editora decidiu inseri-lo nesta coletânea.

²² *Psychologie Clinique*, 47, 2019/1, 181-194.

no Rio²³ ou Psicanalistas pela Democracia em São Paulo. Psicanalistas agora vão às ruas ouvir moradores, alvos da política genocida desencadeada pelo atual governo, ou participam da criação de novo espaço público onde sua prática é revelada e demonstrada, exercício de conversa, em sintonia com a paixão dos brasileiros.

As notícias chegam e não param de chegar. Em Brasília, psicanalistas atendem em estações rodoviárias ou na beira do lago²⁴; em Porto Alegre, é na Praça do Centro Histórico²⁵; em São Paulo, a Praça Roosevelt é transformada em divã ao ar livre²⁶; em Cuiabá, no Mato Grosso, psicanalistas recebem a céu aberto²⁷.

Em 2016, ano do golpe civil de Estado, Gabriel Tupinambá, do Círculo de Estudos Ideológicos, que busca tratar de questões psicanalíticas com os sindicatos, apresenta um “Projeto de Psicanálise Popular ou: É necessário ser comunista para ouvir o sofrimento social?” Sabe ele que reproduz velhas preocupações de Wilhelm Reich, apoiado por Freud²⁸?

Jovens associações de psicanalistas se unem às mais tradicionais, organizando reuniões conjuntas em defesa da democracia ou o colóquio “Política da Psicanálise”, onde Marta Ferreira apresenta um emocionante “O psicanalista no intenso agora”, questionando a prática da neutralidade analítica enquanto fuga de responsabilidades políticas, como o fizera Denise Maurano em seu artigo “Neutralidade, negligência, abstinência do analista”²⁹,

A excelente revista mexicana *Teoría y Crítica de la Psicología*³⁰ abre suas páginas aos brasileiros em 2019 e é uma colheita de artigos e autores que questionam antigas e expõem novas práticas: “A experiência brasileira da psicanálise de rua”³¹; “Notas sobre o horizonte crítico da psicanálise de rua”³²; “Relatório da experiência da

²³ Lançados no Rio pelo Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP) e em São Paulo por professores da USP, esses movimentos reúnem hoje cerca de uma centena de instituições psicanalíticas de todas as tendências.

²⁴ *Correio Braziliense*, 21.06.18

²⁵ *Gaúcha Atualidade*, juillet 2019.

²⁶ *Folha de São Paulo*, 4 février 2019.

²⁷ *Globo.com*, 7 février 2019

²⁸ S. Freud, P. Federn, *Cartes postales, notes et lettres (1905-1938)*, trad. B. Lévy et C. Woerle, Paris, Ithaque, 2018, pp. 140, 148.

²⁹ *Psychologie Clinique*, op. cit., pp. 186-187.

³⁰ <http://teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/issue/view/15>, Facultad de Psicología de la Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, Morella, Michoacán.

³¹ Augusto Coaracy e Thessa Guimarães.

³² Thessa Guimarães, Ronai Jardim.

psicanálise de rua”³³; “Experiência clínico-política num espaço público”³⁴; “Questões subjacentes à psicanálise em territórios de violência política”³⁵. É impossível mencioná-las todas, mas não esqueçamos “Pulou a catraca e foi ao psicanalista”³⁶. Recentemente, uma após outra, às formulações sobre uma experiência de psicanálise de rua na Praça Roosevelt³⁷, apresentando impressionante teorização ético-psicanalítica, se contrapõe entrevista mais pragmática, próxima à prática³⁸. Os gêneros não são os mesmos, é claro, mas a pergunta insiste: que língua falam os psicanalistas? Gíria técnico especializada ou idioma corriqueiro, próximo dos assuntos que pretendem abordar? Sendo a psicanálise filha de pensadores europeus distantes, não se familiariza com pensadores próximos de onde se encontra, capazes de revigorá-la com rica linguagem de inspiração popular, como, no Brasil, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos ou Machado de Assis? Já foi assinalado que a psicanálise nasceu e cresceu durante muito tempo com linguagem fluida e acessível. A prosa de Freud é mais próxima da de Schnitzler do que da dos cientistas de seu tempo, inclusive Ferdinand de Saussure, que ignorou. Da mesma forma, pode o imaginário de referência teórica da psicanálise de rua ficar confinado ao eterno eixo Freud-Lacan, ou deve abrir-se e incluir outros pensadores? Quando um Congresso Internacional de Educação Popular convida psicanalistas de rua a compartilhar suas experiências, seria interessante interrogar as possíveis pontes entre psicanálise e o pensamento de Paulo Freire, por exemplo, pois em ambos os casos o saber reside com o sujeito e não com o especialista. Seja como for, a partir de agora, essas experiências de resistência nos desafiam a rever nosso percurso.

REVENDO A HISTÓRIA DA PSICANÁLISE

Para compreendê-los melhor, somos levados a rever a história da psicanálise, que deixa de ser uma história da burguesia vienense e volta a ser a história da

³³ Tainá Pinto.

³⁴ Adriana Marino e Augusto Coaracy

³⁵ Anna Turriani

³⁶ Daniel Guimarães, *OutrasPalavras*, 1/2019.

³⁷ Adriana Marino e Augusto Coaracy, “Psicanálise na Praça Roosevelt: formulações sobre uma experiência”, *Lacuna*, 1, 2020.

³⁸ Marta Ferreira, Lauro Baldini, Marcos Barbai, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, e Tykhe Associação de Psicanálise <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/01/20/coletivo-leva-psicanalise-e-acolhimento-estacao-cultura-em-campinas>

ascensão social dos imigrantes da Galiza, o terceiro mundo esquecido do Império Austro-Húngaro. Pois tem as suas raízes entre os subalternos deste mundo atrasado, entre os judeus colonizados que emigram para o centro do Império, ajudando os subalternos e os reprimidos a falar, antes de reivindicar a ascensão à respeitabilidade burguesa e à sua ciência, onde correu o risco de perder a sua alma. Onde estava até a alma dela? O projecto de descolonização destes imigrantes equivalia ainda a identificarem-se com o colonizador, o que fizeram de forma tão completa que a partir daí, embora conhecendo as suas origens, foram esquecidos nas suas consequências. E a história da psicanálise também se torna uma história burguesa.

Como outros fizeram na Alemanha nazista, com o apoio de Freud, os psicanalistas brasileiros estão hoje assumindo o que pode ser revolucionário na psicanálise. Pode ser revolucionário sem política? Podemos superar nosso passado traumático e traumatizado de escravidão, colonização e guetos sem interesse na política e sem a contribuição da psicanálise? E pode a psicanálise retornar ao que era revolucionário sem retornar ao seu núcleo original do sonho de descolonização?

Lembramos que Ernst Federn praticou psicanálise em campos de concentração onde esteve internado por quase dez anos, a partir de 1936³⁹? E para onde Freud lhe enviou dinheiro através do seu pai, Paul Federn. Na verdade, os psicanalistas sempre foram capazes de manter viva sua disciplina, mesmo em condições extremas. Para isso, tiveram que romper com quadros estabelecidos, tanto institucionais como médicos, a fim de criar outros quadros mais capazes de responder a novas ameaças; também tiveram que enfrentar resistências, não sendo a menor delas, escusado será dizer e é verdade no Brasil, que não eram estranhas às suas instituições, nem à sua compreensão em teoria do que faziam na prática. Herdamos pensamentos que ameaçam a novidade das ações atuais com o peso da especulação antiquada. Por isso é melhor continuarmos atentos aos fatos disponíveis e à incandescência da clínica psicanalítica, prontos a revigorar nossas teorias.

³⁹ E. Federn (1990), *Witnessing Psychoanalysis: From Vienna back to Vienna via Buchenwald and the USA*.

PSYCHOANALYSIS IN HELL - BRAZILIAN TESTIMONY

ABSTRACT

Some testimonies exist about the impact of fascism ascension over the practice of psychoanalysis and the reflections of those close to it. Rarely have they been so intimate with the cyclone. How do psychoanalysts react in their clinic under the impact of virulent hate discourses? And those who are pointed by these discourses, niggers, homosexuals, among others? For we know that hate seek to destroy all that are not his, for it is exclusion at its heights. We present here some answers of Brazilian psychoanalysts and friends to these questions.

KEY-WORDS: Clinic; struggle; populism; fascism; psychoanalysis

LA PSYCHANALYSE DANS LA TOURMENTE

DES BRÉSILIENS EN TÉMOIGNENT

RÉSUMÉ

Des témoignages existent sur l'impact de l'ascension du fascisme sur la pratique de la psychanalyse et sur les réflexions des groupes d'intellectuels qui lui sont liés. Rarement ont-ils été si proches de la tourmente. Comment réagissent les psychanalystes dans leur clinique sous l'impact d'un discours de haine virulente ? Et ceux-là même qui sont pointés par ce discours, les nègres, les homosexuels, entre autres ? Nous savons que la haine vise à éliminer tout ce qui ne lui appartient pas, car elle est exclusion maximale. Nous présentons ici quelques réponses de psychanalystes et amis brésiliens à ces questions.

MOTS-CLÉ : Clinique ; lutte ; populisme ; fascisme ; psychanalyse

RECEBIDO EM 15/12/2019

APROVADO EM 10/02/2020

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

LA QUETE MUSICALE DE L'AUTHEMTCITE : UN TRANSFERT SUR L'INOUI OU PORTRAIT DES « BAROQUEUX » EN AVENTURIERS DU TIMBRE PERDU

Jean-Michel Vivès¹

RÉSUMÉ

L'auteur de cet article s'attache à décrire les phénomènes psychiques qui ont présidé au mouvement baroque où des musiciens ont tenté de retrouver les sons qui étaient ceux qui avaient vu naître les œuvres interprétées. Il se concentre sur la façon dont l'interprète tente d'approcher un son nouveau, non encore advenu, qu'il appelle le « transfert sur l'inouï ». Il y brosse un portrait des « baroqueux » en aventuriers d'un timbre perdu. Leur désir d'authenticité des interprètes serait celui de réentendre des timbres qui n'avaient plus cours. Il approche les qualités de ce timbre à travers le parallèle entre André Schaeffner et Philippe Beaussant, et à travers eux entre les musiques africaines et l'aventure baroque : présence du bruit, du tremblé ou du trouble dans le son, qui aurait le pouvoir de convoquer au-delà de l'enveloppe sonore la dimension du réel.

MOTS-CLÉS : baroque, musique, timbre, transfert sur l'inouï, voix.

¹ Professeur de Psychologie Clinique et Pathologique – Université Côte d'Azur, Membre du Comité Scientifique du Centre Culturel de Rencontre d'Ambronay. Psychanalyste – Toulon. Adresse de correspondance jeanmichelvives@gmail.com

JOUER BACH A SA MANIERE ?

Le terme d'authenticité, qui fut rapidement associé au mouvement musical qui s'attacha à la redécouverte des œuvres issues du répertoire de la musique ancienne et à sa restitution dans les conditions qui auraient présidé à leurs créations, a très tôt été considéré comme suspect². Ainsi, le chef d'orchestre Nikolaus Harnoncourt (1929-2016), qui a grandement participé à ce mouvement, put-il affirmer : « Des mots aussi inoffensifs qu' « authenticité » comportent une nuance négative ; on conteste a priori à ses partisans une pratique musicale engagée, voire, souvent, compétente » (Harnoncourt, 1984, p. 95). Comme on peut le deviner ici, « authentique », pourrait assez vite virer à l'injure... Néanmoins, l'authenticité est une notion qui a orienté et servi de porte-drapeau à la redécouverte de la musique ancienne et à son interprétation. Ainsi, les valeureux pionniers pouvaient-ils prétendre être « authentiques » dans leur approche musicale face aux « réactionnaires » qui interprétaient essentiellement Bach et Haendel avec un orchestre pléthorique, un style hérité du XIXème siècle et sans recourir aux instruments qui avaient servi à faire entendre cette musique³ au moment où elle fut créée.

Tel est le cas de l'immense claveciniste Wanda Landowska (1879-1959) qui aurait affirmé: « Libre à vous de jouer Bach à votre manière ; moi je le joue à sa manière ». Cette affirmation peut aujourd'hui prêter à sourire. En effet, s'il est indéniable que Wanda Landowska (2005) a déployé en son temps d'importants efforts pour interpréter la musique de Bach selon des critères qui lui paraissaient relever d'une réelle recherche d'authenticité⁴, nous sommes bien obligés de reconnaître, malgré toute l'admiration que nous pouvons lui porter, que sa manière d'interpréter Bach relève bien plus de sa manière à elle que de celle de Bach. Du moins telle que nous pouvons nous la représenter aujourd'hui à la lumière des travaux musicologiques de ces cinquante dernières années. Manière qui, sans aucun doute, sera encore bien différente dans cinquante ans, tant elle se trouve autant informée par les recherches

² On a assez rapidement préféré parler d'interprétation historiquement informée plutôt que d'authenticité. L'idée d'historiquement informée étant plus relative et ouverte que celle d'authenticité.

³ Ainsi coexistent, au milieu des années 60, deux versions très différentes des *Concertos Brandebourgeois* de Jean-Sébastien Bach. L'improbable et presque déjà anachronique enregistrement effectué par Herbert Von Karajan en 1966 à la tête du somptueux orchestre philharmonique de Berlin pour la firme Deutsch Grammophon et celui réalisé par Nikolaus Harnoncourt à la tête du *Concentus Musicus* de Vienne composé d'instruments d'époque, deux ans plus tôt en 1964, pour la firme Teldec.

⁴ Son ouvrage paru en 1909 au Mercure de France témoigne de la rigueur de sa démarche.

savantes que par le « goût » d'une époque qui privilégie toujours certaines options au détriment d'autres.

Le choix que fit Wanda Landowska de son instrument, et que l'on n'ose à peine nommer aujourd'hui clavecin⁵ tant il s'éloigne des instruments que nous classons habituellement sous cette catégorie, témoigne suffisamment de cet état d'esprit. Ainsi pouvait-elle affirmer sans en être plus troublée que cela : « Je sais bien que la disposition des registres, sur les clavecins du temps de Bach, différerait quelque peu⁶ de celle de mon Pleyel. Mais que m'importe si afin, d'obtenir l'effet qui convient, j'use de moyens qui ne sont pas exactement ceux dont Bach pouvait disposer » (Landowska cité par Haskell, 1988, p. 99).

À partir de là que peut-on entendre par authenticité si l'on persiste à vouloir utiliser ce terme? Harry Haskell dans son très documenté ouvrage, *Les voix d'un renouveau. La musique ancienne et son interprétation de Mendelssohn à nos jours*, risque un début de définition, justement à partir de la phrase prêtée à Wanda Landowska. Ainsi propose-t-il : « En s'efforçant de jouer Bach comme il l'aurait fait lui-même, Wanda Landowska a surtout réussi à le jouer à sa façon à elle. La fidélité à soi-même ne peut-elle être le début de l'authenticité ? » (*Ibid.*, p. 305).

Si nous comprenons ce que l'auteur tente d'approcher ici à partir de cette délicate notion de « fidélité à soi-même » nous ne pouvons pas ne pas en repérer la dimension peu opératoire. Suffit-il d'être « fidèle à soi-même » pour être sur la voie de l'« authenticité » ? La réponse est non ! Karajan interprétant Bach en 1966 à la tête

⁵ À ce sujet, Harnoncourt ne mâche pas ses mots : « On fabriqua des instruments à clavier de toutes dimensions et dans toutes les gammes de prix, qui étaient construits comme des pianos et dont les cordes étaient pincées par des plectres en cuir dur, et plus tard en différentes matières synthétiques. Ces instruments, on les baptisa « clavecins », alors qu'il y avait entre eux et le clavecin à peu près la même différence de sonorité qu'entre un mauvais violon d'enfant et un Stradivarius. L'erreur passa inaperçue, car les critères faisaient défaut, puisque les musiciens ne savaient pas du tout comment un clavecin devait sonner ». Harnoncourt N. (1982) *opus cité*, p. 97.

⁶ Il s'agit là d'un doux euphémisme. En effet, la firme Pleyel qui construisit un clavecin pour l'exposition universelle de Paris en 1889 s'inspira plus des pianos de concert que des instruments du XVIIIe encore en l'état qui aurait pu servir de modèle. Le Grand modèle de concert utilisé par Wanda Landowska hérite de la technologie développée pour le piano (avec des cordes filées sous forte tension) et s'écarte résolument des clavecins historiques réalisés au cours des XVIIe et XVIIIe siècles. L'aspect général est celui d'un piano à queue. La caisse est lourde et massive, sans fond et avec des renforts de section importante. La table d'harmonie est réalisée en contreplaqué de 3 couches de 2 mm chacune, en épicéa et son barrage est analogue à celui d'un piano. Cet instrument, pour lequel Manuel de Falla et Francis Poulenc composèrent des concertos qu'interpréta Wanda Landowska, possède des caractéristiques sonores si spécifiques qu'il serait bien aventureux de le remplacer aujourd'hui dans ces œuvres par une copie d'instrument du XVIIIe. Toute la question de la singularité de l'articulation de l'instrument, du timbre qui lui est lié et de l'œuvre dans laquelle ils s'expriment est ici posée.

de la philharmonie de Berlin est certes fidèle à lui-même, d'une cohérence absolue avec ce qui le constitue en tant que musicien (beau son, dynamiques et phrasés « romantiques », parfaite justesse d'intonation...), pour autant lorsque l'on écoute aujourd'hui son bel mais étrange enregistrement des *Concertos Brandebourgeois* on se persuade assez aisément qu'il ne saurait être considéré comme « authentique ». Bach reconnaîtrait-il son œuvre ainsi ? Il est peu probable que cela soit le cas. « La fidélité à soi-même » ne saurait donc être le critère qui permet de juger d'une démarche visant une interprétation « authentique ».

Un autre mécanisme, premier et plus subjectif, me semble nécessaire. Mécanisme qui donne son cachet « d'authenticité » à la démarche de Nikolaus Harnoncourt en 1964 malgré les défauts qui ne peuvent pas ne pas nous sauter aux oreilles plus de cinquante ans plus tard, comme par exemple la justesse d'intonation parfois aléatoire qui faisait dire à Jean-Luc Macia dans une discographie comparative des *Concertos Brandebourgeois* de Bach parue dans la revue *Diapason* de novembre 1998 : « cette version reste unique pour sa charge émotionnelle et sa valeur historique plus que pour ses qualités intrinsèques ». Ce qui fut unanimement reconnu et salué et qui divisa les auditeurs est le choc lié aux couleurs et donc aux timbres de l'orchestre utilisé. Ce qui oriente Harnoncourt semble être une mise en avant des instruments originaux même s'ils peuvent surprendre, voire déranger ou choquer l'écoute de l'auditeur. Cette démarche est ce que je propose de nommer : le transfert sur l'inouï (Vivès, 2012). Inouï qui relèverait d'un son non encore advenu, non totalement stabilisé mais que l'interprète tente d'approcher à l'occasion de son interprétation. Inouï que je propose de penser à partir de la notion de timbre. Ainsi, Wanda Landowska, malgré un instrument assez éloigné des clavecins historiques, et Nikolaus Harnoncourt, malgré des instruments historiques parfois encore incomplètement maîtrisés, visent un son au-delà de ce qui est qui immédiatement offert à l'oreille. Certes le résultat n'est pas parfait⁷ et Nikolaus Harnoncourt est un musicien bien trop accompli pour ne pas l'avoir su. Pourquoi s'en satisfait-il alors ? Parce que ce qu'il visait se situait au-delà de ce qui s'entendait. Là où Karajan s'attachait au rendu sonore immédiat quasi parfait pour le plus grand plaisir de nos oreilles, Landowska et Harnoncourt se risquaient à viser un au-delà du principe de plaisir musical et se

⁷ Ce n'est plus le cas aujourd'hui. La facture des instruments anciens et les instrumentistes qui en jouent ont fait d'énormes progrès en plus de 50 ans et un orchestre « baroque », depuis bien longtemps, ne rencontre plus ce type de difficultés.

révélaient orientés par lui. Non un son beau mais un son « juste » jusque dans ses erreurs d'intonation. Ce qui fait qu'aujourd'hui encore, les enregistrements de Landowska et les premières gravures de Harnoncourt ne se réduisent pas à de simples témoignages de l'évolution de l'interprétation de la musique ancienne c'est que nous y percevons cette recherche, certes balbutiante mais assurée, d'un son inouï à partir de la restitution de timbres qui orientaient et mettaient en forme leur quête. Harnoncourt me semble approcher cela lorsqu'il affirmait : « Il s'agit donc de savoir *pourquoi* un musicien se décide pour tel ou tel médium sonore » (Harnoncourt, 1984, p. 98). Après tout c'est bien au sujet de ces timbres qui étaient à nouveau entendus après plus d'une centaine d'années de silence, que détracteurs et admirateurs enthousiastes se déchireront.

LE TIMBRE: DIMENSION REELLE DU SON MUSICAL

Nous devons ici, pour préciser notre hypothèse, définir plus avant ce que nous entendons par timbre, cette notion étant loin de faire l'unanimité⁸. Pour cela, rappelons rapidement quels sont les paramètres musicaux du son :

- La hauteur (un son grave / aigu) mesurable en Hertz qui en détermine la fréquence.
- La durée (un son court / long) mesurable en secondes.
- Le volume, son intensité (un son doux / fort) mesurable en décibels.
- Le timbre qui, selon la définition d'Émile Littré, est « le caractère d'un son indépendamment de son rang dans l'échelle, caractère tenant à des sons harmoniques qui coexistent avec le son fondamental et qui lui forment une espèce d'accompagnement ; cette espèce d'accompagnement, dont l'oreille ne discerne pas les éléments, est précisément le timbre ».

Le dernier paramètre, le timbre, est le plus énigmatique et le plus difficilement cernable des quatre⁹. Contrairement à la hauteur, la durée et l'intensité, il ne se mesure

⁸ Makis Solomos (2013) a effectué un relevé précis de l'évolution de la notion de timbre et des difficultés qui sont associées à son utilisation.

⁹ Jean-Jacques Rousseau qui semble avoir été le premier à avoir officialisé le mot « timbre » dans son acceptation moderne avait très justement repéré cette limite. Ainsi affirme-t-il dès 1767 dans son *Dictionnaire de musique* : « Cependant personne que je sache n'a examiné le son dans cette partie (le

pas et échappe donc à toute possibilité d'être totalement cerné et défini. « On ne saurait d'un seul mot le définir », affirme à propos du timbre le compositeur Charles Koeclin (1867-1950) à l'occasion de son *Traité d'orchestration* (Koeclin, 1944, p. 12). Il est pourtant, et c'est là un de ses paradoxes, immédiatement identifiable. À tel point que le timbre est pour la voix d'une personne l'équivalent des empreintes digitales, on parle d'ailleurs d'empreinte vocale.

Ainsi, le timbre est ce qui fait qu'un son produit à la même hauteur, de même durée, avec la même intensité, ne ressemble pas à un autre, *créant ainsi une vibration unique et singulière*. Le timbre caractérise ce qu'on appelle aussi la «couleur» du son. Celle-ci n'est jamais pure, mais résulte d'un enchevêtrement complexe dans lequel d'autres fréquences sonores (harmoniques, réverbérations) viennent se greffer sur la fréquence initiale. Le timbre dépend aussi du « contour temporel » du son (attaque, chute, tenue, extinction). On ne saurait effectuer la mesure d'un timbre (il n'existe pas d'unité de mesure du timbre), mais on peut afficher son spectre sonore à l'aide d'analyseurs qui identifient et permettent de visualiser les diverses fréquences qui lui sont associées. Deux sons peuvent donc avoir la même hauteur et la même puissance, ils ne peuvent avoir le même timbre.

Le timbre n'est pas connaissable par la mesure directe mais il est par contre reconnaissable. On ne connaît pas un timbre, on le reconnaît. À partir de là, nous serons condamnés pour parler du timbre à utiliser des termes qui introduisent une comparaison avec d'autres sens : un timbre peut être doux ou dur, voilé ou éclatant... On comprend que ce détour obligé par les analogies et autres métaphores pour tenter, vainement, de cerner un timbre puisse indisposer ceux qui voudraient que le rapport au musical puisse s'effectuer sans reste, évacuant ce qui de la musique ne pourrait se dire.

À partir des éléments développés ci-dessus qui montrent que le timbre est ce qui échappe au pouvoir de symbolisation en ce qu'il reste non immédiatement traduisible en chiffres, mesures ou mots nous pouvons affirmer qu'il constitue la dimension réelle de l'instrument ou de la voix qui le produit. Le réel, pour la théorie

timbre) ; laquelle (...) se trouvera peut-être avoir des difficultés : car la qualité du timbre ne peut dépendre, ni du nombre des vibrations, qui fait le degré du grave à l'aigu, ni de la grandeur ou de la force de ces mêmes vibrations, qui fait le degré du fort au faible. Il faudra donc trouver dans le corps sonore une troisième cause différente de ces deux pour expliquer cette troisième qualité du son et ses différences ; *ce qui, peut être, n'est pas trop aisé* ». Cité par Makis Solomos (2013, p. 26. C'est nous qui soulignons).

psychanalytique, est cette dimension du monde qui vient imposer une limite au savoir, limite à partir de laquelle il ne peut être appréhendé mais plutôt cerné et déduit ; le réel dans sa globalité et sa complexité c'est l'impossible à dire. Le timbre relève bien de cette dimension d'impossible : les mots peuvent tenter de l'approcher mais ne réussissent jamais à le saisir. Je fais l'hypothèse que les pionniers de la musique ancienne furent ceux qui avaient le désir d'entendre ce qui n'avait plus été entendu : un violon, une voix, un hautbois dont les timbres n'étaient pas ceux qui s'entendaient alors.

Car c'est sur cette dimension réelle que l'instrumentiste et l'auditeur vont accrocher leur désir d'entendre ce son¹⁰ et non un autre, même si ce son là n'est pas le plus abouti au moment où il est retrouvé et produit. Ce désir de timbre trouve à s'illustrer d'une façon éclatante chez les lyricomanes qui élisent la voix de telle ou telle chanteuse comme étant celle qui les fera préférentiellement vibrer, voire résonner jusqu'à l'extase¹¹. Une illustration de cette *mélomanie*¹² pourrait être trouvée dans les empoignades opposant les admirateurs de Maria Callas à ceux de Renata Tebaldi qui sont restées célèbres. La recherche effrénée d'un timbre élu par l'amateur comme étant le lieu d'où « ça » l'appelle, laisse supposer que ce dernier y entende une réponse. L'amateur y perçoit son objet et tente alors de s'en approcher, voire de s'en emparer¹³...

¹⁰ C'est sur cette question du timbre que se fait également, je crois, le choix d'un instrument de musique chez un enfant qui ne connaît pas encore tout l'étendue de l'*instrumentarium* à sa disposition. Ainsi ma fille, alors âgée de 5 ans, entendant à la radio le concerto pour clarinette de Mozart me demanda le nom de l'instrument qui jouait et affirma avec assurance que c'est de la clarinette qu'elle jouerait. Ce qu'elle fit. On le voit ici c'est un timbre s'exprimant à l'occasion d'un chef d'œuvre le mettant en jeu qui fait appel ici. C'est ce que l'on pourrait appeler le transfert sur le réel du timbre, ou l'inoui.

¹¹ Une scène du *Farinelli* (1994) de Gérard Corbiau illustre avec une grande justesse l'effet du timbre sur le corps de l'auditeur. Le célèbre castrat commence un air et aperçoit une auditrice distraite en train de feuilleter un livre et de boire du thé dans sa loge. Il interrompt l'orchestre et commence à enfler un son qui semble devoir ne jamais finir. La jeune femme devient attentive, palpite, rosit et finalement se rend... extase et jouissance lyriques liées non à une mélodie ou un rythme. Il ne s'agit là que d'une note tenue, c'est donc bien un timbre qui vient toucher l'auditrice et la faire défaillir.

¹²La langue grecque possède un certain nombre de composés en *-manês* (adjectifs) et *-mania* (noms), qui renvoient à diverses formes de folies ou de passions : le mélomane est, étymologiquement, fou de musique (mélôs). La langue n'a pas choisi d'en faire un amoureux de la musique, un « mélophile », mais un maniaque, un possédé... Disons que nos valeureux conquistadors, partis à la recherche du timbre perdu, étaient possédés par cette question. Ainsi pourrions-nous nous risquer à dire qu'ils étaient délicieusement *timbrés*. C'est cette notion de timbre qui, j'en fais l'hypothèse, permet de répondre à la question de Nikolaus Harnoncourt citée plus haut : - « Pourquoi un musicien se décide pour tel ou tel médium sonore ? » Parce que, j'en fais l'hypothèse, il veut entendre et faire entendre ce timbre et pas un autre.

¹³ Comme nous pouvons le voir dans le film *Diva* (1981) de Jean-Jacques Beinex où Jules, un jeune postier, est fasciné par une célèbre diva, Cynthia Hawkins, qui n'a jamais consenti à faire enregistrer sa

Cette notion de timbre est pourtant tellement problématique que certains auteurs sont allés jusqu'à proposer de s'en passer. Ainsi Michel Chion n'hésite-t-il pas à affirmer : « D'autres (notions) doivent être abandonnées, puisqu'elles s'avèrent, derrière leur fausse évidence, des notions causalistes inaptes à qualifier le son. C'est le cas du timbre. Après Schaeffer, il faut donc redire que la notion de « timbre » toujours enseignée comme scientifiquement valable est un amalgame sans consistance de données diverses » (Chion, 2018, p. 184). La charge est sévère et il ne s'agit là nullement d'une provocation de la part de cet auteur qui a si justement étudié la dynamique du son mais plutôt de la mise en évidence des limites de cette notion pour rendre compte des développements contemporains de la musique. Néanmoins, pour la période qui nous intéresse cette notion reste indépassable. C'est bien pour faire résonner des timbres spécifiques que Monteverdi indiqua précisément sur la page de garde de la partition de l'*Orfeo* la composition de l'orchestre et que Bach composa ses *Concertos Brandebourgeois*.

« LE BRUIT MEME QUE CETTE MUSIQUE FAISAIT »

Cette hypothèse d'un transfert sur le timbre peut être déjà repérée chez Philippe Beaussant qui il y a trente ans, alors que le mouvement « baroque » commençait à s'imposer avec force dans les salles de concert, les festivals et les maisons d'opéra¹⁴ n'hésitait pas à affirmer : « qu'il (est) possible de communiquer avec la musique d'une époque non pas seulement par les formes qu'elle nous avait transmise, mais à travers *le bruit même que cette musique faisait...* » (Beaussant, 1994, p. 18. Les italiques sont de l'auteur). Il est intéressant que Philippe Beaussant utilise le terme de bruit qui nous renvoie ici à la matière sonore pouvant se situer du côté de ce qui échappe à la mesure, justement là où nous pourrions situer le timbre. En effet, comme l'a parfaitement montré Michel Chion (2018, p. 71-79), l'instrument qui produit une note

voix. Lors d'un concert parisien au théâtre des Bouffes-du-Nord, Jules enregistre clandestinement son récital. Après avoir reçu un autographe de la diva, il vole sa robe en coulisses puis s'enfuit. Sans le savoir, Jules rentre également en possession d'un autre enregistrement recherché lui, par des malfrats transformant la quête de la voix en dangereuse course poursuite. Le roman de Jules Verne *Le château des Carpathes* (1889) traite lui aussi de cette possession par et de la voix.

¹⁴ Le choc esthétique lié à la représentation de l'opéra de Lully, *Atys*, en 1987 dans une mise en scène de Jean-Marie Villégier et dirigée par William Christie à la tête des Arts florissants (représentation qui a remporté un immense succès auprès du public qu'il était difficile de prévoir) marque d'une certaine manière la victoire du camp baroque. La musique ancienne n'est plus confinée dans quelques festivals spécialisés et périphériques mais désormais attire un public large qui s'enthousiasme pour une œuvre qui obéit à des codes qui n'ont rien à voir avec ceux de l'opéra du XIX^e et pourtant réussit à les toucher et les convaincre par delà les 300 ans qui les séparent de la création de l'œuvre.

inscrite sur la partition produit également des bruits parasites qui, s'ils ne sont pas notés sur la partition, appartiennent en propre à la production sonore musicale : cliquetis de clés pour la flute ou la clarinette, glissés aigus créés par le déplacement des doigts sur les cordes de la guitare, grondement indistinct de l'extrême grave de la contrebasse ou de l'orgue, frottement de l'archet sur les cordes du violon... Tous ces bruits pouvant être perçus comme parasites mais qui participent activement à la constitution du timbre de l'instrument. À partir de là, nous pourrions dire que la musique s'érige sur et contre le bruit qui en retour la hante pour toujours à travers le timbre, l'obligeant à payer ainsi son tribut au réel.

André Schaeffner (1895-1980), important anthropologue et ethnomusicologue français qui a dirigé le département d'ethnomusicologie du Musée de l'Homme a donné une intéressante illustration de ce rapport entre musique et bruit dans son ouvrage *Les origines des instruments de musique*. Il y cite Gide, qui avait repéré à l'occasion de son voyage au Tchad combien les musiciens de ce pays « avaient horreur du son net, besoin de le troubler et de noyer son contour » (Schaeffner, 1994, p. 52) par l'ajout et l'entremêlement de corps sonores où la vibration de l'un entraîne celle de l'autre. Le son ainsi produit n'est plus pur mais intègre une dimension de bruit aléatoire de grésillement de son contour qui en fait également l'intérêt. André Schaeffner va plus loin et rapproche cela, assez étonnamment à première vue, des ornements ou agréments dans la musique française de clavecin des XVII^e et XVIII^e siècles. Agréments nommés mordant, pincé, trémolo, flattement par quoi, selon la magnifique expression de Schaeffner, « un vieux désir de bruit trouve encore à s'exaspérer auprès du pur « contour » des sons » » (*Ibid.* p. 53). Les pionniers du mouvement baroque en s'attachant aux instruments qui avaient été ceux utilisés par les compositeurs seraient ceux qui n'auraient pas reculé devant ce « vieux désir de bruit »¹⁵.

¹⁵ Une petite fille de mon entourage, un jour qu'elle assistait au récital d'une célèbre claveciniste amie de ses parents, se vit poser par la concertiste la question suivante : « Aimes-tu le clavecin ? ». Ce à quoi la petite répondit : « Oui, mais c'est un petit peu moche... ». Cette petite fille devenue elle-même musicienne aujourd'hui entendait sans doute « ce vieux désir de bruit » qui hante le clavecin et que l'auditeur acculturé refoule en s'attachant au « pur contour des sons ». Il est amusant de repérer que Rousseau pouvait, à l'instar de cette petite fille, affirmer : « Il y a même des instruments, tel que le clavecin, qui sont à la fois sourds et aigres ; et c'est le plus mauvais timbre ». Cité par Makis Solomos (2013) *opus cité*, p. 26.

Philippe Beussant insiste dans cette direction et précise : « Toutes ces questions (diapason, tempérament, notes inégales...) sont importantes, et on doit en parler : mais elles ne sont que techniques. Elles n'ont de signification que dans la perspective, qui seule est fondamentale, d'un souci, d'une recherche du *son*, de la *couleur du son*, de la *vérité du son*, de la *vérité sonore d'une œuvre*. Ce qui a orienté et dirigé le rapport nouveau qui s'est établi entre les interprètes et la musique ancienne, ce n'est ni la nostalgie du 415¹⁶, ni le culte des voies blanches, ni le rituel des notes pointées, ni même fondamentalement la volonté de retrouver l'authenticité historique. C'est que certains soient partis « à la recherche du son perdu », et d'autres pas. La césure se situe exactement en ce point. » (Beussant, 1994, p. 19. Les italiques sont de l'auteur).

Traduit dans les termes qui sont les nôtres cela deviendrait : les « baroqueux » sont ceux qui ont transféré sur cet inouï qu'était le timbre d'instruments et de voix oubliés, voire rejetés et qui se sont laissés guider par ce réel qui tout en échappant donnait une direction à leur démarche.

Il est ainsi intéressant de repérer qu'un des moments essentiels de ce mouvement de « reconquête » fut le « transfert » de la voix de contre-ténor de la scène religieuse (le chœur) à la scène profane où il devint à proprement parler le *porte-voix* du renouveau musical au cours des années 1940 et 1950. Le chanteur qui assura ce transfert est Alfred Deller (1912-1979). En rendant dans ses concerts et ses enregistrements la sonorité, le timbre oublié, car « fondu » dans les maîtrises et les chœurs anglais où il existait encore, Alfred Deller proposait un inouï au sens propre du terme, un non encore entendu.

Cette révélation ne fut pas sans conséquences et Philippe Beussant s'amuse des transports horrifiés de certains critiques à l'écoute de cette voix interprétant *l'Ode à Sainte Cécile* de Purcell : « J'ai souvenir (...) des transports indignés, des furieuses altercations, qui faisaient vibrer mon poste de radio lorsque s'élevait la voix rocailleuse d'Antoine Golea : « C'est indécent... c'est obscène... Je ne peux supportrrter ces sons andrrrogynes... » (Beussant, 1994, p. 48).

Mais quelles furent donc la spécificité et la charge, intolérables pour certains, de la démarche de Alfred Deller ? Non seulement il ressuscitait la musique

¹⁶ Hauteur du diapason préférentiellement utilisée par les instrumentistes baroques mais pouvant également fluctuer alors que le diapason contemporain est stabilisé à 440 Hz. Le diapason contemporain (440) serait plus haut d'un demi ton que le diapason « baroque » (415).

élisabéthaine mais il le faisait en lui rendant le timbre qui lui était indissolublement lié¹⁷. Le compositeur britannique Michael Tippett (1905-1998) ne s'y est pas trompé lorsqu'il affirme que la voix de Deller faisait remonter les siècles à rebours. L'importance de la redécouverte du timbre de contre-ténor va dans le sens de l'affirmation de Arnold Dolmetsch (1858-1940), musicologue franco-suisse naturalisé britannique, violoniste et facteur d'instruments qui toute sa vie œuvra pour la réhabilitation de la musique ancienne avec des « pratiques authentiques » et qui dès 1930 affirmait sans ambages : « l'étude de la musique de quelque période qu'elle provienne (...) (devrait) commencer par celle des instruments de ladite période » (Cité par Haskell, 2013, p.295). Nous retrouvons ici l'idée d'une nécessaire *négociation* entre l'instrumentiste, l'instrument adéquat et le répertoire interprété. Négociation qui implique des pertes pour qu'elle puisse aboutir et qui spécifiera la quête de l'authenticité musicale. Ainsi, si nous revenons à l'enregistrement des *Concertos Brandebourgeois* effectué par Harnoncourt avec le *Concentus Musicus* de Vienne en 1964, il est évident que le chef accepte dans la négociation qu'il effectue à l'occasion de cette gravure de perdre la sûreté d'intonation et parfois la justesse pour gagner en richesse de couleurs et de timbres des instruments d'époque. C'est l'inouï des timbres des instruments du XVIIIème siècle qui guide son travail. Harnoncourt pose d'ailleurs la question en ces termes : « Suis-je prêt, pour telle ou telle « conquête », à payer le prix inscrit dans la nature même de la chose ? À renoncer par exemple, pour gagner en puissance, aux nuances et aux couleurs subtiles ainsi qu'à l'aisance technique (piano) ; ou à acheter l'égalité parfaite sur le plan de la dynamique et de l'intonation de tous les demi-tons utilisables en perdant l'intonation spécifique de chaque tonalité et le timbre individuel de pratiquement chaque note (flûte, entre autres) ? On pourrait citer des exemples de ce genre pour chaque instrument ou presque. Le plus souvent, en effet, fasciné à chaque fois par l'« amélioration » obtenue, on n'a pas remarqué au premier abord qu'il fallait, en même temps, sacrifier quelque chose, ni, à plus forte raison, l'objet de ce sacrifice. » (Harnoncourt, 1984, p. 91).

¹⁷ Philippe Herreweghe a poussé cette recherche dans ses conséquences pratiques les plus abouties en choisissant de créer ou d'emprunter les phalanges lui permettant de disposer du groupe vocal ou musical le plus en adéquation pour chacun des répertoires qu'il aborde. Le Collegium Vocal pour interpréter le baroque vocal allemand. La Chapelle royale pour le baroque français. L'orchestre des Champs-Élysées, créé en 1991, pour interpréter le répertoire classique puis romantique. L'éphémère ensemble vocal Européen servit à l'interprétation des polyphonies de la renaissance et enfin l'utilisation de l'Ensemble Musique Oblique pour interpréter la musique contemporaine.

Cette quête du son n'est pas spécifique à la démarche baroque – même si elle y est particulièrement active – et Philippe Beaussant en 2001, à l'occasion d'un entretien, le relève avec acuité : « Je pourrais conclure en ajoutant que le phénomène baroque de ces dernières années n'est pas isolé. Il est parallèle, dans d'autres domaines, à la découverte de la spécificité sonore des musiques extra-européennes, par exemple. Il est parallèle à la découverte, dans la musique contemporaine, d'une splendeur sonore qui elle aussi, à sa manière, dépasse le standard de l'orchestre symphonique. Et par conséquent, je crois que c'est un phénomène qui fait partie d'un mouvement beaucoup plus large qui est une nouvelle écoute de la musique » (Beaussant, 2001, p. 115).

ET AUJOURD'HUI ?

Il est clair aujourd'hui pour tout le monde que la minorité active des « baroqueux » *timbrés* a gagné : les ensembles de musique ancienne jouant sur instruments d'époque ou sur copies ont envahi le paysage musical et s'imposent crânement dans les festivals internationaux d'opéras les plus huppés comme celui de Salzbourg ou d'Aix en Provence pour accompagner les opéras de Monteverdi, Charpentier, Haendel ou Mozart. De leur côté, les jeunes instrumentistes choisissent de jouer sur l'instrument qui convient le mieux au répertoire interprété passant d'un violon « baroque » monté avec des cordes en boyaux mises en vibration par un archet spécifique, pour l'interprétation des œuvres pré-classiques, à un violon moderne. Les grands orchestres symphoniques jouant sur instruments modernes ne se risquent que peu à interpréter le répertoire baroque et lorsqu'ils le font, c'est sous la baguette de chefs au fait de l'interprétation historiquement informée tels Nikolaus Harnoncourt ou John Elliot Gardiner, qui leur transmettent alors un savoir acquis par ailleurs. Tout irait-il donc pour le mieux dans un monde redevenu « baroque » ?

Il semble que cela ne soit pas tout à fait le cas. En effet, ça et là s'élèvent des voix regrettant l'institutionnalisation de cette pratique qui s'installerait dans une répétition et pourrait devenir aussi sclérosée et sclérosante que celle contre laquelle elle s'était construite au cours du XXème siècle. Le processus qui s'est passé est le suivant : les timbres qui dérangaient : contre-ténor, clavecins, instruments à vent naturel et autres flutes en bois ont été apprivoisés par les instrumentistes – l'intonation

et la justesse n'est plus un problème - et les auditeurs désormais plébiscitent ce qui ce avait pu les gêner ou les rebuter. Le transfert sur l'inouï s'estompe. Pour exemple, les voix de contre-ténors qui avaient pu avec Alfred Deller faire scandale font aujourd'hui recette... Les enregistrements les sollicitant se vendent à des milliers d'exemplaires et Franco Fagioli, le contre-ténor argentin star, au puissant mezzo bien éloigné de la voix fine et éthérée du pionnier Alfred Deller, chante à l'opéra de Paris en 2016 le rôle titre d'un opéra de Cavalli, *Eliogabalo*, provoque l'enthousiasme des salles de concert et signe un contrat d'enregistrement exclusif chez Deutsch Grammophon qui résistait, à travers Herbert Karajan, à la révolution « baroque » en 1966...

La quête du son perdu serait-elle achevée et avec elle le principe de plaisir serait-il à nouveau au rendez-vous quand l'inouï le serait de moins en moins ? Cela n'est pas certain. Le transfert sur l'inouï dont je fais l'hypothèse qu'il a orienté le mouvement de redécouverte du répertoire ancien travaille encore la création musicale et c'est encore lui qui fait dresser l'oreille des amateurs.

Pour n'en donner que deux exemples en rapport avec les productions réalisées dans le cadre du Centre Culturel de Rencontres d'Ambronay je citerai tout d'abord l'enthousiasmant enregistrement du *Diluvio Universale* (créé à Messine en 1682) réalisé par Leonardo Garcia Alarcon en 2011¹⁸. En sollicitant le percussionniste iranien Keyvan Chemirani, dont les improvisations au zarb, oud et tambourin, créent, entre les lamentations des chœurs et les interventions des solistes, des plages de sonorités exotiques, Alarcon dérouté l'auditeur le conduisant à entendre d'une façon renouvelée le timbre des voix et des instruments.

Un autre exemple de cette quête toujours active est le remarquable enregistrement du jeune ensemble Prisma¹⁹ : *Les Saisons*. Les critiques ne sont pas trompés et ce qui, une fois encore, est mis en avant est « ce vieux désir de bruit » devant lequel les jeunes instrumentistes ne reculent pas. « Ce qui est remarquable avec Prisma, au-delà de leur parfaite connivence musicale et des qualités instrumentales de chacun, c'est leur grande inventivité. Cela s'exprime d'abord dans les petits préludes improvisés : pour le printemps, la flûte d'Elisabeth Champollion

¹⁸Il *Diluvio universale* de Michelangelo Falvetti. Cappella Mediterranea, Chœur de Namur direction : L. García Alarcón. 1 CD Ambronay Éditions 2011.

¹⁹*Les Saisons*. Ensemble Prisma. 1 CD Ambronay Éditions 2018.

nous donne à entendre les battements d'ailes des papillons (si, si !); en été, c'est le violon de Franciska Anna Hadju qui se transforme en insecte vrombissant ; à l'automne, le luth d'Alon Sariel évoque la nostalgie de la chute des feuilles ; et pour introduire l'hiver, c'est au tour de la viole de David Budai d'évoquer les crissements de la glace »²⁰. Le *crissement*, le *battement*, le *vrombissement*... autant de termes qui ne concernent pas directement le son musical mais pointent son accointance avec le bruit qui le hante et le fait palpiter. C'est cette palpitation du réel qui continue à orienter les interprètes inspirés et renouvelle, encore et encore, la quête du timbre à jamais perdu et, pourtant, toujours désiré.

²⁰Cécile Glaenzer, le 13 décembre 2018, pour le site ResMusica. Disponible em <https://www.resmusica.com/2018/12/13/ensemble-prisma-the-seasons-ambronay/>

RÉFÉRENCES

- BEAUSSANT, P. (1988) *Vous avez dit baroque ?* Arles, Actes Sud. 1994.
- BEAUSSANT, P. (2001) « À la recherche du son perdu ». *Le son des musiques. Entre technologie et esthétique*. François Delalande (sous la direction). Paris, INA-Buchet/Chastel.
- CHION, M. (1998) *Le son. Ouïr, écouter, observer*. Paris, Armand Colin. 2018.
- HARNONCOURT, N. (1982) *Le Discours musical*. Paris, Gallimard. 1984.
- HASKELL, H. (1988) *Les voix d'un renouveau. La musique ancienne et son interprétation de Mendelssohn à nos jours*. Arles, Actes Sud. 2013.
- KOECHLIN, C. (1944) *Traité d'orchestration*. Paris, Max Eschig. 1954.
- LANDOWSKA, W. (1909) *Renaissance du clavecin au XXème siècle. Musique ancienne*. Paris, Bibliothèque des introuvables. 2005.
- SALOMOS, M. (2013) *De la musique au son. L'émergence du son dans la musique des XXe et XXIe siècles*. Rennes, P.U.R. p. 23-85.
- SCHAEFFNER, A. (1968) *Origine des instruments de musique. Introduction ethnologique à l'histoire de la musique instrumentale*. Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales, Paris. 1994.
- VIVES, J.-M. (2012) *La voix sur le divan*. Paris, Aubier.

A BUSCA MUSICAL DA AUTENTICIDADE: UMA TRANSFERÊNCIA DO INAUDITO OU RETRATO DOS “BARROCOSOS” EM AVENTUREIROS DO TIMBRE PERDIDO

RESUMO

O autor deste artigo se propõe a descrever os fenômenos psíquicos que precederam o movimento barroco em que os músicos buscaram reencontrar os sons que haviam visto nascer as obras interpretadas. Ele se concentra na maneira pela qual o intérprete tenta aproximar um som novo, ainda não advindo, o que o autor chama de “transferência do inaudito”. Ele esboça um retrato dos “barrocossos” como aventureiros do timbre perdido. O desejo de autenticidade dos intérpretes seria o de re-escutar timbres que não estavam mais em jogo. O autor aproxima as qualidades deste timbre a partir do paralelo entre André Schaeffner e Philippe Beaussant e, a partir deles, entre as músicas africanas e a aventura barroca: presença do barulho, do trêmulo ou da interferência no som, o que teria o poder de convocar o mais-além do envelope sonoro, a dimensão do real.

PALAVRAS-CHAVE: barroco, música, timbre, transferência do inaudito, voz.

THE QUEST OF THE AUTHENTICITY: A TRANSFER OF THE UNHEARD OR PORTRAIT OF THE “BAROQUERS” IN ADVENTURES OF LOST TIMBRE

ABSTRACT

The auteur of this article aims to describe the psychic phenomena which presided the baroque movement where musicians tried to find the sounds that were the ones that have seen the birth of the interpreted works. He focuses on the way the interpreter tries to approach a new sound, not yet heard, which the auteur calls “the transfer of the unheard”. He paints a portrait of the “baroquers” as adventures of the lost timbre. The desire for authenticity of the interpreters would be that of re-hearing timbres which were no longer on course. He approaches the qualities of this timbre through the parallel between André Schaeffner and Philippe Beaussant and through them and the African music and the baroque adventure: the presence of the noise, of the trembling or the trouble in the sound, which could have the power to convoke beyond the sound envelope, the dimension of the reel.

KEY-WORDS: baroque, music, timbre, transfer of the unheard, voice.

RECEBIDO EM 10/12/2019

APROVADO EM 14/04/2020

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

LES RYTHMES DE L'EXISTENCE

*Véronique Verdier*¹

RÉSUMÉ

Cet article esquisse l'itinéraire de reconquête des rythmes de l'existence. Partant d'un constat, l'existence est en fait rythmée mais ces rythmes sont le plus souvent passivement subis et ne sont pas ceux choisis par le sujet, nous nous demandons comment retrouver une maîtrise de ces rythmes car cette maîtrise est une condition pour vivre mieux, sinon pour bien vivre. De l'écoute du corps, mis en péril par la rupture d'une maladie, en passant par la contrainte de règles rigides, nous verrons que l'issue se situe dans la création de rythmes propres.

MOTS-CLÉS : existence, rythme, création, désir. Spinoza, Bachelard, Canguilhem, Lefebvre.

¹ Docteur en Philosophie, Véronique Verdier a une double formation philosophique et musicale. Elle est professeur en lycée et chercheuse associée au Centre d'Histoire des Philosophies Modernes (Université Paris 1). verdier.vero@free.fr <http://veroniqueverdier.fr>

“Un botaniste qui bornerait sa science à dire que toutes les fleurs se fanent serait le digne émule du philosophe qui fonde sa doctrine en répétant: tout s'écoule et le temps fuit”.
Bachelard, *La Dialectique de la durée*

L'existence apparaît comme un flux, un mouvement permanent sur lequel il semble difficile d'avoir prise en raison de sa nature temporelle. Rien n'est stable, tout change toujours, tout ne cesse de passer. Seule une sortie hors du temps permettrait d'accéder à une certaine permanence. Rien de plus classique que cette opposition entre tenants d'un mobilisme universel et ceux de la permanence de l'Être, Héraclite contre Parménide, l'opposition est ancienne, antique même.

Suractivité, frénésie, accélération du temps propres à notre époque accentuent et renforcent ce sentiment d'un flux qui emporte tout. En réaction, émerge une timide volonté de décélération dont on ne sait encore si elle relève d'un effet de mode éphémère, voué à passer lui aussi. Mais s'agit-il seulement de ralentir et de faire la même chose, moins vite ? J'aimerais esquisser l'idée selon laquelle il est possible, au cœur même de l'existence, d'avoir prise sur ce flux, précisément par l'instauration de rythmes.

LES RYTHMES DE LA VIE QUOTIDIENNE

Envisager l'existence comme un mouvement permanent relève d'une conception continuiste du temps, conception qui s'accommode mal de l'idée de rythme puisqu'un rythme se constitue d'une alternance de mouvement et de repos. Or, "s'arrêter de couler serait s'arrêter de subsister. S'immobiliser, c'est mourir" (BACHELARD, 1993, p. 2)². Arrêt, interruption, repos seraient toujours provoqués de l'extérieur et synonymes d'une forme de déchéance, le vivant sombrant à ces occasions dans l'inertie matérielle.

Cependant, penser la temporalité comme un flux continu ne permet pas de rendre compte de la diversité temporelle des phénomènes vécus. Bachelard souligne : "la nécessité de fonder la vie complexe sur une pluralité de durées qui n'ont ni le même rythme, ni la même solidité d'enchaînement, ni la même puissance de continu" (BACHELARD, 1993, p. VIII). Ces diverses durées expriment une variété de rythmes.

² Bergson est ici explicitement visé : "Disons tout de suite que du bergsonisme nous acceptons presque tout, sauf la continuité !" (Bachelard, 1950, p.- 7).

Loin d'être un long flux indistinct, la vie dans sa plus simple quotidienneté est rythmée. Le corps, déjà, dicte ses rythmes, et ce, dès la naissance: respiration, pulsation cardiaque, veille et sommeil, alimentation et digestion. Ces rythmes physiologiques sont basiques, au sens où ils forment la base même de la vie et la possibilité de sa continuation, ils constituent d'ailleurs l'essentiel de la vie quotidienne du nouveau-né, une vie qui se déroule comme une épure du rythme.

La nature dicte aussi ses rythmes, ceux des saisons qui sont cycliques et suivent ce que Bachelard appelle joliment le calendrier des fruits : "Que nous ayons un intérêt physique à nous adapter très rigoureusement aux rythmes végétaux, c'est ce qui est de plus en plus évident depuis qu'on connaît la spécificité des vitamines : l'heure de la fraise, l'heure de la pêche et du raisin sont des occasions de renouveau physique, d'abord avec le printemps et l'automne" (BACHELARD, 1993, p. 147). Ne pas les respecter, c'est prendre le risque de vivre à contretemps.

Certes, mais on le sait, très vite, très tôt, l'humain est pris dans les mailles du culturel. Les heures de repas résultent elles-mêmes de conventions sociales, qui produisent des habitudes constituant comme une seconde nature : on finit par avoir faim à ces heures-là. Et c'est la société qui dicte alors ses propres rythmes. Le temps social, mesuré au moyen de montres et d'horloges, règle les différents aspects de la vie quotidienne : "les heures du sommeil et du réveil, les heures des repas et de la vie privée, les relations des adultes avec les enfants, les distractions et les loisirs, les rapports au lieu d'habitation" (LEFEBVRE et REGULIER, 1985, p. 191).

Dans les sociétés industrielles centrées sur la référence ultime qu'est le travail, la répétition d'activités qui s'inscrivent dans un temps linéaire peut être " lassante, épuisante, fastidieuse, alors que le retour d'un cycle a l'allure d'un avènement et d'un événement. Son début qui n'est pourtant qu'un recommencement, a toujours la fraîcheur d'une découverte et d'une invention. L'aube a toujours un charme miraculeux, la faim, la soif se renouvellent merveilleusement.... " (LEFEBVRE et REGULIER, 1985,p. 191). Le cyclique, bien qu'absorbé voire ignoré par les sociétés modernes, est un résidu du cosmique et du naturel en l'homme encore prégnant dans la vie quotidienne³.

3 L'ancrage de la vie des femmes dans des cycles menstruels, par exemple, participe d'une certaine manière d'appréhender la temporalité.

Il règne en somme une lutte entre rythmes personnels et processus liés à l'organisation socio-économique de la production. "Par exemple, les activités nocturnes se multiplient, bouleversant les rythmes circadiens. Comme si la journée ne suffisait pas à accomplir les tâches répétitives, la pratique sociale mord peu à peu sur la nuit" (LEFEBVRE et REGULIER, 1985, p. 192). Les rythmes biologiques s'en trouvent modifiés et profondément altérés.

DES RYTHMES SUBIS

Qu'est-ce au juste qu'un rythme ? Une alternance entre mouvement et repos, avons-nous dit. Henri Lefebvre et Catherine Régulier précisent : "pour qu'il y ait rythme, il faut qu'il y ait répétition dans un mouvement, mais pas n'importe quelle répétition" (LEFEBVRE et REGULIER, 1985, p. 194). Le retour monotone et implacable d'un même bruit, la goutte d'eau du robinet qui fuit, le tic-tac du réveil, ne forme pas un rythme. Pour qu'il y ait rythme, il faut qu'il y ait des contrastes, des arrêts, des temps forts et des temps faibles, dit-on en musique, ainsi que des reprises. "Donc une mesure, mais une *mesure interne*, qui se distingue fortement sans pourtant s'en séparer de la mesure *externe*, le temps *t* (temps de l'horloge ou du métronome)" (LEFEBVRE et REGULIER, 1985, p. 194). Un rythme exprime un mouvement non mécanique. "Le rythme comporte un temps différencié, une durée qualifiée" (LEFEBVRE et REGULIER, 1985, p. 194). En ce sens, le rythme est la marque même du vivant, il désigne le devenir tel qu'il est vécu⁴.

Mais le plus souvent, les rythmes de l'existence sont imposés de l'extérieur et tributaires de la vie en société : la famille, l'école, le monde du travail. Et ces rythmes, auxquels il faut se plier, se soucient fort peu d'être en harmonie ou en accord avec ce que chacun pourrait intimement désirer. À tel point qu'ils s'annulent alors comme rythmes.

Avec la répétition inéluctable d'un emploi du temps non choisi, la vie s'écoule semblable à elle-même, sans contraste, telle une mécanique plus ou moins bien huilée qui broie l'individu. Dans *Le Premier homme*, Camus décrit le travail de bureau sans éclat de son personnage principal : "l'ennui, la fatigue lui révélaient sa malédiction, celle du travail bête à pleurer dont la monotonie interminable parvient à rendre en

4 Une différence semblable existe entre la programmation mécanique d'une boîte à rythmes et le jeu vivant d'un percussionniste.

même temps les jours trop longs et la vie trop courte" (CAMUS, 1994, p. 248). Paradoxalement, le temps semble ne plus s'écouler car les journées n'en finissent pas de finir, et la vie passer trop vite car elle ne laisse prise à aucune activité signifiante. Le danger est grand d'être saisi d'une certaine torpeur en se sentant aussi peu vivant.

Certains savent toutefois se satisfaire d'une vie routinière toujours identique à elle-même, ils y gagnent l'assurance d'une vie sans aspérité et sans surprise. D'autres éprouvent en se surinvestissant dans leur travail une forme de toute-puissance, toute-puissance illusoire car l'adaptabilité forcenée et la mobilité permanente, requises par un certain type de management, exacerbent la vacuité d'une telle fuite en avant.

Face à cela, la vie privée ne constitue pas toujours un îlot favorisant l'expression de rythmes à soi. La vie matérielle est certes facilitée par les progrès techniques : machines à laver, aspirateur, robots allègent les tâches ménagères, mais contribuent aussi, par une succession d'actes sans liens les uns avec les autres, à un morcellement du temps⁵.

Bien sûr, la vie privée ne saurait se réduire à un empilement de tâches ménagères. Mais c'est à présent le numérique, sous la forme de divers écrans, qui accapare le reste de temps disponible. En particulier le smartphone, prolongement de l'individu contemporain, rend accessible, de façon quasi instantanée, informations, photographies, musiques, films, jeux, réseaux sociaux. Cette accessibilité n'est pas sans incidence, elle suscite en particulier une certaine impatience. Personne ne peut plus attendre, chacun souhaite de manière impulsive accéder à tout, sans aucun délai⁶. Cet usage frénétique du numérique produit une saturation, chacun se retrouvant sous stimulation permanente, sans respiration et sans temps mort.

Ces situations ont pour dénominateur commun de provoquer une dépossession du soi. Mais est-il possible d'échapper à un tel phénomène et de se réappropriier les rythmes de son existence?

On le sait, un élément nouveau peut faire vaciller n'importe quelle construction aussi solide soit-elle, prouvant ainsi qu'elle n'est en réalité ni nécessaire, ni immuable. Devenir amoureux, par exemple, fait basculer dans une autre quotidienneté, cette

⁵ Ces tâches incombent encore largement aux femmes qui les délèguent quand elles le peuvent et si elles le veulent à des... femmes de ménage.

⁶ *Le Monde* a constaté qu'après cinq secondes d'attente sur son site, trois lecteurs sur dix abandonnaient. En réduisant ce temps de connexion à deux secondes, il en a accru la fréquentation.

irruption de nouveauté produisant une reconfiguration dynamique du quotidien le plus répétitif. Cela signifie qu'il est possible, lorsqu'on le désire, d'agir sur ces rythmes et de les transformer.

La rythmanalyse propose de prévenir les souffrances psychologiques par une vie eurythmique qui suivrait de "bons" rythmes grâce à une thérapeutique du corps⁷. Elle se distingue de la psychanalyse dans la mesure où elle ne s'intéresse qu'indirectement au psychisme. Pour Lefebvre, le rythmanalyste "écoute et d'abord son corps ; il y apprend les rythmes, pour ensuite apprécier les rythmes externes. Son corps lui sert de métronome" (LEFEBVRE, 1992, p. 32). Il recourt à des techniques ancestrales : maîtrise de la respiration, du cœur, de l'utilisation synchronique des mouvements dans la danse. Cette attention à ses propres rythmes, aux impressions de ses cinq sens, doit permettre de se défaire des durées mal ajustées, de se rééquilibrer et d'atteindre ainsi une forme de bien-être⁸.

Bachelard envisage aussi un retour au corps afin de lutter contre les arythmies ou les rythmes mal faits. Il s'agit par des exercices de remettre en valeur et de régulariser les "grands rythmes naturels qui soutiennent la vie. Et d'abord la respiration, lente et régulière cadence qui marque profondément, quand on l'a bien libérée de tout souci organique, notre confiance temporelle" (BACHELARD, 1993, p. 146). La régularité du souffle permet par exemple de dominer une douleur dentaire : "Il suffit par une attention calme de ramener à ses proportions précises, d'éviter l'agacement général, l'agitation générale, qui viendraient *emplir* les intervalles de la douleur précise" (BACHELARD, 1993, p. 146). Ce rythme respiratoire, repris de doctrines indiennes, permet une coordination de tout l'organisme. Un rythme vital rapide est troublé, on y remédie par l'encadrement d'un rythme plus lent. Ralentir ! Telle semble être l'invitation de cet enseignement pour instituer une régularité pacifiée.

Mais Bachelard remarque à juste titre que la pensée ou l'esprit sont dans cette affaire quelque peu laissés de côté. L'esprit a besoin en lui-même et pour lui-même d'autres repères. " Et si, comme nous le croyons, la vie intellectuelle doit devenir – physiquement parlant – la vie dominante, si le temps pensé doit dominer le temps vécu, il faut s'attacher à la recherche d'un repos actif qui ne peut se satisfaire des dons

7 La rythmanalyse est élaborée par le philosophe portugais Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, exilé au Brésil. Ses idées seront reprises et développées en particulier par Gaston Bachelard et Henri Lefebvre.

8 Se réapproprier son corps a, dans la perspective marxiste de Lefebvre, une incidence sociologique et urbaine, cette assise individuelle constituant une étape nécessaire pour produire des transformations concrètes du monde.

gratuits de l'heure et de la saison" (BACHELARD, 1993, p. 148). Il faut aussi chercher une élaboration spirituelle, au sens où il faut "redonner à l'esprit la maîtrise des dialectiques de la durée" (BACHELARD, 1993, p. 150). Car il ne saurait suffire d'être à l'écoute de ses seuls rythmes corporels. Mener une vie humaine, c'est s'affirmer par-delà la dimension biologique du vivant, c'est vouloir plus qu'un corps en bonne santé, même si cette santé est une condition nécessaire au déploiement de son existence. La preuve, la maladie apparaît très souvent comme une véritable rupture de rythme.

RUPTURES DE RYTHME

Séisme, catastrophe nucléaire, acte terroriste, viol, la sidération d'un événement brutal et traumatisant laisse hagard, le déroulement même de la vie semble alors comme suspendu. Plus question de bons ou de mauvais rythmes, de rythmes subis ou choisis, c'est vivre qui semble la difficulté incontournable. S'accrocher à la pure vitalité de la vie, assurer ses fonctions vitales pour persévérer dans l'être est la seule alternative à se laisser déprimer, une étape nécessaire avant de pouvoir envisager de se reconstruire.

Dans un autre registre, lors de la pandémie de coronavirus de 2020, le confinement a provoqué une interruption radicale et durable des rythmes habituels. Pour éviter tout contact, écoles, universités, musées, salles de concert, bibliothèques, restaurants et autres activités jugées "non nécessaires" ont été mis à l'arrêt. Confronté à la perte de ses repères familiers, isolé et replié chez lui, chacun a dû bricoler à la hâte d'autres rythmes pour tenir et ne pas sombrer dans le désarroi, la détresse ou la dépression. Si le recours au numérique a permis de maintenir un lien social, il a aussi fait sentir combien le lien physique et charnel avec autrui est précisément indispensable. À cet égard, les inégalités sont apparues encore plus criantes, la plupart n'ayant ni les conditions matérielles, ni les ressources personnelles pour vivre une telle épreuve⁹.

9 Cette expérience a toutefois présenté des aspects inattendus : le calme et le silence des grandes villes, une diminution de la pollution, une décroissance et une relocalisation forcées, et surtout l'*abandon immédiat*, mais assurément temporaire, *des politiques d'austérité budgétaire*, causes de la gravité de la crise sanitaire. Si ces politiques n'ont pas provoqué la pandémie, l'impossibilité pour les systèmes de santé publique de prendre en charge l'afflux massif de patients est bien la conséquence *directe* de ces politiques. En France, le management entrepreneurial à la manœuvre dans les hôpitaux depuis une vingtaine d'années a produit une baisse de 30% du nombre de lits par habitant, plaçant ainsi la France loin derrière l'Allemagne, le Japon ou la Corée du Sud (Velut, 2020). La pénurie dramatique de masques, de tests et de désinfectants est bien le fait de décideurs imprévoyants et irresponsables. Si

Si de telles situations sont exceptionnelles, l'épreuve plus courante de la maladie est largement partagée : fracture immobilisante, hospitalisation éprouvante, opération aux lourdes conséquences, toutes signent une rupture de rythme.

La maladie, qu'elle soit organique ou psychologique, a longtemps été conçue comme une rupture de normalité et la guérison comme un retour à la normale. Canguilhem envisage les choses autrement. Les fonctions d'un organisme vivant sont interdépendantes, leurs rythmes sont accordés, la maladie en est un dysfonctionnement, elle est une autre manière de vivre. La maladie est "vraiment pour le malade *une autre allure de la vie*. [...] L'état pathologique n'est pas un simple prolongement, quantitativement varié, de l'état physiologique, il est bien autre" (CANGUILHEM, 1998, p. 51). C'est un jeu *nouveau* de l'organisme, un remaniement radical. "La maladie est une expérience d'innovation positive du vivant et non plus seulement un fait diminutif ou multiplicatif" (CANGUILHEM, 1998, p. 122). Que toute nouveauté ne soit pas bonne à vivre, il faut tout de même faire avec lorsque surgit la maladie.

Si la maladie se définit comme altération anatomique, comme trouble physiologique ou psychologique, c'est toutefois le malade qui se saisit comme tel. "La médecine existe comme art de la vie parce que le vivant humain qualifie lui-même comme pathologiques, donc comme devant être évités ou corrigés, certains états ou comportements appréhendés sous forme de valeur négative" (CANGUILHEM, 1998, p. 77). Malgré le développement des techniques d'investigation, ce n'est pas d'abord au niveau des tissus et des cellules que s'appréhende la maladie, mais du point de vue de la conscience du sujet concerné¹⁰. "C'est donc bien toujours en droit, sinon actuellement en fait, parce qu'il y a des hommes qui se sentent malades qu'il y a une médecine" (CANGUILHEM, 1998, pp. 53-54). D'où l'aspect sournois de certains cancers ou de dissociations psychiques qui n'apparaissent que trop tardivement voire

depuis le 12 mars 2020, la santé n'a pas de prix pour le Président Emmanuel Macron, elle en avait un, bien trop lourd, jusqu'au 11 mars. Et ce n'est pas la Main invisible du marché et le ruissellement qui sont venus à la rescousse !

10 La confiance absolue dans les imageries médicales entraîne une mise entre parenthèses de l'individu malade. Didier Sicard rapporte le témoignage suivant : "Rony Braumann raconte que, paralysé des quatre membres après une intervention, il voyait avec angoisse les médecins le rassurer sur cette absence de paralysie parce que les indicateurs chiffrés témoignaient du fait qu'il allait bien" (Sicard, 2007, p. 134). Les analyses se substituent alors jusqu'à l'absurde au vécu et au perçu du sujet.

jamais à la conscience du malade¹¹. Mais le plus souvent, le malade a conscience d'être malade parce qu'il éprouve une douleur ou un mal-être. Et il sait que cette douleur n'est pas normale. C'est elle qui exprime la nouveauté physiologique ou psychologique que doit reconnaître et prendre au sérieux le sujet lui-même, son entourage ainsi que le thérapeute.

C'est un fait, la vie n'est pas identique à elle-même dans la santé et dans la maladie. "La frontière entre le normal et le pathologique est parfaitement précise pour un seul et même individu considéré successivement" (CANGUILHEM, 1998, pp. 119-120). La maladie perturbe le déroulement de la vie qui ne marche plus aux mêmes rythmes, elle fait souffrir et suscite une forme d'angoisse lorsqu'elle est grave. Elle fait perdre au vivant ses capacités d'adaptation aux variations du milieu, aux écarts et aux changements, la capacité d'instituer d'autres normes dans d'autres conditions, capacités qui caractérisent une vie en bonne santé¹².

Mais la guérison n'est pas pour autant un retour à la normale car la vie ne connaît littéralement pas de retour en arrière, de réversibilité, elle est toujours un mouvement en avant. "La vie admet des réparations qui sont vraiment des innovations physiologiques. La réduction plus ou moins grande de ces possibilités d'innovation mesure la gravité de la maladie" (CANGUILHEM, 1966, p. 129). Guérir c'est se donner de nouvelles normes de vie, parfois supérieures aux anciennes, mais jamais identiques à elles. Quelqu'un ayant risqué l'amputation d'un bras ou d'un autre membre sera heureux d'en recouvrer n'importe quel usage après son intervention.

Être guéri, c'est pouvoir reprendre une activité interrompue par la maladie qui ira désormais à un autre rythme : "Même si cette activité est réduite, même si les comportements possibles sont moins variés, moins souples qu'ils n'étaient auparavant, l'individu n'y regarde pas toujours de si près. L'essentiel est d'être remonté d'un abîme d'impotence ou de souffrance où le malade *a failli rester* ; l'essentiel est de

11 En psychiatrie, de nombreux troubles (délire de persécution, hallucination, anosognosie,...) ne sont pas saisis comme tels par le sujet.

12 Ces analyses sont confortées par les travaux des médecins Jeffrey Hall, Michael Rosbach et Michael Young, prix Nobel de médecine en 2017, qui mettent en évidence le rôle des rythmes chronobiologiques dans le fonctionnement du vivant. Les cycles circadiens d'un organisme sont réglés par des mécanismes moléculaires déterminés. Leur trouble peut causer des maladies telles que l'obésité, le diabète, l'hypertension ou encore des cancers. La prise en charge de ces maladies devrait elle-même tenir compte des rythmes physiologiques propres à chacun. La voie prometteuse de la chronothérapie consiste à ajuster l'administration d'un traitement à ces rythmes. En chimiothérapie, par exemple, l'efficacité des médicaments s'en trouve démultipliée et les effets indésirables limités.

l'avoir échappé belle" (CANGUILHEM, 1998, p. 73). On peut vivre avec un seul rein, même s'il faut alors se ménager, car on ne peut plus se permettre de perdre cet unique rein. La guérison reconstruit en quelque sorte une nouvelle entité.

Ce qui permet de comprendre par contraste ce qu'est la santé. "Être en bonne santé, c'est pouvoir tomber malade et s'en relever, c'est un luxe biologique" (CANGUILHEM, 1998, p. 132). La vie au sens physiologique est surabondance de moyens, elle a toujours trop de capacités, trop de neurones, trop de reins, trop de poumons, trop de pancréas, cette prodigalité permet l'excès : "l'abus possible de la santé fait partie de la santé" (CANGUILHEM, 1998, p. 133). La vie est capacité à tolérer des infractions à la norme habituelle, à surmonter des crises. "La vie n'est donc pas pour le vivant une déduction monotone, un mouvement rectiligne, elle ignore la rigidité géométrique, elle est débat ou explication avec un milieu où il y a des fuites, des trous, des dérobades et des résistances inattendues" (CANGUILHEM, 1998, p. 131). Cette confrontation à ce qui fait événement construit peu à peu l'histoire d'un être vivant. Et dans cette histoire "la santé c'est un ensemble de sécurités et d'assurances, sécurités dans le présent et assurances pour l'avenir" (CANGUILHEM, 1998, p. 131). Une solide assise pour l'existence.

La santé, donnée ou reconquise, c'est, selon la définition de Leriche, la vie dans le silence des organes. Un état où l'on remarque le corps le moins possible en dehors d'un joyeux sentiment d'existence, comme le précise Jaspers (CANGUILHEM, 1998, p. 74). Mais ce sentiment ne relève pas seulement d'un corps en bonne santé, il y faut une reprise en mains de son existence par le sujet lui-même.

DES RYTHMES (A MARCHE) FORCES

Certaines reprises en mains s'avèrent être des impasses, tel est le cas de l'engouement pour des régimes alimentaires drastiques, médicalement non motivés : le sans gluten, le sans lactose, le tout végétarien, le tout vegan. La norme fluctue, par-delà toute rationalité, au même rythme que les modes. L'individu pense ainsi maîtriser son existence en réglant la difficile et lancinante question qui se pose au quotidien de savoir ce qu'il désire manger. Question qu'il esquivé en lui substituant celle de ce qu'il peut ou ne peut pas faire, ou plutôt de ce qu'il doit ou ne doit pas faire, s'imposant par là une forme d'hygiénisme.

L'hygiénisme, de façon générale, se réduit à une simple gestion du corps : "règles d'hygiène, exercices corporels, alimentation saine, précautions à prendre pour

éviter les maladies sexuellement transmissibles, soumission aux prescriptions du médecin. Ne pas fumer, ne guère boire, ne pas prendre de risques, vivre sagement, c'est-à-dire précautionneusement" (THOMAS, 2013, p. 167). La retenue est certes bonne, mais elle ne peut tenir lieu de conduite de l'existence. Jean-Paul Thomas l'écrit : " Le bien-être organique n'est pas l'alpha et l'oméga d'une vie humaine" (THOMAS, 2013, p. 168). Que penserait-on d'une éducation qui recommanderait exclusivement de manger et dormir raisonnablement ?

Cette attitude est même contre-productive car elle "développe, sous couvert de préceptes triviaux, une posture précautionneuse, une sorte de méfiance généralisée à l'égard du risque de vivre" (THOMAS, 2013, p. 167). Elle n'aide pas l'homme à mieux vivre ou à bien vivre, elle tend à réduire l'humanité à la préservation d'un " patrimoine corporel, menacé par les excès, les addictions, les souffrances et les échecs que seule une vie totalement dénuée de passions et d'élan créateur peut garantir" (THOMAS, 2013, p. 16). Une telle vie, frileuse et en réalité fragile, renforce le repli sur soi d'individus angoissés car obnubilés par la préservation de ce qu'une économie néolibérale ose appeler leur capital-santé.

La reprise en mains des rythmes de l'existence peut aussi s'opérer en s'appuyant fermement sur des préceptes religieux, non pas simplement des rituels, des fêtes culturelles, des règles que chacun adapte de fait en se les appropriant, mais bien plutôt sur une orthopraxie qui domine les courants fondamentalistes ultrarigoristes. L'orthopraxie prétend déterminer la conduite individuelle de la vie quotidienne d'une manière strictement conforme à des prescriptions religieuses. Elle ne se contente pas d'élaborer des commandements généraux, elle établit et fixe dans leurs moindres détails ce qui est interdit, ce qui est proscrit, ce qu'il faut faire et comment le faire. Tout doit être précisé : chaque action, chaque comportement, chaque attitude, chaque rapport à l'autre en toute situation.

De façon quasi-obsessionnelle, ces prescriptions sont particulièrement pressantes en direction des femmes. Le salafisme, parmi d'autres, leur impose des diktats vestimentaires fondés sur l'interdit de montrer en public la quasi-intégralité de leur corps. Les haredims pénètrent, eux, dans la sphère privée. La femme, impure, ne doit pas frôler son propre époux pendant ses menstruations, même par inadvertance. Certaines mouvances vont jusqu'à fixer le nombre licite de baisers, leur moment et leur

durée lors d'unions sexuelles dont les fréquences sont elle-mêmes calculées, codifiant ainsi une intimité qui pourrait échapper au champ de l'intégrisme religieux¹³.

La profusion et la rigidité de règles et d'interdits pourtant difficiles à intégrer et donc à respecter est perçue comme rassurante. Le rigorisme, quel que soit son fondement (religieux, mystique, New Age), instille une confiance aveugle, voire une certaine arrogance dans l'esprit de ses adeptes qui se perçoivent comme les plus purs, voire les meilleurs, car seuls capables de se préserver et de résister aux multiples agressions d'un monde conçu comme perversi ou décadent.

Simmel souligne les risques individuels de telles prescriptions : "maints impératifs éthiques comportent un idéal d'une perfection si rigide qu'il ne permet pas d'actualiser à partir de lui des énergies susceptibles d'être accueillies par nous dans notre développement" (SIMMEL, 1988, p. 196). Ces impératifs ne peuvent pas aider à orienter et conduire l'existence, ils n'ont paradoxalement aucune efficacité car ils demeurent extérieurs aux sujets, à leur périphérie. L'individu y est nié en tant qu'individu, et c'est peut-être en somme ce qu'il désire.

En se fondant sur des normes externes si contraignantes, le sujet refuse de s'engager dans son histoire personnelle, il se décharge des aléas d'une vie qui repose toujours plus ou moins, qu'il le veuille ou non, sur l'initiative personnelle. Loin de se reprendre en mains, le sujet se retrouve en réalité ici aussi dépossédé de lui-même, comme si tel était d'ailleurs l'objet de ces quêtes : se détourner, se délester, se démettre de soi. Mais un individu ne peut vivre à ces rythmes forcés car de tels rythmes ne sont tout simplement pas vivables.

LA CREATION DE RYTHMES PROPRES

Il faut partir ou repartir de soi et être à l'origine de ses propres rythmes. "Nous ne serons des êtres fortement constitués, vivant dans un repos bien assuré, que si nous savons vivre sur notre propre rythme, en retrouvant, à notre gré, à la moindre fatigue, au moindre désespoir, l'impulsion de nos origines" (BACHELARD, 1993, IX). Instituer ce rythme fondamental de l'existence nécessite de s'appropriier les différents rythmes des différents actes dans lesquels on s'engage.

13 Autre cible privilégiée, lorsqu'il n'est pas condamné à la peine de mort, l'homosexuel : un homme ayant une démarche "efféminée" (les clichés ont la vie dure) apprendra comment mouvoir son corps et discipliner une certaine tenue des poignets (Geoffroy, 2013).

Mais l'existence, et pas seulement la vie biologique, se caractérise par une surabondance vertigineuse : trop de possibilités, trop de perspectives, trop de sollicitations diverses et variées. Face à cela, il faut choisir, et nombreux sont ceux qui tentent d'éluder cette question du choix. Certes, chacun fait des choix, au moins *minima* : une filière d'études menant à un métier qui s'accompagne de quelque divertissement. Mais ce sont trop souvent les circonstances ou les autres qui décident à la place du sujet. Ou plutôt le sujet décide que les événements, la famille, le destin, un idéologue décideront pour lui.

Repartir de soi, c'est décider de recommencer à soi. Mais qu'est-ce faire au juste ? C'est déjà s'émanciper des stéréotypes et cesser de subir autant qu'il est possible ce qui est imposé de l'extérieur, c'est aussi rompre avec les modalités habituelles, non réfléchies, de la vie quotidienne et gagner peu à peu en autonomie. C'est décider d'opérer des choix en étant à l'écoute de soi, c'est-à-dire non pas seulement à l'écoute de son corps comme phénomène biologique, mais à l'écoute de son désir. La question centrale autour de laquelle tourne la question des rythmes et que l'on peut passer toute sa vie à éviter est celle de ce que l'on désire être. La mesure interne à laquelle accorder les rythmes de son existence, c'est en effet le désir, un désir qui pourrait définir le sujet en propre et dans lequel il se reconnaîtrait.

Le sujet doit se choisir, se définir non en négatif, par tout ce qu'il aurait pu ou dû faire, qu'il n'a pas fait et qu'il regrette de ne pas avoir fait, mais en positif, par tout ce qu'il fait et désire faire. Comme l'écrit Robert Misrahi, "chaque action est une énergie et une temporalité" (MISRAHI, 1996, p. 451), elle ne laisse pas l'individu indemne. Celui-ci ne saurait dépenser sans compter et s'éparpiller en toutes directions. "Le sujet humain est un individu fini [...]. Il ne peut être à la fois philosophe, poète, médecin, ingénieur, juriste, politique et enseignant" (MISRAHI, 1996, p. 451) ; pas plus que conducteur de bus, vétérinaire, astronaute, instituteur, pompier, chanteur ou toute autre combinaison comme en rêvent les enfants. Un sujet ne peut réaliser et déployer pleinement que certaines possibilités à l'exclusion des autres. Pour cesser de papillonner, il doit au moins une fois en sa vie se poser sérieusement cette question du choix qui n'est autre que celle de la construction de soi. On le comprend, il faut y réfléchir, s'examiner soi-même, éclairer son désir par la réflexion, c'est ainsi que l'esprit pourra maîtriser, comme l'écrit Bachelard, les dialectiques de la durée. L'essentiel est de trouver par où commencer ou recommencer, c'est la condition *sine qua non* afin

que des actes, des engagements, des pensées, des désirs soient enfin, autant qu'il est possible, les siens.

Chaque activité a ses propres rythmes, et l'articulation des différents rythmes de l'existence est une tâche éminemment personnelle qui réclame un investissement de la part du sujet. Celui-ci doit s'organiser, hiérarchiser, faire passer l'essentiel avant l'accessoire ; l'inverse de ce que l'on fait habituellement. S'il a le privilège de travailler dans de bonnes conditions, il doit encore établir les modalités courantes de la vie quotidienne, s'entretenir, consacrer du temps à ses amis, laisser place à quelque passion, se divertir aussi, prendre des vacances pour vivre à un autre rythme : détente absolue, bricolage, lectures intenses, voyages. Ces différentes activités ne se juxtaposant plus de façon hasardeuse ou incohérente, une délicate alchimie peut s'établir entre elles, et le sujet jongler harmonieusement avec les changements de rythmes qu'elles impliquent.

Certains choix entraînent un mode de vie strictement régulé, c'est le cas par exemple du sportif de haut niveau ou de l'instrumentiste ; ceux-ci se plient à une hygiène de vie, à un entraînement quotidien exigeant, dont la durée et le moment optimaux doivent être fixés de manière adaptée¹⁴. D'un point de vue extérieur, une telle vie semble relever de l'abnégation tant elle est astreinte au rythme répétitif des mêmes schémas et des mêmes exercices. Cette apparente répétition dissimule en réalité un travail d'orfèvre dans la recherche de la maîtrise d'un geste, d'un son, d'une nuance. Retrouver le stade ou son instrument, c'est une fête quotidienne perpétuellement réactivée car il s'agit chaque jour, non pas seulement de retrouver les repères de la veille, mais de les affiner, de les améliorer et de les perfectionner, de faire mieux, en somme, et non pas de répéter indéfiniment la même chose¹⁵.

Lorsqu'ils sont choisis, et non subis ou forcés, les différents rythmes impulsés par les différentes activités constituent une existence qui ne s'éprouve pas comme un mouvement linéaire et mécanique. "Le rythme est vraiment la seule manière de discipliner et de préserver les énergies les plus diverses. Il est la base de la dynamique vitale et de la dynamique psychique" (BACHELARD, 1993, p. 128). Cette dynamique, existentielle, prend la forme d'un renouvellement. Avec elle, on a envie de se lever le

14 il faut environ dix mille heures pour maîtriser un instrument, ce qui représente trois heures de pratique quotidienne pendant une dizaine d'années et requiert donc patience et détermination.

15 De même, en amour, la répétition du désir sexuel entraîne en s'accomplissant d'infinies et délicieuses variations.

matin. Dans ce cadre, un rythme peut aussi marquer le retour plaisant, et non accablant, du même, à l'instar du plaisir d'une habitude que l'on a soi-même instituée.

À égale distance d'une vie inerte, dont on souhaiterait s'abstraire, et d'une vie suractive sans aucun interstice libre, l'existence se déploie elle-même comme une alternance de mouvement et de repos. Bachelard montre en effet que, pour un être vivant, l'activité ne saurait être permanente, "lui succède toujours une période de non-fonctionnement, puisque l'énergie diminue dès qu'elle se dépense" (BACHELARD, 1993, p. 23). Même lorsqu'on a une impression de continuité, celle-ci est en réalité reconstruite, ou construite après coup: "l'expérience fine nous ramène au rythme des *oui* et des *non*, à la vie essayée, éphémère, refusée, reprise" (BACHELARD, 1993, p. 24).

En cela, l'existence suit la dynamique fondamentale du désir. Le désir lui-même et en lui-même est un rythme qui alterne entre mouvement et repos. Le désir, comme l'a bien montré Spinoza, est moins un manque qu'une puissance, un *conatus* ou puissance d'être, c'est-à-dire une puissance d'agir du corps *et* une puissance de penser de l'esprit. Quelle que soit son activité, l'homme est une unité biface corps/esprit: l'artisan ne laisse pas sa conscience au vestiaire et l'écrivain n'économise pas son énergie physique. Puissance qui porte l'existence, le désir est *mouvement* vers un objet, une visée, un but; et *repos* lorsqu'il se réalise. Ce repos n'est pas morne atonie, mais le moment où s'éprouve une certaine satisfaction, une forme de réjouissance, une joie écrit Spinoza.

Les auteurs pessimistes exècrent le repos, symbole emblématique du temps où règne l'ennui, où se perçoivent le vide et la vanité de l'existence. "Comme le besoin pour le peuple, l'ennui est le tourment des classes supérieures. Il a dans la vie sociale sa représentation le dimanche; et le besoin, les six jours de la semaine" (SCHOPENHAUER, 1984, p. 396). Cette idée résonne étonnamment avec le consumérisme actuel qui ne tolère aucune respiration dans le cycle hebdomadaire. Le droit à la paresse revendiqué par Lafargue s'est transformé en un droit à consommer nuit et jour tous les jours de la semaine et de l'année dans une injonction au shopping permanent¹⁶.

16 La césure hebdomadaire s'est émancipée du champ religieux et relève à présent du droit international, au moins dans son principe. Dans la Déclaration Universelle des Droits de l'homme,

Pourtant, les désirs de chacun s'expriment aussi dans les jours de repos: faire une grasse-matinée ou une promenade, aller pique-niquer ou au cinéma, passer du temps en famille ou s'isoler, ne rien faire sans vouloir à tout prix anxieusement s'occuper. Le vivant de lui-même et pour lui-même désire du repos. Et, selon Russell, "le bon usage du loisir, il faut le reconnaître, est le produit de la civilisation et de l'éducation" (RUSSELL, 2002, p. 23).

Ce bon usage n'est pas accessible à tous, sinon en droit, du moins en fait. Mais dans un monde où personne ne serait contraint de travailler plus de quatre heures par jour, l'auteur envisage : "tous ceux qu'anime la curiosité scientifique pourront lui donner libre cours, et tous les peintres pourront peindre sans pour autant vivre dans la misère en dépit de leur talent. Les jeunes auteurs ne seront pas obligés de faire de la réclame en écrivant des livres alimentaires à sensation, en vue d'acquérir l'indépendance financière que nécessitent les œuvres monumentales qu'ils auront perdu le goût et la capacité de créer quand ils seront enfin libres de s'y consacrer" (RUSSELL, 2002, p. 36). Cette perspective, visionnaire dans les années 1930, est désormais économiquement réalisable, et urgemment si l'on souhaite résoudre sérieusement la question du chômage.

Russell, à rebours du classique jugement moralisateur condamnant l'oisiveté, met au centre de sa réflexion la qualité de l'existence : "le bonheur et la joie de vivre prendront la place de la fatigue nerveuse, de la lassitude et de la dyspepsie. Il y aura assez de travail à accomplir pour rendre le loisir délicieux mais pas assez pour conduire à l'épuisement. Comme les gens ne seront pas trop fatigués dans leur temps libre, ils ne réclameront pas pour seuls amusements ceux qui sont passifs et insipides" (RUSSELL, 2002, p. 37). On le voit, l'enjeu autour de l'articulation du temps de travail et des loisirs n'est pas seulement social, économique et politique.

Une vie accordée au rythme de désirs essentiels est en effet riche et intense, le sujet y perçoit son pouvoir créateur, notamment des rythmes de son existence, dans une forme d'adéquation à soi. Il peut éprouver ce joyeux sentiment d'exister qu'une vie en bonne santé ne saurait à elle seule parvenir à susciter, un sentiment renforcé par l'engagement dans une activité créatrice.

l'article 24 édicte le droit au repos qui complète le droit au travail énoncé dans l'article 23 qui le précède. Cependant, le droit du travail s'acharne pour sa part à grignoter ce droit à ne pas travailler.

LES RYTHMES DE LA CREATION

Créer une œuvre, quelle qu'elle soit, artistique, philosophique, scientifique... instaure des rythmes particuliers dans l'existence. Certes, un créateur est monomaniacal, et il semblerait que la question des rythmes ne se pose même plus pour lui : il s'agit de créer, encore créer, toujours créer. Mais, porté par cet élan créateur, le sujet vit précisément aux rythmes de sa création car créer requiert du temps. La création se déploie sur une certaine durée qui, selon les domaines, varie par exemple de quelques heures pour une peinture à des années pour un livre. Elle se décompose en différents moments : celui de la formulation d'une nouvelle idée qui va constituer le moteur de la création ; celui, parfois long et laborieux, de la recherche d'éléments, de matériaux, de références, de connaissances pour nourrir ce projet ; celui du commencement effectif de la réalisation de cette œuvre et de sa délicate élaboration ; et enfin celui de l'aboutissement de l'ensemble de ce processus par l'achèvement de l'œuvre. Des lenteurs et des moments de latence où rien ne semble pouvoir aboutir alternent avec des moments d'accélération et de fulgurance où tout semble s'agencer à merveille dans l'œuvre en cours.

Lorsqu'une œuvre est terminée, le ressort créateur marque quelque temps d'arrêt. Ce dernier peut être fort bref, le sujet passant d'une œuvre à une autre à une cadence soutenue. Ce temps du repos est toutefois plus important qu'il n'y paraît car il permet prise de distance, réflexion, questionnement, ressourcement qui sont tous nécessaires pour maintenir une certaine inventivité. Une suspension temporaire peut en effet s'avérer fertile. Parfois, une idée, une solution, une ouverture inattendue surgissent lors d'une marche ou d'une activité ménagère car la disponibilité d'esprit favorise cette émergence. Prenant régulièrement des années sabbatiques, le designer Stefan Sagmeister constate que de telles parenthèses sont très souvent suivies de périodes de profond renouvellement créatif¹⁷.

Une fois achevée, l'œuvre créée scelle la fin d'un dynamisme qui est celui-là même de l'acte qui l'a portée, elle existe objectivement et non plus à titre de projet, d'idée, d'intuition, de recherche en cours. "C'est dans la forme même du solide, de la cristallisation, de la permanence de l'existence, que l'esprit – devenu ainsi objet –

¹⁷On peut le constater au regard de la réalisation de l'identité visuelle de la Casa da Música de Porto, par exemple.

s'oppose au flux de la vie qui s'écoule, aux diverses tensions du psychisme subjectif" (SIMMEL, 1988, p. 177). Cette inscription dans une forme objective représente une transformation de ce qui est mouvant en une forme repérable et identifiable.

Ce rapport des œuvres au flux du vivant peut être envisagé comme une fixation problématique. "La vie frémissante se développant à l'infini, créatrice, dans quelque sens que ce soit, voit se dresser en face d'elle sa propre production, ferme, avec l'inquiétant effet de retour de fixer cette vivacité, de la figer ; on dirait souvent que la mobilité féconde de l'âme meurt par sa propre production" (SIMMEL, 1988, p. 184). L'œuvre représente sous un certain aspect la négation du vivant, mais cette négation est l'expression d'un véritable renversement car, si on y regarde de plus près, les supposés défauts de la fixation en une œuvre se retournent en qualités : face à un flux, la délimitation ; face au changement, le stable et le durable ; face à une certaine dispersion, la cohésion et la cohérence que porte une œuvre avec elle.

La vie toujours mouvante, aussi rythmée soit-elle, peine à accéder à de telles qualités alors que l'œuvre, quelle qu'elle soit, permet de coaguler le mouvement, sa réalisation est ainsi un événement qui rythme objectivement le temps subjectif, ce qui n'est pas rien. L'œuvre, qui vivra ensuite sa vie, permet au sujet de s'appréhender et d'exister en tant que créateur. Comme l'écrit Robert Misrahi, "certes, il existe une dialectique malheureuse de l'auteur et de l'œuvre, par laquelle celle-ci échappe à celui-la par son caractère même de détermination et d'objectivité. Mais cette dialectique ne saurait nous faire oublier le moment inverse, lequel consiste, pour l'œuvre, à donner une réalité à l'auteur" (MISRAHI, 1969, p. 215). C'est un fait, l'auteur gagne d'exister comme origine et source d'une œuvre qui existe face à lui, sa vie prend corps et se structure à partir d'elle.

La création instaure un dynamisme qui ne s'arrête pas à lui-même, elle ouvre sur un avenir qui sera lui-même créateur ; cette fécondité dépend de l'investissement du sujet qui doit sans cesse motiver la poursuite d'une activité qui repose *in fine* sur son seul désir d'être et de demeurer créateur.

L'attitude créatrice peut en effet s'user, décliner, perdre de son dynamisme, se bloquer. Gorz y voit la marque du vieillissement : "C'est au commencement seulement (d'une vie, d'une entreprise, d'un couple...) que les fins déterminent les moyens à inventer, que le projet façonne le monde à l'image d'un but qui est *absence*. À mesure que vous avancez, les moyens forgés perpétuent dans l'inertie de leur matière la

finalité première (et souvent déjà morte) de vos actes passés" (GORZ, 2004, p. 404). Cette inertie pousse un homme à devenir une pâle imitation de lui-même.

Il est vrai que tout commencement insuffle un nouveau rythme à l'existence. Mais il n'y a aucune raison de penser que cette possibilité concerne la seule jeunesse car on peut être jeune et apathique alors qu'on peut, *a contrario*, passer sa vie à entreprendre jusqu'à un âge avancé, avec la même verve, de nouveaux projets, tout en se fondant sur des projets bien étayés menés à leur terme. Il est juste néanmoins, comme le remarque Bachelard, qu'à un moment donné, l'esprit conservatif ou académique peut dominer. "C'est verser dans un vain optimisme que de penser que *savoir* sert automatiquement à savoir, que la culture devient d'autant plus facile qu'elle est plus étendue, que l'intelligence enfin, sanctionnée par des succès précoces, par de simples concours universitaires, se capitalise comme une richesse matérielle" (BACHELARD, 1986, p. 15). Il y a un moment où l'esprit préfère ce qui le conforte à ce qui pourrait le bousculer – un temps "où il aime mieux les réponses que les questions" (BACHELARD, 1986, p. 15). Il se contente alors de ressasser ses acquis car demeurer créatif réclame un effort constant.

Le renouvellement n'est pas pour autant le signe d'une insatisfaction permanente et de l'échec du désir à atteindre ses buts. On peut y voir plus simplement un dynamisme sans cesse orienté vers l'avenir, non parce que l'insatisfaction croît à mesure que des œuvres sont créées, mais parce que les œuvres novatrices suscitent une continuation de l'acte créateur sous de nouvelles modalités. La relance permanente du désir de créer exprime la vitalité d'un désir renaissant qui, en atteignant des buts, souhaite pourtant en poursuivre et en atteindre de nouveaux. Nul cercle qui ramènerait toujours au même point, à l'image d'un serpent qui se mord la queue, mais un mouvement en spirale où ce qui est à faire se nourrit de ce qui a été fait.

L'existence est rythmée par ces créations successives auxquelles il faut ajuster la vie quotidienne, matérielle, familiale, sociale. L'écrivain Arnauld Lebrusq résout ainsi la difficile équation entre travail et création : on voit, comme il le dit, trop de gens malheureux à vouloir "s'épanouir" au travail alors que le travail devrait parfois être pris comme un simple moyen d'assurer sa subsistance. Une fois cette question réglée, on peut s'adonner avec enthousiasme à la création.

Une vie où la création a une place centrale comporte des temps forts: une série de concerts, une exposition, une publication, une découverte, un cycle de conférences.

Ces temps sont forts, tant du point de vue affectif, par ce qui s'y joue, que du point de vue du sens de ce qui est vécu. Concentrant une extrême créativité, ces moments permettent de se sentir intensément vivant.

Le temps de la création est lui-même vécu d'une façon particulière: "c'est un temps qui oublie le temps, pendant lequel le temps ne (se) compte plus. Il advient ou survient quand une activité apporte une plénitude. [...] Cette activité s'accorde à elle-même et au monde. Elle a quelques traits d'une autocréation et d'un don plutôt que d'une obligation ou d'une imposition venue du dehors" (LEFEBVRE et REGULIER, 1985, p. 194).

La création institue un jeu nouveau dans l'existence par lequel le sujet peut accéder à une forme de stabilité existentielle. En effet, les questions qui taraudent un créateur concernent surtout les problèmes posés par des projets particuliers, les difficultés de leur réalisation, alors que sur le fond se fortifie son désir de poursuivre son activité créatrice. Chaque création poursuit des intérêts particuliers, mais ces actes apparaissent aussi comme une multiplicité de voies grâce auxquelles un sujet s'accomplit. Les événements exceptionnels, quant à eux, s'intègrent plus aisément dans l'existence, qu'ils soient heureux, comme une belle rencontre, une nouvelle amitié, une proposition renforçant des engagements ou malheureux, comme une rupture amoureuse, la mort d'un proche, l'éloignement d'un ami. Ces derniers, lorsqu'ils s'inscrivent dans une existence solidement arrimée, sont vécus pour ce qu'ils sont, des moments douloureux.

Vivre au rythme de ses créations, c'est déployer son existence sous la forme d'une synthèse paradoxale, celle du mouvement et du repos. L'existence, délestée de l'agitation et d'une certaine impatience, s'éprouve à la fois comme un dynamisme qui est celui-là même du désir, et comme un repos qui est celui d'un désir atteignant des buts essentiels. L'existence est alors vécue, pour reprendre la belle formule de Bachelard, comme une vibration heureuse.

CONCLUSION

J'ai volontairement laissé de côté les rythmes se situant au sein d'une création donnée. Il y a là de vastes champs de réflexion nécessitant d'être étudiés pour eux-mêmes, en particulier dans le domaine artistique : musique, littérature, poésie, cinéma,... Se rendre sensible à l'esthétique des rythmes, c'est se rendre sensible à la dynamique du désir qui sous-tend toute activité humaine. L'essentiel était ici de

montrer que s'engager dans la reconquête de ses propres rythmes permet de se construire soi-même. Il serait temps d'en prendre conscience car, ultra-connecté de manière compulsive à des tablettes, des ordinateurs et des ordiphones de tous types, réagissant au rythme de leurs fréquentes alertes, mais déconnecté de lui-même, de l'attention aux autres et de sa présence au monde, l'homme contemporain sombre doucement, sans y prendre garde, dans un état d'extrême servitude volontaire.

RÉFÉRENCES

- BACHELARD, Gaston. *La Formation de l'esprit scientifique*. Paris : Vrin, 1986.
_____. *La Dialectique de la durée*. Paris : Quadrige/PUF, 1993.
- BÉLOT Laure, "La dictature de l'impatience". In : *Le Monde, Science & médecine*, Mercredi 26 juin 2019.
- BERGSON, Henri. *L'Évolution créatrice*. Paris : Quadrige/PUF, 1981.
- CAMUS, Albert. *Le Premier homme*, Paris : Gallimard, 1994.
- CANGUILHEM, Georges. *Le Normal et le pathologique*. Paris : Quadrige/PUF, 1998.
- GEOFFROY, Emmanuel. L'imam gay, Reportage de Llana Navaro. Documentaire radiophonique, Les Pieds sur terre, Sonia Kronlund, France Culture, 19. 11. 2013 (28 min).
- GORZ, André. *Le Traître* suivi de *Le vieillissement*. Paris : Folio/essais, Gallimard, 2004.
- LEFEBVRE, Henri. *Éléments de rythmanalyse, Introduction à la connaissance des rythmes*. Paris : Syllepse, 1992.
- LEFEBVRE Henri et RÉGULIER Catherine. "Le projet rythmanalytique". In : *Communications*, N° 41, p. 191-199, 1985.
- MISRAHI, Robert. *Lumière, commencement, liberté*. Paris : Plon, 1969.
_____. *La Jouissance d'être. Le sujet et son désir, essai d'anthropologie philosophique*. La Versanne : Encre Marine, 1996.
- RUSSELL, Bertrand. *Éloge de l'oisiveté*. Paris : Allia, 2002.
- SAGMEISTER, Stefan. Le pouvoir du temps libre. Conférence filmée, TEDGlobal 2009, (17 min 40).
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Le Monde comme volonté et comme représentation*. Paris : PUF, 1984.
- SICARD Didier. "La médecine sans le corps : quelques notes sur la relégation du corps". In : *Les Cahiers du Centre Georges Canguilhem*, 2007/1 (N°1), PUF, p. 113-137.
- SIMMEL, Georg. *La Tragédie de la culture et autres essais*. Paris : Rivages, 1988.
- SPINOZA. *Éthique*. Paris : Le Livre de Poche, 2005.

THOMAS, Jean-Paul. *La Médecine, nouvelle religion*. Paris : François Bourin Éditeur, 2013.

VELUT, Stéphane. *L'Hôpital, une nouvelle industrie. Le langage comme symptôme*, Paris : Tracts/Gallimard, 2020.

VERDIER, Véronique. *Existence et création*, Paris : L'harmattan, 2016.

OS RITMOS DA EXISTÊNCIA

RESUMO

Este artigo esboça o itinerário de reconquista dos ritmos da existência. Partindo de uma constatação, a existência é, de fato, ritmada, mas esses ritmos são geralmente experienciados passivamente e não escolhidos pelo sujeito, nós nos perguntamos como reencontrar uma mestria desses ritmos posto que esta mestria é uma condição para viver melhor, ou mesmo para bem viver. Da escuta do corpo, posto em perigo pela ruptura de uma doença, passando pela imposição de regras rígidas, veremos que a saída se situa na criação de ritmos próprios.

PALAVRAS-CHAVE: Existência; Ritmos; Criação; Desejo; Spinoza; Bachelard; Canguilhem; Lefebvre.

THE RHYTHMS OF EXISTENCE

ABSTRACT

This article sketches the itinerary of regaining the rhythms of the existence. Starting from an observation, the existence is in fact rhythmic but these rhythms are most often undergone and not chosen by the subject, we wonder how to find again a mastery of these rhythms, since this mastery is one condition to live better, maybe even to live well. From the listening of the body, endangered by the rupture of an illness, passing by the constraint of rigid rules, we will see that the exit lies in the creation of one's own rhythms.

KEYWORDS: Existence; Rhythm; Creation; Desire; Spinoza; Bachelard; Canguilhem; Lefebvre.

RECEBIDO EM 10/12/2019

APROVADO EM 14/04/2020

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

ARTICULAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE E MÚSICA: A PRESENÇA DA VOZ NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

*Beatriz Alves Viana*¹

*Luciana de Carvalho Pieri*²

RESUMO

O trabalho articula psicanálise e música, buscando refletir como a dimensão da musicalidade está presente na constituição do sujeito. Considera-se que, primordialmente, a voz materna – através de uma construção sonora por meio de sua fala carregada de jogos fonéticos e ritmos – transmite ao *Infans* o convite para tornar-se sujeito e poder, assim, compor sua própria música singular. Para tanto, utilizaremos algumas contribuições teóricas do campo da música – que concebem esta última enquanto uma linguagem – visando pensar sobre as primeiras experiências sonoras vinculadas à musicalidade que existe desde os primeiros meses de vida. Estas nos servirão de subsídios para pensar como a musicalidade da voz materna transmite a linguagem que inicialmente se inscreve para além da significação, uma vez que o bebê antes de ter acesso à dimensão da significação capta e registra o que há de material na voz.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Música; voz; linguagem; musicalidade.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. Especialista em Saúde Mental. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: beatrizalvesv@gmail.com Telefone: (85) 98725-6571

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. Graduada em Psicologia pela Universidade do Rio de Janeiro. E-mail: lulu_pieri@hotmail.com / Telefone: (21) 99967-1391

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende refletir acerca dos efeitos deixados pela musicalidade da voz materna, articulando aspectos referentes ao campo da música e da psicanálise. Para tanto, em relação ao campo musical, utilizaremos textos de teóricos que pensaram a música como uma linguagem. No que se refere à teoria psicanalítica, nos apoiaremos nos textos de Freud, de Lacan e de comentadores (DIDIER-WEILL, 1999; VIVÉS, 2009; QUINET, 2012; MALISKA, 2012) que abordam a dimensão da musicalidade como uma das primeiras marcas inscritas no psiquismo, tendo sua origem em uma voz primordial a partir da qual as palavras e a fala irão se vincular e se manifestar por meio de sons. Nesse sentido, é importante destacar, antes de tudo, a distinção entre som e música, tendo em vista que o primeiro é o meio pelo qual a mensagem da música é transmitida.

Primordialmente, a fala e as palavras são captadas não por seu valor semântico, mas pela sonoridade e musicalidade da voz de quem as carrega, aquele que como nos diz Freud “é uma pessoa pré-histórica, inesquecível, que nunca é igualada por nenhuma outra posterior” (FREUD, 1985/2006, p. 239), definido por Lacan (1964/1998) como “Outro”. Sobre essa voz primordial, Jean-Michel Vivès (2009, p. 195) afirma: “Por sua musicalidade, a voz é o meio de transmissão da linguagem e da palavra”. Através da voz do Outro, ouve-se o que há de inapreensível, que escapa ao significado e fica marcado por sua sonoridade e ressonância. Como afirma Didier-Weill (1997, p. 240), “uma nota de música (um lá bemol, por exemplo) é estritamente intraduzível por outra nota. [...] Lá bemol não reenvia a um significado, e sim a um puro real”. Este *Real* exposto por Didier-Weill (*IBID.*) é uma referência ao termo formulado por Lacan para designar o *nonsense / não-sentido* que é inscrito psiquicamente e não pode ser representado por nenhuma palavra ou imagem.

Dessa forma, a voz da mãe – ou de quem ocupar esse lugar para a criança – se inscreve no psiquismo com toda sua melodia característica, seus picos prosódicos, seus fonemas e escansões, convidando o *Infans* a habitar em um lugar estranho e desconhecido, justamente porque nesse momento primordial, o que se sobrepõe nessa relação é a falta de sentido. Assim, como aponta Didier-Weill (1997), antes de o *Infans* ter a capacidade de falar e articular um discurso ou cantar sua própria melodia, ele já foi “cantado” anteriormente por um Outro, que o nomeou e o colocou

como objeto de seu desejo. É o Outro que irá transformar as expressões da criança em fala, enxertando a musicalidade de sua voz sobre ela e transformando-a em sujeito.

Logo, através da voz do Outro, é transmitido o desejo à criança, além das primeiras marcas e cicatrizes de um amor primordial. O impacto desta voz promove a inscrição de um vazio que irá permitir que o desejo apareça para o sujeito. Este vazio também será responsável pela produção da dimensão do registro do Real, algo que se revela enquanto inapreensível e incapaz de se ater ao campo simbólico. Restará, portanto, ao sujeito, uma tentativa incessante de simbolizar – por meio de sua própria fala – o afeto deixado por essas marcas e vestígios.

Tais vestígios, uma vez inscritos no corpo do *falasser*, produzirão efeitos que a *posteriori* nortearão, inclusive, a forma com que o sujeito irá relacionar-se com o campo da linguagem e com o campo do Outro. Portanto, a partir do percurso teórico supracitado sobre a musicalidade da voz e seus efeitos, será possível destacar as possíveis articulações entre o campo da música e da psicanálise, buscando refletir como a dimensão essa dimensão musical da voz materna primordial está implicada nas primeiras operações de constituição do sujeito.

DA MUSICALIDADE DA VOZ À CONSTRUÇÃO DA PALAVRA

A voz é ressaltada por Freud em vários textos, trazendo desde os seus primeiros escritos, alguns indícios do que viria a ser chamado de constituição do sujeito. Em “Projeto para uma psicologia científica” (1985/2006) e “Mal estar na civilização” (1929/2006) ele associa a linguagem e os processos psíquicos às primeiras experiências sonoras da mãe (ou *Nebenmensch- Próximo Assegurador*) com o bebê e que terão uma função estruturante em sua vida.

Primeiramente, em relação ao “Projeto para uma Psicologia Científica” (*IBID.*, 1985/2006), é importante nos situarmos em torno de seus fundamentos principais antes de retornarmos a dimensão sonora apresentada por Freud. Nesse texto, apesar de Freud falar de alguns aspectos psicológicos, ele ainda expõe suas articulações teóricas baseadas na biologia e na física ao representar o aparelho psíquico por meio de suas características de transmitir e transformar energia.

É nessa passagem que Freud fala sobre o grito emitido pela criança nas origens da sua existência, chamado por ele, em “Mal estar na civilização” de “gritos de socorro” (FREUD, 1929/2006 p.). Este primeiro grito refere-se a uma reação orgânica na qual o *Infans* reage por meio de uma descarga automática através do seu corpo. A mãe, ou *Próximo Assegurador*, como se referiu Freud (1895), o interpreta como uma demanda e, por meio de uma *ação Específica* (que pode ser a ajuda nos cuidados à criança), responde a esse estado de desprazer (tensão interna) no sentido de aplacá-lo.

Ademais, o som da descarga orgânica da necessidade manifestada por meio do grito representa a passagem da energia somática em energia psíquica, pois a partir do momento que um Outro interpreta esse grito – que era apenas a expressão sonora de um sofrimento – ele se transpõe de grito para um “pedido”/ uma demanda; eleva a categoria de grito para a palavra. E assim, pode passar a representar a instauração de um desejo, uma vez que este Outro interpretou o grito de acordo com as coordenadas do seu próprio desejo, convocando o *Infans* a tornar-se sujeito, emprestando-lhe sua voz. Assim, algo escapa entre a necessidade da criança manifestada por meio do grito e a demanda interpretada pela mãe.

Portanto, é exatamente quando a mãe interpreta o grito de desamparo da criança como sendo a demanda por algo específico que “esse canal de descarga (de tensão, o próprio grito) adquire uma função secundária da maior importância, a de *comunicação*” (IBID., 1895/2006, p.318), e acrescenta Freud: “o desamparo inicial do ser humano é a fonte primária de todos os *motivos morais*” (IBID.) Portanto, é nesse tempo mítico que através da voz se faz um laço com Outro Primordial, que se constituirá como objeto de prazer e desprazer. Segundo Freud (1895/2006, p.421): “Essa via adquire uma função secundária ao atrair a atenção da pessoa que auxilia (geralmente o próprio objeto de desejo) para o estado de anseio e aflição da criança; e, desde então, passa a servir ao propósito da comunicação, ficando assim incluída na *ação específica*”. É justamente o que permite a criança passar de uma sonoridade orgânica a um som verbal primário.

Em seu “Seminário 4: A Relação de Objeto”, Lacan (1956-1957/1995) traz o grito da criança que é interpretado pela mãe, relacionando-o com a dimensão da linguagem. Ele diz que:

Os gritos são, doravante, virtualmente organizados num sistema simbólico. O sujeito humano não é apenas avisado do grito como algo que, a cada vez, assinala um objeto (...) Desde a origem o grito é feito para que se tome conhecimento dele, até mesmo para que, mais-além, se o relate a um outro. Basta ver a necessidade essencial que a criança tem de receber esses gritos modelados e articulados que se chamam palavras, e o interesse que ela tem no sistema de linguagem em si mesma. O dom-tipo é justamente o dom da palavra, porque, com efeito, o dom aqui é se posso dizer, igual em seu princípio. Desde a origem a criança se alimenta tanto com palavras quanto com pão, e perece por palavras. Como diz o Evangelho, o homem não perece apenas pelo que entra na sua boca, mas também pelo que dela sai (LACAN, 1956-1957/1995, p.192).

O que podemos apreender de essencial no comentário feito por Lacan (*IBID.*) é que o bebê, nesse momento primordial, não tem capacidade para formular uma imagem mais elaborada, e, portanto, resta a ele a tentativa de reagir ao estímulo de desprazer através de seu grito. Dessa forma, a presença (e ausência) materna marcará o bebê através dos seus cuidados, transmitindo-lhe uma fala e uma voz com toda a sua melodia e representações sonoras. A criança, ademais, não pode fugir disso, uma vez que “... os ouvidos são, no campo do inconsciente, os únicos *orifícios* que *não se fecham*” (LACAN, 1964/1998, p.184. Grifos nossos). Logo, é no momento que o Outro empresta suas palavras à criança, que “a materialidade do som será, a partir de então, irremediavelmente velada pelo trabalho da significação. A palavra faz calar a voz” (VIVÉS, 2009, p. 196).

O eco da descarga sonora está na origem dos primeiros traços de lembranças e a voz enquanto som puro se transforma em demanda e desejo na presença do Outro primordial. Assim, esse som, ao ser descarregado, irá se vincular a padrões sonoros e musicais que escapam à significação verbal, uma vez que o Outro “provoca no real do corpo um desvio, pois o que é da necessidade e não passa para a demanda, resta como um inassimilável que aparece ‘num rebento’, ‘num broto’ como aquilo que se apresenta no homem como desejo” (MACHADO, 2014, conferência).

No “Seminário 1: Os Escritos Técnicos de Freud” (1953-1954/1986), Lacan, em seu retorno a Freud, discute justamente de como o que escapa à palavra influencia na transmissão do desejo. Além disso, nessa mesma passagem Lacan fala que: “Uma palavra não é palavra a não ser na medida exata em que alguém acredita nela”, acrescentando:

A palavra não tem um único sentido, um único termo, um único emprego, Toda palavra tem sempre um mais-além, sustenta muitas funções, envolve muitos sentidos. Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e,

atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer-dizer, e nada será nunca esgotado - se não e que se chega ao fato de que a palavra tem função criadora e faz surgir a coisa mesma, que não nada senão o conceito (LACAN, 1953-1954 p. 277).

Sabemos desde Freud até Lacan que o poeta precede ao psicanalista, e consegue expor de forma mais clara tudo que venhamos tentar articular. Citemos, portanto, o trecho da música “Uma Palavra” de Chico Buarque de Hollanda que ajudará a compor nossas referências:

Palavra prima. Uma palavra só, a crua palavra.
Que quer dizer Tudo Anterior ao entendimento, palavra.
Palavra viva, palavra com temperatura, palavra.
Que se produz Muda
(...)
Qualquer feição de se manter palavra
Palavra minha Matéria, minha criação, palavra.
Que me conduz Mudo
E que me escreve desatento, palavra.
Talvez à noite
Quase- palavra que um de nós murmura
Que ela mistura as letras que eu invento
Outras pronúncias do prazer, palavra.
Palavra boa Não de fazer literatura, palavra.
Mas de habitar Fundo
O coração do pensamento, palavra.
(Uma palavra, do álbum Chico Buarque, de Chico Buarque, 1989).

Como a letra de Chico Buarque denuncia, a voz se vincula à fala e à palavra, que nos chegam repletas de sonoridades, por meio dos fonemas e escansões que marcam e atravessam o sujeito não pelo seu significado, mas pela “crua palavra que quer dizer tudo anterior ao entendimento da palavra” (BUARQUE, 1989). Percebemos, além disso, que, ao nos determos ao significado das palavras, deixamos de perceber que a musicalidade da palavra transborda a própria palavra³. Assim, o que captamos de forma bastante nítida nos processos de constituição do sujeito é que, antes da criança ter a capacidade de anunciar as palavras em seu significado, o seu corpo é atingido pelo som puro e pela vibração sonora proveniente delas.

A vibração sonora é uma energia pulsional que vem através da voz materna, se propaga no vazio do corpo da criança e a contorna como que num convite a advir

³Aqui é importante destacar que as noções de palavra e de música não podem ser confundidas, embora exista algo de musical nas palavras, pois elas portam uma temporalidade, um ritmo, um tom, um timbre e uma intensidade. A palavra está no campo da fala e a música está no campo do mais-além do sentido.

como sujeito a partir do abandono da posição de objeto do desejo do Outro (mãe). Essa voz soa como música, naquilo que a música, enquanto estrutura e som puro, tem de mais abstrato: o fato de nada significar (DIDIER-WEILL, 1997). Dessa forma, podemos dizer que há uma dimensão inapreensível, musical e vociferante implicada na fala materna. Ou dito de outra forma,

A vocação para tornar-se humano, nos é originalmente transmitida por uma voz que não nos passa a fala sem nos passar, ao mesmo tempo, sua música: a música dessa “sonata materna” é recebida pelo bebê como um canto que, de saída, transmite uma dupla vocação: está ouvindo a continuidade musical de minhas vogais e a descontinuidade significativa das minhas consoantes? (DIDIER-WEILL, 1999, p.09).

É justamente a musicalidade latente das palavras que anuncia a dimensão inacessível delas, pois quando tentamos encontrar o sentido de uma frase, deixamos de escutar a dimensão material de seus sons e fonemas. Assim, concluímos que essa musicalidade só nos deixa encontrar vestígios daquilo que está para além da significação e da tradução.

A LINGUAGEM MUSICAL E MÚSICA DA FALA: ELEMENTOS PARA PENSAR A CLÍNICA PSICANALÍTICA

A fala e a música tem uma origem sonora comum, como nos diz David (2007, p.46): “A linguagem verbal e a musical são códigos de comunicação originados da mesma forma da qualificação dos afetos. A música remete ao próprio instante de compreensão e ao prazer da descarga, através das variações entre o grito e a fala”. Assim, por mais que cada uma dessas linguagens, posteriormente tomem caminhos diferentes em relação à comunicação humana, continuam recorrendo uma a outra em muitos momentos como, por exemplo, na poesia. Assim, trataremos a música como uma linguagem, com toda sua dimensão instrumental e vocal.

O aspecto instrumental, como o próprio nome supõe, está ligado ao som de um instrumento, já o aspecto vocal geralmente está ligado às palavras que aparecem em sua musicalidade inerente (AZEVEDO, 2011). Diversos compositores refletiram sobre a articulação entre a técnica musical e os elementos sonoros, incluindo a questão da linguagem. Assim, apesar dos impasses suscitados pela definição de música entre os

teóricos do campo musical, nos deteremos a uma perspectiva que nos ajude a pensar a estrutura do inconsciente manifestado através da fala e os elementos musicais que lhe são próprios. Diante disso, apresentaremos as ideias de alguns teóricos do campo musical que pensaram a música como uma linguagem.

A partir da articulação entre psicanálise e música, será possível pensar como um fazer com a música atravessa um fazer com a fala e com a palavra. O maestro Sergio Magnani (1996), discute em sua obra “Expressão e Comunicação da Linguagem da Música”, sobre uma sintaxe e uma morfologia da música. A morfologia da gramática preocupa-se em entender a formação, a classificação e a estrutura das palavras, já a morfologia musical estuda as características próprias dos sons. Na sintaxe gramatical, há o estudo da disposição das palavras na frase do discurso. A fraseologia musical irá diferenciar a melodia, o contraponto, a harmonia, o ritmo, entre outros, ou seja, a organização e disposição deles.

Margarida Dias Pocinho (2002) fala sobre a semelhança entre a linguagem musical e a linguagem verbal, acrescentando que é através da linguagem musical presente nas manifestações sonoras provenientes da voz da mãe nos períodos iniciais de cuidados à criança que é possível ao bebê entrar na linguagem verbal e ser capaz de construir palavras e falas em um momento posterior. Irá falar, ainda, que nesses períodos iniciais – em que a criança ainda não capta as palavras pelo seu sentido, mas pela vibração sonora que elas portam – a mãe faz jogos de vocalização e audição, escolhendo o som das palavras e o modo de enunciá-las. Acrescenta também que o som é justamente o elemento mais primordial na vida de alguém e que pode ajudar a criança a diferenciar ritmos, palavras e melodias.

É importante ressaltar que não pensamos a música como uma linguagem em seu sentido fechado, preso a um discurso enunciativo, mas como algo que – assim como o inconsciente, que também é estruturado como uma linguagem – se presentifica justamente no que escapa ao enunciado e à significação.

Nessa perspectiva, é importante apontar o que traz o linguista Ernest Schurman, grande estudioso do campo musical, que também defendeu a música como uma linguagem. Para esse autor, a música, assim como a fala, é construída por elementos como altura sonora, duração, timbre e intensidade. Em seu trabalho “A música como linguagem: uma abordagem histórica” (1989), Schurman irá dizer que o timbre e a intensidade, determinam a sonoridade dos fonemas e os picos prosódicos,

respectivamente. Já a altura sonora assim como a duração são elementos acessórios na construção de uma música, embora sejam elementos fundamentais, pois são responsáveis pela organização dos sons e pela melodia.

Esse autor afirma, ainda, que a melodia é a *coordenada da música* e é por onde a voz irá fazer sua trajetória, trazendo junto com ela todos os outros elementos musicais. Este autor nomeou a melodia da música e da fala como *voz em movimento*, a qual ele associa tanto a voz humana quanto a voz dos instrumentos musicais.

Para entendermos melhor acerca da dimensão vocal e instrumental da musicalidade da voz, podemos ilustrar tal discussão com música *The Great Gig in the Sky*, da banda *Pink Floyd*, que nos mostra como essa dimensão instrumental e vocal podem se confundir. Essa música faz parte do álbum *The Dark Side of the Moon*, de 1973, e refere-se a um instrumental vocal sob a voz da cantora Claire Torry, que apesar de não ser muito conhecida, mostrou toda a fantástica potência de sua voz nessa música. A cantora, ao ser convidada a gravar, é informada pelos integrantes da banda: "Não tem letra, é sobre a morte, cante pensando nisso" (Esta música também é chamada de *The Mortality Sequence*—“A Sequência da Mortalidade”). A música se trata de um instrumental em que apenas os gritos da cantora compõem a melodia, como a própria cantora declarou nos ensaios, sinalizando o que tinha pensado: "Talvez eu apenas deva imaginar que sou mais um instrumento"⁴.

Quando escutamos essa música, podemos perceber que a cantora entrega seu corpo como instrumento por onde a sua voz – enquanto puro som – emite um grito que será escutado como melodia durante toda a música. O agudo de sua voz ecoa atravessado pela dimensão da morte, de acordo com o que a cantora imprimiu nessa musicalidade. Isso traz a ideia de grito proposto por Freud que remete a algo inarticulado que não está preso a ordem da significação, que somente terá sentido na voz de alguém que o signifique.

Ademais, os membros da banda também fizeram outro pedido à cantora Clare Torry: “Cante pensando na morte e como se estivesse tendo um orgasmo”⁵, com objetivo de tentar transmitir através da musicalidade de *The Great Gig in the Sky* tais dimensões da sexualidade e mortalidade. Além de a palavra *orgasmo* ser definida

⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Great_Gig_in_the_Sky

⁵ Ibidem.

pela língua francesa como uma *petite mort*, que remete a estas dimensões buscadas pela cantora. Além dessa articulação entre sexo e morte, se faz necessário que retomemos o que o psicanalista Bentata (2009) diz quando, ao citar o trabalho de Michel Poizat sobre a ópera, ele “mostra bem que o êxtase do espectador está ligado a essa desarticulação da voz. No auge do canto, a voz da cantora se desarticula em um grito; é este grito da diva que provoca a emoção extrema no ouvinte”(BENTATA, 2009, p.15) e acrescenta que esse grito é um “som rouco, sufocado, semelhante ao do orgasmo” (*IBID.*, p.15).

Hervé Bentata (*IBID.*, p.15) fala também acerca da expressão grega *Phthoggos*, que designa o canto enquanto grito e puro som, diz ser este “algo de inarticulado e associado à morte”. Ele descreve esse grito na sua dimensão Real da voz, em que não se tem nenhuma significação, apenas um som que instala um gozo que se mistura entre a vida e a morte e serve de “apelo imperativo que dirige a presença do Outro” (*IBID.*, p.16) e acrescenta que é justamente isso que “se constata, habitualmente, na relação mãe-bebê no que se refere aos efeitos dos gritos dos bebês pessoas à sua volta, especialmente em sua mãe. Os gritos do bebê têm um efeito imperativo sobre sua mãe”(*IBID.*,p.16). É importante ressaltar que a partir do momento que o grito é tomado em sua dimensão de apelo, ele sai do plano Real para o Simbólico, podendo se transformar em palavras e significação.

Assim, é a própria significação que põe barreira a voz enquanto som puro: “A linguagem verbal se solidifica tardiamente em um jogo de relações sonoras muito limitadas e codificadas. A palavra evolui até alcançar uma maior clareza e riqueza expressiva que a afasta cada vez mais do sentido sonoro puro. ” (DAVID, 2007, p.46) Mas palavra e música continuam recorrendo uma a outra graças a sua semelhança de origem sonora; podemos inclusive perceber isso claramente nas canções e poesias, que são capazes de nos causar os efeitos mais intensos e facilmente nos remetea algo familiar.

Nesse sentido, citemos o que diz Cláudio Munayer David (2006, p.29) em sua pesquisa rigorosa acerca dos momentos em que Freud apresentou a dimensão da sonoridade no decorrer de sua obra:

Ouvir a voz na clínica psicanalítica, mas também fora dela, é ouvir toda gama de variações de timbre, tonalidade, ritmo, intensidade, acentuação, enfim, um universo de padrões acústicos que compõem a fala. Vários desses objetos possuem uma representação gráfica que lhes atribui um valor linguístico

formal, mas nem todos possuem um reflexo visual, o que lhes priva de uma tradução gramatical. Parte do sentido original da comunicação humana se perde a cada processo de tradução, criando uma crescente defasagem entre as representações e sua origem pulsional. Assim, as expressões sonoras podem distorcer, e até mesmo inverter o significado de um discurso sem que haja, para tal, qualquer alteração do conteúdo semântico no mesmo (MUNAYER DAVID, 2006 p. 29)

A clínica psicanalítica se dá através da “radical potência enunciativa do desejo inconsciente” (JORGE & FERREIRA, 2005, p. 67), ou seja, a partir das singularidades da fala trazida pelo sujeito com toda sua dimensão enunciativa. Assim, o analista se desliga do sentido e da significação das palavras trazidas por meio do enunciado do analisante, para captar a enunciação do que é dito, representada por meio dos elementos musicais presentes na sua fala: entonação, ritmo e melodia.

O enunciado, muito frequentemente, vem fechado em sintagmas cristalizados ou como uma fala muito planejada, retilínea, sequencial, lógica que nada mais faz do que trabalhar a favor da resistência. Levar em conta a enunciação e o ato de dizer, a musicalidade da fala, é pegar o sujeito não pelo discurso estruturado, mas pela desestruturação de sua canção, pelo seu balbuciar, pela sua tartamudez, pelos seus murmúrios. (MALISKA, 2012, p.80).

Marco Antônio Coutinho (2005, p.68) ao se debruçar sobre o tema, indica: “O sujeito deve ser tratado pelo analista como autor de um discurso mal pontuado e, justamente por isso, um discurso que requer pontuação a fim de que haja a revelação da enunciação do discurso. Portanto, o que interessa em uma análise é a enunciação e não o enunciado”. Assim, percebemos que o analista opera justamente com o que escapa ao que é dito dentro de um sentido fechado, pois ao propor novas pontuações e escansões sobre o enunciado, há uma quebra no ritmo “mal pontuado” trazido na fala do sujeito, que abre possibilidades para outras significações, através, por exemplo, dos rompimentos com as vírgulas e outros pontos de interrogações que escapam ao sujeito e causam um descompasso sintomático em sua vida. É sob os tropeços da fala e a musicalidade do que está sendo dito que se dá a interpretação em psicanálise e não naquilo que é dito sob a forma estruturada da significação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois da marca primordial deixada pela música da voz do Outro, a melodia desta se faz presente não mais enquanto som puro, mas velada pela significação e

enxertada pelas palavras que foram se estruturando com pontuações diferentes diacronicamente durante a vida. Eis a forma como a voz está implicada na operação de constituição do sujeito.

Aqui não se trata do sentido das palavras, mas do efeito delas, da sua lógica e da voz que a carrega. Tais efeitos são provenientes dos elementos musicais presentes na voz, que muitas vezes, durante a escuta, são apagados atrás da significação.

Se tentarmos captar uma significação, nos fecharemos para o som das palavras e o seu enunciado. É a partir do momento que nos é possível significar as palavras que há ruptura em relação a esse som. Esse momento, como já foi visto, se origina primordialmente na relação com o Outro. A voz, primeiramente emitida enquanto som puro se perde quando entra em jogo a palavra, que só poderemos achar seus vestígios por meio dos seus efeitos manifestados. São os traços dessa voz que se transformam em letras e palavras que se fazem presentes no corpo e que torna possível um sentido posterior para que o sujeito possa criar sua própria música.

REFERÊNCIAS

BENTATA, H. O canto da sereia: Considerações a respeito de uma incorporação frequente da voz materna. *Reverso*. Belo Horizonte. Ano 31. n. 57, p. 13 – 20, Jun. 2009

BUARQUE, C. Uma Palavra. Intérprete: Chico Buarque. *In: Uma Palavra*. [S.l.]: Sony & BMG, 1995. 1 CD (46:32).

JORGE, J; FERREIRA, N. P. *Lacan: o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

DAVID, Cláudio Munayer. A musicalidade da fala: o objeto sonoro em Freud. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 28, n. 53, p. 107-112, set. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952006000100016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 jul. 2019.

DIDIER, A. W. *A nota azul: de quatro tempos subjetivantes da música*. Nota azul: Freud, Lacan e a Arte. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997.

_____. *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

LACAN, Jacques. (1953–1954). O seminário - livro 1 - Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

_____. (1956–1957). O seminário - livro 4 - A relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. (1964). O seminário - livro 11- Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. *O Mal Estar na Civilização (1929)*. v. XXI, p. 57-140.

_____. *Projeto para uma Psicologia Científica [1950 (1895)]*. v. I, p. 323-446.

MACHADO, Z. *Conferência: Psicanálise com crianças: demanda, desejo e gozo*. Jornada de Psicanálise do Campo Lacaniano: Psicanálise com crianças: demanda, desejo e gozo, Rio de Janeiro, 2014.

MAGNANI, S. *Expressão e Comunicação da linguagem da Música*. 2 ed. Revisada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

MALISKA, M. E. Entre corpo e linguagem: A voz na Ópera. *Tempo Psicanalítico*. Rio de Janeiro, v. 44.i, p. 71-82, 2012.

FLOYD, P. The Great Gig in the Sky. Intérprete: Claire Torry. In: *The Dark Side of The Moon*. Harvest(RU) e Capitol(EUA). 1973. (4:36). Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=cVBCE3gaNxc>.

POCINHO, M. *A música na relação mãe- bebê*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

QUINET, A. Psicanálise e Música: Reflexões sobre o Inconsciente Equívoco. *Revista do Curso de Música da Universidade Federal do Espírito Santo*. (Música e Linguagem), 2012.

SCHURMANN, E. F. *A Música como uma linguagem: uma abordagem histórica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

AZEVEDO, R. M. *A voz e a Invocação para musicar a vida: ressonâncias entre a música e a psicanálise*. Rio de Janeiro, 2011.

VIVÉS, J. M. Para introduzir a questão da pulsão invocante. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 329-341, jun. 2009.

ARTICULATIONS BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND MUSIC: THE PRESENCE OF THE VOICE IN THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT

ABSTRACT

The present work articulates the psychoanalysis and the music, intending to reflect on how the dimension of the musicality is present in the constitution of the subject. It is considered that, primordially, the voice of the mother – through a sound construction made by her speech, which is charged with phonetic games and rhythms – transmits to the *Infans* an invitation to become a subject and, thus, to be able to compose his/her own unique music. Therefore, we will use some theoretical contributions from the music field – which conceive the music as a language – aiming to think about the first sound experiences linked to the musicality that exist since the first months of the life. These considerations will subsidize us to think about how the musicality of the voice of the mother transmits the language, which is, at first, inscribed beyond meaning, since the baby, before gaining access to the dimension of the meaning, picks up and registers the material aspect of the voice.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Music; voice; language; musicality.

ARTICULATIONS ENTRE PSYCHANALYSE ET MUSIQUE: LA PRESENCE DE LA VOIX DANS LA CONSTITUTION DU SUJET

RÉSUMÉ

Le présent article articule la psychanalyse et la musique, cherchant à réfléchir sur la manière dont la dimension de la musicalité est présente dans la constitution du sujet. Nous considérons, principalement, que la voix maternelle – à travers une construction sonore et à travers son discours chargé de jeux phonétiques et de rythmes – transmet à *l'Infans* l'invitation à devenir un sujet et à pouvoir composer sa propre et unique musique. Ainsi, nous utiliserons quelques contributions théoriques du domaine de la musique – qui conçoit ce dernier comme un langage – visant à réfléchir sur les premières expériences sonores liées à la musicalité qui existe depuis les premiers mois de la vie. Celles-ci serviront à subsidier la réflexion sur la façon dont la musicalité de la voix de la mère transmet un langage qui s'inscrit au-delà de la signification, puisque le bébé, avant d'avoir accès à la dimension du sens, saisit et enregistre ce qui est matériel dans la voix.

MOTS-CLÉS: psychanalyse; musique; voix; langage; musicalité.

RECEBIDO EM 16/07/2019

APROVADO EM 15/03/2020

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

FERIDAS ABERTAS: NARCISISMO DAS PEQUENAS DIFERENÇAS, REPETIÇÃO E MEMÓRIA

*Lucas de Oliveira Alves*¹

RESUMO

Esse artigo propõe-se a refletir sobre o conceito freudiano de narcisismo das pequenas diferenças, pensado a partir da amarração dos registros lacanianos de real, simbólico e imaginário, e sua incidência nas relações sociais brasileiras em diferentes tempos. Parte-se da discussão do conceito na teoria psicanalítica, para na sequência, em diálogo com teóricos como Walter Benjamin e Giorgio Agamben, refletir sobre a repetição, assim como sobre relevância da memória para a percepção de nossos sintomas sociais. Discorre-se sobre como alguns discursos apropriam-se da imagem das diferenças para perpetrar e resgatar lógicas de opressão, desigualdade e sobre o modo como o resgate da memória, articulada a uma possibilidade de elaboração, pode ensejar diferentes modos de se relacionar na pólis e lidar com as diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Narcisismo. Diferença. Repetição. Memória. Sintoma.

¹ Graduado em Psicologia pela Unisul (Universidade do Sul de Santa Catarina). Mestrando em Psicologia Social e Cultura na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Psicanalista em formação pela Maiêutica – Florianópolis. Endereço: Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Campus Universitário - Trindade - CEP 88.040-970 - Florianópolis - Santa Catarina – Brasil. Telefone: (48) 99615-5984 E-mail: lukass.oliveira@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7226-9960>

INTRODUÇÃO

Freud (1921) em “Psicologia das massas e análise do eu”, afirma que a psicologia individual é uma psicologia social. A sentença do psicanalista nos abre para o universo de desdobramentos que alguns de seus conceitos clínicos tiveram em discussões e reflexões sociais e políticas. Atenta às reverberações e articulações entre psiquismo e cultura, a psicanálise freudiana tencionou os limites instituídos na época entre individual e social, enfatizando a singularidade do laço social.

Podemos refletir, ao modo como nos aponta o filósofo Walter Benjamin no livro das Passagens, que os conceitos freudianos estabelecem limiares. O sentido de limiar, em alemão (*schwelle*), diferencia-se da fronteira. A fronteira é uma divisão, aquilo que aparta, já o limiar compreende o que estando entre dois espaços, permite um trânsito, excedendo espaços outrora circunscritos (GAGNEBIN, 2014). Nesse sentido, Betty Fuks (2016), em sua resenha do livro “Litorais da Psicanálise”, comenta: “(...) Freud sempre priorizou a experiência do inconsciente como motor das incursões que precisou fazer a outros campos do saber. Lacan nomeou essa condição de limiar do inconsciente de extimidade” (FUKS, 2016 p. 110).

A extimidade, aquilo que é paradoxalmente íntimo e externo, evidencia tanto o caráter liminar da psicanálise, quanto dos conceitos que pretendemos operacionalizar nesse artigo: o narcisismo das pequenas diferenças, a repetição e a memória. O narcisismo das pequenas diferenças, conceito sobre o qual nos debruçaremos mais atentamente, emerge na literatura psicanalítica como desdobramento do conceito-chave de narcisismo.

Freud, partindo do mito grego de Narciso, nos apresenta o narcisismo como constituinte dos sujeitos, operando como um vetor das relações entre o eu e o outro. Refere-se a relações de amor, ódio e ignorância como nos aponta Lacan (1953-54/1986), tecendo aquilo que o psicanalista francês denominou de imaginário em suas intersecções com o simbólico e com o real.

Atento às vicissitudes da pulsão na clínica e na polis, Freud passa a analisar as manifestações do narcisismo para além do âmbito individual, perscrutando suas ressonâncias nos grupos. Em diálogo com as ciências sociais e, mais detidamente, em “Psicologia das massas” (1921), com o sociólogo Gustave Le Bon, Freud amplia os estudos sobre o narcisismo, permitindo-nos operacionalizar seu conceito em leituras

dos fenômenos extramuros e ofertando-nos passagens de mão dupla para escutar o que é clínico de forma indissociável do social.

Lacan (1953-54/1986), no esteio das discussões freudianas, passa a teorizar sobre um sujeito do inconsciente estruturado nos três registros. O imaginário é, por excelência, o registro do narcisismo, das relações especulares e constituintes do eu e do outro, contudo, só podemos compreendê-lo em articulação ao simbólico e ao real, pois somente pela incidência do simbólico e pela persistência do real, faz-se possível escutar e refletir sobre o narcisismo nas subjetividades e nas relações.

Tendo esta breve introdução em vista, temos como objetivo central nesse artigo ensejar reflexões sobre o narcisismo das pequenas diferenças na sociedade brasileira. Para alcançá-lo, tencionamos apresentar aspectos teóricos do conceito em Freud e Lacan, percorrendo o caminho da formulação da noção de narcisismo à noção do narcisismo das pequenas diferenças. Ato contínuo, abordaremos o conceito de repetição em sua relação com a memória, procurando refletir sobre as repetições que ocorrem no âmbito das relações sociais e políticas brasileiras. Dessa forma, iremos enfatizar a relevância da memória para os processos de elaboração.

O método seguirá o princípio da atenção flutuante. Buscaremos estabelecer uma leitura e uma escuta guiada pelos significantes que emergem e bordeiam a realidade sociopolítica do nosso país, em seus recortes, camadas e antagonismos. Não se trata propriamente de uma atividade interpretativa, mas de uma reflexão que possa nos fazer interrogar, pela operacionalização dos conceitos, sobre as marcas que atravessam nossa história, sobre nossas repetições e, na linha de pensamento de autores como Walter Benjamin (1987) e Giorgio Agamben (2009), sobre os tempos heterogêneos que constituem nosso presente.

Destacamos ainda que o método se embasa na noção lacaniana (1968-69/2008) do amor às verdades, compreendendo a verdade como uma meia-verdade, verdade não-toda da realidade, constituída por brechas. Essas rachaduras nos permitem ver o seu caráter ficcional e enseja-nos o desejo, por nossa condição de castrados, de ficcionar realidades.

DO NARCISISMO DO BEBÊ AO NARCISISMO DAS MASSAS

“Vossa Majestade, o bebê”, célebre frase de Freud cuja dimensão nos ambienta em uma esfera mitológica da teoria psicanalítica, indica-nos o estatuto primordial do narcisismo e de sua relação com a constituição do eu. Freud (1914/2010) aponta que

o narcisismo do bebê está em uma relação de dependência com o investimento libidinal das figuras parentais. A libidinização parental ocorre antes mesmo que a criança possa se perceber como possuidora de um corpo e, por conseguinte, que possa se enunciar como eu. Nesse sentido, Freud (1914/2010, p.13) afirma que “uma unidade comparável ao eu não existe na origem, não está presente desde o início no indivíduo, e o eu tem de se desenvolver. As pulsões autoeróticas, ao contrário, estão lá desde o início”.

No texto “O estágio do espelho como formador da função do eu” e em seminários posteriores, Lacan (1949/1998, 1956-57/1995) nos falará da virada que possibilita a assunção da função do eu. É por meio da visão de sua imagem refletida e da percepção do outro que se afasta que o *infans* se perceberá como portador de uma imagem corporal independente. Como o desvelamento dessa diferença/separação é inelutavelmente marcado pela percepção desse outro, seja a corporeidade dos pais ou o próprio reflexo da criança no espelho, há em cena uma dimensão da alienação – alienação à imagem (imaginário, pelo outro) articulada a uma alienação no universo da linguagem (simbólico, pelo desejo do Outro).

Freud (1914/2010) nos indica que em dado momento, posterior ao que ele denomina de narcisismo primário - período em que a libido ainda está toda investida no eu - ocorre um investimento libidinal em uma exterioridade, marcando a passagem do Eu ideal para o Ideal de eu. O eu, que até então encarnava um ideal para si, prescindindo do outro, buscará neste modelo ideal externo os parâmetros para seu júbilo narcísico. Refletindo metaforicamente, é como se Narciso, ensimesmado em seu reflexo no lago, ao invés de sucumbir a esse auto enamoramento, afogando-se, conseguisse enxergar alhures uma versão outra de si, saindo em busca dessa imagem ideal construída no horizonte das relações.

Em sua discussão sobre as massas, Freud (1921/1996) se deterá na análise dos grupos tanto em suas relações com o líder, como com o outro. Nela, o psicanalista nos aponta que por meio do mecanismo de identificação, o grupo assume uma coesão configurada como uma extensão narcísica, sustentada por um ideal de eu encarnado no líder.

Nesse texto, Freud amplia a discussão sobre o narcisismo das pequenas diferenças iniciada em “O Tabu da Virgindade” (1917/1996), onde, partindo da concepção estruturante do narcisismo e, por conseguinte, de seu papel central nas relações estabelecidas em sociedade entre o eu e o outro, o psicanalista comenta sobre alguns dispositivos de regulação sexual e divisões de gênero ao longo da história,

destacando os tabus cujos objetivos eram evitar o encontro com a diferença sexual localizada no órgão genital feminino – pequena diferença - e, conseqüentemente, com a castração. Textualmente, Freud (1917/1996, p. 209) expõe: “A rejeição narcísica das mulheres pelos homens está ligada ao complexo de castração e sua influência na formação da opinião sobre elas”.

Partindo dessa discussão da pequena diferença inscrita no real do corpo, cujos efeitos, em diferentes tempos, ocorrem em uma estruturação falocêntrica do *socius*, Freud ao longo de outros textos nos permitirá perceber como as pequenas diferenças vão se articulando a discursos diversos e formas de organizações grupais, fomentando uniões e desuniões. Na lógica dos grupos, a pequena diferença está do lado de fora e emerge como um potencial perigo por mostrar que o ideal de eu não pode se coadunar ao eu ideal. Na iminência desta ameaça narcísica, Freud (1921/1996, 1930/1996) encontrará a raiz das animosidades, exclusões, guerras e do nosso permanente mal-estar.

No esteio de Lacan, Caterina Koltai (2000), atenta para os fundamentos de ordem imaginária e simbólica essenciais para a compreensão das experiências grupais. Ela nos fala da incidência do simbólico sobre o imaginário, elucidando que a percepção da diferença se dá por meio de uma amarração dos registros. Faz-se necessário um discurso, um universo simbólico que aponte as semelhanças e diferenças, estabeleça pactos de convivência, institua líderes e laços sociais.

O simbólico, com sua estrutura significante, é aquilo que vem emoldurar um quadro, dar contorno e valor à imagem, limitando a realidade a certas marcas, medidas e atuando como um navegador das paixões. Já o real, trata-se do que persiste como não-simbolizável, associa-se ao mal-estar, ao que não foi elaborado em nossa história de disputas, interrogando-nos. Žižek (1996), nesse sentido, nos fala que a realidade nunca é ela mesma, mas uma estrutura ficcional, e aquilo que permanece como resto, existindo fora dessa ficção, é o real.

Eu seu texto “Moisés e o Monoteísmo”, Freud (1939/1996) reflete sobre as razões psíquicas do antissemitismo. Em suas investigações sobre o líder hebreu e as fundações do pensamento judaico-cristão, ele nos sinaliza que a representação inconsciente da circuncisão está associada à visão da castração, razão pela qual, o povo judeu, historicamente, suscitou tantas reações de ódio e aversão. Nessa conjectura freudiana, podemos observar como a incidência do simbólico dimensiona e qualifica uma imagem, gerindo a “pequena diferença”. Apropriando-se dessa imagem –

o pênis circuncidado – cujas associações inconscientes abarcam outras imagens por meio de associações significantes, o discurso antissemita instituiu qualificações, parâmetros de comportamento, convivência, regras, leis e, em última instância, um projeto genocida no nazismo, desqualificando o judeu de seu estatuto humano – radicalidade absoluta da diferença.

Lacan (1948/1998) nos fala que o narcisismo possui relação direta com a agressividade e a paranoia. Colocando em prática o exercício freudiano de transpor o individual para o social, podemos aproximar a noção de agressividade da noção de violência – violência que se estabelece tácita e explicitamente, intra e Inter grupalmente, em forma de práticas discursivas como, por exemplo, o racismo e a lgbttfobia (cujo sufixo fobia designa uma aversão ou medo irracional, sentimentos relacionados à paranoia), ou como violência institucionaliza em normas, regras e leis.

Na linha do que nos fala a psicanalista Maria Rita Kehl (2010), estas violências podem ser lidas como expressões de sintomas sociais. Dinâmicas ou expressões da luta de classes que se repetem na nossa história, decorrentes de uma não elaboração do passado e de um apagamento da memória. Mitos, como os da cordialidade e do pacifismo encobrem as marcas violência de nosso passado colonizador, escravagista e as tensões, recorrentemente silenciadas, com nossos opressores e agressores. Ao encontro do que nos fala Kehl, Žižek (1996) pensa o real (lacaniano) em analogia à luta de classes, pois ele retorna como aquilo que não foi simbolizado no campo social e que, como tensão permanente, persiste nos interrogando, demandando escuta e nomeação.

Na perspectiva de Agamben (2009), articulado ao pensamento de Benjamin, e em interlocução com a psicanálise freudolacanianana, nos propomos a abordar esses sintomas (KEHL, 2010) por um olhar contemporâneo, compreendendo que contemporâneo não é quem coincide com seu tempo, mas quem é capaz de se afastar do presente e observar o que resta do passado o interpelando.

REPETIÇÃO E MEMÓRIA

Abordar o conceito de repetição em psicanálise implica falar sobre a compulsão à repetição. Formalizado na obra “Além do princípio do prazer” (1920/1996), o conceito encontra-se subjacente em vários escritos freudianos. Em “Recordar, Repetir e Elaborar” (1914/1996), Freud apresenta-nos a repetição como algo que atravessa tanto a experiência clínica, por meio da transferência do paciente com o analista, quanto as relações sociais. O sujeito busca inconscientemente repetir ações, que Freud denomina

de “transferência do passado esquecido” (p. 166), articuladas a sintomas oriundos de traumas. No trabalho clínico, essa repetição ocorre na transferência com o analista, o qual deve auxiliar o paciente a rememorar aspectos de suas experiências que estejam ligadas a essa compulsão, de modo a propiciar a elaboração do trauma.

Freud (1920/1996), ao analisar a brincadeira de seu neto com o carretel (Fort Da!), aborda a repetição no contexto de uma busca transcendente ao exercício de obtenção de prazer, na medida em que a ação repetitiva comporta uma ambiguidade, prazer - desprazer. Ele associará essa busca à pulsão de morte, evidenciando a tendência do sujeito a regredir a um estágio anterior à vida - estado inanimado.

No vértice da discussão freudiana, Lacan (1963-64/1985) afirma que a repetição vincula-se à busca do objeto perdido – objeto que podemos remontar ao seio materno - primeiro objeto de satisfação pulsional do *infans*, cujo prazer proporcionado jamais é reencontrado. Na leitura lacaniana, o automatismo da repetição impele o sujeito ao gozo e é na cadeia significante - nos objetos nomeados na cultura - que o sujeito tenta encontrar os objetos de satisfação para a pulsão.

A repetição trata-se da tendência de retornar a um lugar, mas que por transcorrer na cadeia significante, em uma dimensão que antecede e determina o sujeito, à revelia de suas possibilidades, nunca se trata do mesmo lugar. (LACAN, 1963-64/1985). Temos na repetição, portanto dois paradoxos: movimento de prazer-desprazer e de retorno a um mesmo lugar (satisfação, encontro), que nunca é exatamente o mesmo.

No que tange ao aspecto da memória em sua relação com a repetição, Freud (1914/1996) nos falara que as memórias recalçadas ensejam as compulsões sintomáticas. A ausência de palavras capazes de simbolizar as reminiscências emergentes leva o sujeito a atuar. No sentido dessa discussão, Kehl (2010, p. 124) comenta sobre o sintoma social: “O sintoma social se manifesta por meio de práticas e discursos que se automatizam, independentes das estruturas psíquicas singulares de cada um de seus agentes. Assim como ocorre quando o sintoma individual se torna crônico, sem tratamento, também o sintoma social tende a se agravar com o passar do tempo.” E complementa: “(...) se o trauma, por sua própria definição de real não simbolizado, produz efeitos sintomáticos de repetição, as tentativas de esquecer os eventos traumáticos coletivos resultam em sintoma social” (KEHL, p. 126).

No sentido do que a psicanalista argumenta² e considerando o valor da memória para a elaboração do trauma (FREUD, 1914/1996), podemos refletir, também no esteio de Walter Benjamin, nos efeitos de uma memória social, que é simultaneamente individual e coletiva e, podemos pensar, de maneira análoga ao estatuto do inconsciente: trans-individual (LACAN, 1953/1998).

Advogando a favor do resgate das memórias “recalcadas” e contrapondo-se às memórias institucionalizadas, Benjamin (1940/1987) nos alerta para as armadilhas de uma visão totalizante da história. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência” (p. 224). Essa sentença aproxima-se da concepção freudiana de rememoração, pois rememorar não é trazer à tona uma memória em sua exatidão, mas apropriar-se singularmente dela, ou seja, operar com a memória no modo como ela se constitui nas fantasias e articula-se ao sintoma.

Benjamin (1936/1987) endossa que: “(...) a memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com o poder da morte” (p. 210).

Nesse sentido, podemos pensar na memória, por meio da narrativa – e aqui talvez possamos traçar um paralelo com a associação livre em análise - como algo capaz de provocar movimentos, simbolizar os inelutáveis processos de vida e morte, presença e ausência, diferença e repetição. Na poesia, encontramos o poder das palavras em colocar no jogo simbólico os não-ditos, reestruturando sentidos e relações, elaborando.

FERIDAS ABERTAS E ANTAGONISMOS: O QUE RESTA E SE REPETE NO BRASIL

Os fantasmas de todas as revoluções estranguladas ou traídas, ao longo da torturada história latino-americana, emergem nas novas experiências, assim como os tempos presentes, pressentidos e engendrados pelas contradições do passado. A história é um profeta com o olhar voltado para trás: pelo que foi e contra o que foi, anuncia o que será (GALEANO, 1987, p. 19).

Sustentando uma singularidade na escrita, buscaremos aproximar os conceitos discutidos e operacionalizá-los por meio de uma visão caleidoscópica de nossa história

² Ressaltamos que essa argumentação se coaduna ao seu trabalho na Comissão da Verdade, cujo intuito era investigar os crimes cometidos durante a ditadura civil-militar brasileira, em um trabalho de resgate de memória e tentativa de elaboração do trauma.

– anacrônica, pois passado e presente se inter cruzam, interpelando-se mutuamente - perscrutando, por meio da atenção flutuante, nossas camadas de memórias e os significantes que as atravessam. Trata-se, ao modo psicanalítico e benjaminiano, de um exercício e uma abordagem sem vistas à neutralidade ou ao resgate dos fatos como eles de fato foram, mas de um ensaio teórico com o intuito de abrir sentidos, caminhos possíveis para a elaboração do que resta e se repete no Brasil.

O Brasil, país de dimensões continentais e múltiplas possibilidades de encontros e constituições, é tecido pelas pequenas diferenças. Gradativas e permeáveis, essas diferenças se evidenciam nas cores, sons, ritmos de corpos e territórios. Seu nome, assim como o de Narciso, emana da natureza e agiganta-se por ela. Sua identidade é marcada pelo falicismo da floresta imponente e a castração de sua árvore homônima – pau-brasil. Sua cultura se assenta no real do genocídio indígena, da barbárie escravocrata, dos golpes de estado e das ditaduras.

Suas rixas e divisões são as mais variadas, tecendo um quadro de animosidades internas e externas. Freud (1921/1996, 1930/1996), ao discutir questões do narcisismo das pequenas diferenças, já falara que comunidades de territórios adjacentes e mutuamente relacionadas, se empenham em rivalidades. Nesta discussão, o autor cita as rixas entre portugueses e espanhóis, que podemos apontar como em repetição no nosso continente de veias abertas, entre os lusófonos brasileiros e os hispanófonos argentinos.

Na cadência da camada social que sobe e desce os morros, os brasileiros se veem refletidos no senhor e no escravo, no proprietário e no expropriado. É senhorzinho, é capitão do mato, mas também é o corpo mutilado de Zumbi e Dandara dos Palmares. Não à toa, nossas figuras folclóricas – Saci, mula-sem-cabeça – trazem a castração no real do corpo.

No Brasil contemporâneo, midiático e globalizado, a violência é naturalizada para que o significante segurança se mantenha monetizado. Presídios de segurança máxima e condomínios (de segurança máxima) são erguidos para as classes médias e altas sentirem-se protegidas dos diferentes - via de regra, seres de pele negra como o Saci. A sociedade do consumo se expande orientada pela política do gozo, enunciada na mídia global entre novelas, comerciais, telejornais e fomentando novas diferenças: os consumidores e os sem (sem-terra, sem-teto, sem emprego).

Joel Birman, no livro “Cadernos sobre o Mal” (2009, p. 245), comenta: “(...) hoje no Brasil há um clima de alta agressividade que permeia as relações humanas e se

manifesta por múltiplos signos. A violência, desdobrada na criminalidade com níveis inéditos de crueldade, evidencia nossa degradação simbólica”.

Onde faltam palavras, onde não ocorre o resgate e reconstituição da memória, sobram atos. Assim, a incapacidade de nomear e aceitar as diferenças, de passar da repetição à elaboração dos traumas constituintes de nossa sociedade, leva-nos ao excesso e à barbárie. Como o psicanalista Joel Birman (2017) comenta na palestra “Precisamos falar sobre o fascismo”: “O Estado é genocida porque a polícia é treinada para matar. O outro é animalizado. Na perspectiva de Agamben, a vida qualificada transformada em vida nua”.

Ele nos fala ainda de um episódio recente da história política brasileira como metáfora para o fascismo: a homenagem de Bolsonaro ao Coronel Ustra durante a votação de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Na concepção do psicanalista, a ode à tortura compõe uma discursividade e um gesto de desumanização do outro, empuxo a uma significação animalesca do humano, posicionando-o em um lugar de passibilidade aos maus-tratos e ao abate. (Birman, 2017).

Nesse sentido, Kehl (2010) comenta:

O “esquecimento” da tortura produz, a meu ver, a naturalização da violência como grave sintoma social no Brasil. Soube, pelo professor Paulo Arantes, que a polícia brasileira é a única na América Latina que comete mais assassinatos e crimes de tortura na atualidade do que durante o período da ditadura militar. A impunidade não produz apenas a repetição da barbárie: tende a provocar uma sinistra escalada de práticas abusivas por parte dos poderes públicos, que deveriam proteger os cidadãos e garantir a paz. (KEHL, 2010 p. 24).

Sabemos que a repetição não é idêntica (Lacan, 1963-64/1985), o que muitas vezes obnubila nossa capacidade de percebê-la em cena no agora. No que Birman (2017) e Kehl (2010) nos trazem, evidenciam-se os traços do passado na atualidade: a violência perpetrada pela ditadura, impune e esquecida, repete-se de maneira diferente, agora sob um verniz democrático, por instituições e agentes de Estado em gestualidades e *modus operandis* fascistas no cotidiano.

Na letra de sua canção “Podres Poderes”, Caetano Veloso (1984) questiona: “Será que nunca faremos, senão confirmar, a incompetência da América católica que sempre precisará de ridículos tiranos.”. Esse trecho da canção nos dá a ver elementos da nossa colonização vinculada ao autoritarismo de instituições autointituladas cristãs. Ela nos interpela e nos faz refletir sobre as “massas narcísicas” brasileiras,

dependentes e demandantes de figuras religiosas, messiânicas, supostos restauradores da ordem e da paz.

Em um quadro de tempos heterogêneos, vemos políticos, em nome deus, da família e dos bons costumes, cooptarem os narcisismos com performances repletas de gestos e sentidos *prêt-à-porter*. O teatro burlesco dos púlpitos, agressivo e politicamente incorreto, salvaguarda o boi, a bala, a bíblia, legisla sobre os corpos, os modos de gozo e institui discursivamente as diferenças que demarcam o direito ou não à existência.

Tendo como base as discussões de Freud (1917/1996) acerca da relação de gênero em “Tabu da Virgindade”, algumas problematizações acerca dessas relações no Brasil podem ser trazidas à tona. Salários desiguais, altos índices de estupro, discursos misóginos, negação do direito ao aborto, salvo em casos específicos, e a transfobia denotam a assimetria entre os gêneros e a persistência do poder discursivo masculino. De acordo com matéria do El País Brasil (Avendaño, 2017):

E a realidade é que, desde 2015, o Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo. Embora essa triste honra se deva, em parte, ao enorme tamanho de seu território e sua população, o fato alarmante é que cada vez se mata mais. Segundo o Grupo Gay da Bahia, em 2016 foram assassinados, 144, 22% mais que em 2015 mas menos que em 2017: até agora, foram 183 homicídios. Um recorde histórico.

No século XVII, os significantes do racismo instituídos em uma racionalidade escravocrata, mataram Dandara dos Palmares. No século XXI, mata-se a transexual Dandara dos Santos. Da pequena diferença demarcada pelo significante da cor ao significante da diferença sexual – diferença que agora aparece em um corpo que escapa à normatização cis e heterossexual. Passando pelos dispositivos sociais forjados na história, como o supracitado tabu da virgindade, assiste-se na contemporaneidade tentativas de suprimir a diferença sexual dos corpos. Dentre esses, as mais visadas são as que interrogam as categorias biopolíticas hegemônicas; corpos que desorganizam a partilha do poder perpassada pelo imaginário fálico e evidenciam a lógica não-toda.

“O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer”. (BENJAMIN, 1940/1987, p. 224-225). O pensamento de Benjamin é messiânico, atravessado pelo teologismo, mas sua perspectiva não se coaduna às das instituições religiosas. Para ele, a salvação dos mortos ocorre em um movimento dialético, entre

imagens do presente e do passado - em sua diferença antitética que abarca a repetição - na possibilidade de diálogo entre vivos e mortos que possam abrir brechas para o futuro.

Nos emaranhados do pensamento benjaminiano, podemos apontar no cotidiano brasileiro, a despeito do pujante mal-estar e da fragilidade da linguagem diante das animalidades, caminhos possíveis para a redenção. Conseguimos, por exemplo, transformar a dor da injustiça em poesia musical - os sambas, canções regionais e folclóricas louvam os corpos e territórios nacionais, suas curvas, marcas, cores e dores. Como nos fala Jorge Forbes (2016) em “Você quer o que deseja?": “(...) a régua e o compasso da vida brasileira vêm de sua música, e não da engenharia” (p. 55).

Demonstramos que somos capazes de transformar sintomas sociais em arte, em linguagens e ações não automatizadas, permitindo-nos resgatar e ressignificar imagens, reinventar modos de convivência contrapostos ao fascismo. A arte, em seu caráter indissociável da política e, de modo geral, da vida, nos permite reinventar passado e presente, romper com os automatismos propulsionados pelas visões enrijecidas do idêntico e da diferença, mantenedoras de nossas feridas.

O artista Cildo Meirelles, no Projeto Cédula, realizado nos anos 70, carimbou em notas de cruzeiro a pergunta: “Quem matou Herzog?”. Recentemente, a ação artística se repete com a questão “Quem matou Mariele?”, carimbada em notas de real (BALBI, 2019). Vemos que ao repetir sua indagação política, o artista nos permite ver o que se repete em nossa história, evidenciando nossos sintomas sociais – violência e resistência, diferença como mote para vida e morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em “Análise terminável e interminável” (1937/1975), Freud argumenta que a análise é incapaz de impedir a repetição e, por conseguinte, levar à cura tal como é proposto por alguns saberes médicos. A cura se dá no a posteriori, na dimensão da (im)possibilidade; e a repetição, para além do flagrante do sintoma, caracteriza-se por ser constituinte do sujeito, instituindo-o no campo do desejo e das relações.

A repetição é não idêntica, portanto, carrega um germe da mudança, da possibilidade de quebrar cenas cristalizadas pelo sintoma por meio de novas palavras, sentidos e sem-sentidos. Assim, podemos considerar o resgate da memória no âmbito social – imagens e vozes do passado recalçadas – como fomentadoras de brechas nos discursos totalizantes do presente.

A memória em elaboração trata-se de uma tentativa de diálogo entre tempos, interpela aquilo que pulsa, mas cuja pulsação pode estar tanto a favor do sofrimento humano – miséria neurótica e miséria humana nas dimensões da desigualdade, opressão e violências outras – quanto como motor de modos de viver, se relacionar, gozar e desejar mais alinhados a um campo político democrático, onde a palavra possa circular.

As pequenas diferenças tensionam as relações humanas, engendram peças de amor e ódio, e na pólis, podem servir tanto à união, quanto à segregação, razão da civilização e da barbárie. São nomeadas, expandidas ou aproximadas pelo simbólico, e pelo real, revelam-se insustentáveis em certa medida. Historicamente, busca-se sustentar um discurso de identidade nacional brasileira, resgatando em fantasmas não elaborados de outros tempos, o verdadeiro brasileiro e o outro – o inimigo, o estrangeiro -, mas o Brasil não tem fórmulas prontas (FORBES, 2016), sua imagem é mutante, seu reflexo é difuso, é outro, são outros, uma roda viva. Pela invocação de nossas memórias, contra a anestesia e o esquecimento, podemos manter vivas as diferenças, inserindo-as em espaços possíveis de convivência e de expressões do desejo.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- AVENDAÑO, T, C. *Brasil é o céu e o inferno para os transexuais*, dez. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/30/politica/1514633797_328738.html. Acesso em: nov.2019, 14:00min.
- BALBI, C. *Cildo Meirelles se diz com sangue nos olhos décadas após a última mostra de peso*, set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/cildo-meireles-se-diz-com-sangue-nos-olhos-decadas-apos-ultima-mostra-de-peso.shtml>. Acesso em: nov. 2019, 16:20min.
- BENJAMIN, W. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In *Magia e técnica: arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura* 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BIRMAN, J. *Cadernos do Mal*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BIRMAN, J. *Precisamos falar sobre o fascismo* (Vídeo), abr. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKi3-32PIjM>. Acesso em: out. 2019, 16:00 min.
- FORBES, J. *Você quer o que deseja?* Barueri: Manole, 2016.
- FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. In: Freud, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 23*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- FREUD, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. 12*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1917). O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. 11*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1920) Além do princípio do prazer. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. 18*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. 18*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. 21*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1939). Moisés e o monoteísmo. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. 23*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1914). Introdução ao narcisismo. In *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos: Obras Completas*. Volume 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FUKS, B. A extimidade própria à psicanálise. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, v. 8, n. 1, p. 110-111, jul. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912016000100013. Acesso em nov. 2019, 13h40 min.

GAGNEBIN, J. M. *Limiar, aura e rememoração*. São Paulo: editora 34, 2014.

GALEANO, E. *Veias abertas da América Latina* 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KEHL, M. R. Tortura e sintoma social. In: SAFATLE, Vladimir (Org.), *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

KOLTAI, C. *Política e psicanálise: o estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 2000.

LACAN, J. (1963-64). *O seminário - livro 11 - os quatro conceitos fundamentais de psicanálise* (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. (1953-54). *O Seminário - livro 1 - os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1986.

LACAN, J. (1956-57). *O Seminário - livro 4 - a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995.

LACAN, J. (1948). A agressividade em psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1968-69). *O seminário - livro 16 - de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

VELOSO, C. *Podres Poderes*. Brasil: Philip Records, 1984.

ŽIŽEK, S. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRAZILIAN WOUNDS: NARCISISMO OF SMALL DIFERENCES, REPETITION AND MEMORY

ABSTRACT

This article aims to reflect about the freudian concept of narcissism of small differences thought from the binding of lacanian registers of real, symbolic and imaginary, and its incidence in brazilian social relations at different times. It starts from the discussion of the concept in psychoanalytic theory, and then, dialoguing with theorists such as Walter Benjamin and Giorgio Agamben, reflect on the repetition, as well as on the relevance of memory for the perception of our social symptoms. It discusses how some discourses appropriate the image of differences to perpetrate and rescue logic of oppression, inequality and how the rescue of memory, articulated with a possibility of elaboration, can give rise to different ways of relating in the polis and deal with the differences.

KEYWORDS: Narcissism. Difference. Repetition. Memory. Symptom

PLAIES BRÉSILIENNES: NARCISSE DE PETITES DIFFÉRENCES, RÉPÉTITION ET MÉMOIRE

RÉSUMÉ

Cet article vise à réfléchir au concept freudien de narcissisme des petites différences, issu des registres lacaniens de réels, symboliques et imaginaires, et de son impact sur les relations sociales brésiliennes à différentes époques. Il commence par la discussion du concept dans la théorie psychanalytique, puis, en collaboration avec des théoriciens tels que Walter Benjamin et Giorgio Agamben, réfléchit à la répétition, ainsi qu'à la pertinence de la mémoire pour la perception de nos symptômes sociaux. Il discute de la manière dont certains discours s'approprient l'image des différences pour perpétrer et sauver la logique de l'oppression, des inégalités et comment le sauvetage de la mémoire, articulé avec une possibilité d'élaboration, peut donner lieu à différentes manières de relier dans la polis et faire face aux différences.

MOTS-CLÉS: narcissisme. Différence. Répétition. Mémoire. Symptôme.

RECEBIDO EM 25/11/2019
APROVADO EM 22/06/2020

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

INTERNET, NARCISISMO E SUBJETIVIDADE: REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA/PELA REDE SOCIAL

Ana Paula Grillo Rodrigues¹

Luhilda Ribeiro Silveira²

Cássio Araújo Correa³

RESUMO

A internet com seu potencial de hiper conectividade trouxe reflexos não só para o estilo de vida das sociedades, mas também para a própria construção do sujeito e modos de subjetivação na contemporaneidade. Nesse cenário, destacamos o uso de redes sociais, como Instagram, que se expandiu rapidamente, se tornando fenômeno mundial, e que faz parte desse novo contexto de construção da subjetividade. O presente artigo constitui-se em um ensaio teórico, que teve como objetivo esboçar um olhar sobre a constituição do sujeito, considerando aqui os aspectos da teoria psicanalítica, vislumbrando possíveis articulações entre essa teoria e os aspectos da hiper conectividade das redes sociais onde esse sujeito está imergindo, especialmente no Instagram.

PALAVRAS-CHAVE: Internet; Redes Sociais; Instagram; Subjetividade; Narcisismo.

¹ Doutorado em Administração Pública / UFBA. Mestrado em Administração / UFSC. Graduação em Psicologia / UFSC. Professora efetiva da Universidade UDESC. Professora dos cursos de mestrado da FAED e ESAG da UDESC. E-mail: agrillorodrigues@gmail.com Telefone: (48) 988282752

² Mestrado em Gestão de Unidades de Informação / UDESC. Graduação em Biblioteconomia / UFMA. Graduação em Psicologia / UFMA. Bibliotecária do Núcleo Integrado de Bibliotecas da UFMA. E-mail: luhida@yahoo.com.br Telefone: (98) 988488612

³ Especialização em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Cândido Mendes. Graduação em Psicologia / UFMA. Psicólogo da Secretaria de Administração Penitenciária (SEAP) do Maranhão. E-mail: cassiopsi@outlook.com Telefone: (98) 984248441

INTRODUÇÃO

A chamada era da informação, mediada pelas redes de computadores interligadas à internet, transformaram de um modo considerável a sociedade em vários aspectos. E toda essa hiper conectividade trouxe reflexos não só para o modo de vida das sociedades, mas também para a própria construção do sujeito e modos de subjetivação na contemporaneidade.

O acesso à internet, que inicialmente foi favorecido devido à fabricação de computadores em larga escala e ao seu aperfeiçoamento, bem como à redução do preço, faz com que na atualidade vivamos um momento em que o computador deixou de ser o principal meio de acesso à internet, e abriu espaço para novos modos de acesso à rede por meio de tablets, smartphones, dentre outros equipamentos eletrônicos. Tudo isso possibilitou que ficássemos cada vez mais conectados em um mundo online, compondo o que Castells (1999) denominou de “a sociedade em rede”, reforçando a máxima posta por ele de uma “cultura da virtualidade real”, onde realidade e virtualidade se misturam e compõem o cenário comunicacional e das relações humanas.

No universo de possibilidades que a internet oferece, chama-nos a atenção o uso de redes sociais, especialmente o Instagram, rede social desenvolvida em 2010 pelos jovens norte-americano Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger. Em 2012 o Instagram foi comprado pelo Facebook e, desde 2018 esta rede social conta com mais 1 bilhão de usuários no mundo e, segundo estimativas, o Brasil possui cerca de 64 milhões, ocupando o terceiro lugar no ranking mundial desta rede social. (TARDÁGUILA, 2019).

O Instagram é uma rede social para postagens e compartilhamentos de fotos e vídeos com possibilidade de aplicação de filtros digitais. Cada usuário dessa rede possui um mural para realização de suas postagens, que podem ser visualizadas, curtidas, comentadas e compartilhadas pelos seus seguidores – denominação dada àqueles que desejam acompanhar as postagens de outro usuário.

Nessa perspectiva, pensar nos modos como as pessoas utilizam essa rede social, e em especial, como elas estão sendo afetadas em sua constituição psíquica a partir dos usos e (des)usos dessa ferramenta é uma possibilidade de análise do sujeito na contemporaneidade.

Pensar aspectos da constituição do sujeito na sociedade em meio à tecnologia e mais especificamente nessa “sociedade em rede” é um desafio que traz consigo questões tão recentes quanto impactantes em nossa sociedade. O Instagram é um fenômeno em termos de popularidade e influência para a sociedade e se constitui num aspecto marcante da contemporaneidade, que está cada vez mais imersa em tais canais. Isso nos impulsiona a pensar e ampliar horizontes de discussões no que tange à constituição do sujeito nesse contexto. Quais influências estão em jogo na constituição do sujeito a partir das interações mediadas por essa rede social? Como a construção da imagem é afetada pelo uso da rede social? Que aspectos relevantes e/ou peculiares podemos observar nesse cenário?

As perguntas acima colocadas giram fundamentalmente em torno de como o uso das redes sociais, em especial o Instagram, está afetando a dinâmica da constituição dos sujeitos e de que forma estes fatores podem afetar suas relações. É em meio a tais questionamentos que propomos neste estudo esboçar um olhar que tangencia o sujeito considerando aspectos da teoria psicanalítica e vislumbrando possíveis articulações com o Instagram.

REDES SOCIAIS E CONTEMPORANEIDADE

As formas como nos comunicamos e interagimos na sociedade reflete os avanços científicos e tecnológicos de uma dada época, e mais do que simplesmente inaugurar novos contextos informacionais possibilita, dentre outras coisas, a quebra de barreiras de tempo e espaço no panorama da comunicação e da informação. Além disso, trouxe novos contornos para o sujeito que se insere nesse contexto. É possível hoje perceber facilmente as influências que o contexto das redes sociais trouxe para a vida em vários aspectos da sociedade. É salutar observar que na atualidade as pessoas estão sendo inseridas cada vez mais cedo no cenário cibernético, e desde cedo sua configuração subjetiva é influenciada por esses recursos que situam a vida entre o real e virtual. Mas seria o mundo virtual, um mundo não real?

Pierre Lévy (1996) propôs uma explicação que colocaria em cheque o que ele denomina de “oposição fácil e enganosa entre real e virtual”, pois para ele o virtual, ou a virtualização é “o movimento inverso da atualização”, tendo em vista sua discordância de que o virtual seja a ausência de realidade. Para Lévy o virtual seria

marcado pela potência.

O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto pela concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes (LÉVY, 1996, p.15).

Seguindo uma lógica da não qualificação quanto ao cenário que a tecnologia vem imprimindo à sociedade, Castells (2003) defende que diante do cenário da contemporaneidade estão emergindo novos padrões de sociabilidade possibilitados por novos recursos tecnológicos que estão criando a sociedade em rede. Contudo, ele afirma que os custos de tais padrões ainda são obscuros para a sociedade.

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO PELA ÓTICA DA PSICANÁLISE

O psicanalista francês Jacques Lacan, em seu retorno a Freud, utilizou teorias outras como recurso para abordar o inconsciente freudiano, dentre elas o estruturalismo antropológico de Levi Strauss e a Linguística de Saussure. Essas duas perspectivas são importantes na medida em que elas possibilitam entender momentos cruciais da constituição do sujeito que serão tratadas neste artigo, fundamentadas pelo texto “O estágio do espelho como formador da função do eu” (LACAN, 1949), bem como nas elaborações de Freud a respeito do “Complexo de Édipo”.

A primeira relação de realidade para a criança desenha-se entre ela, a mãe e o falo. Trata-se do estágio do espelho, onde Lacan utilizou a metáfora do espelho para explicar como a criança, em sua relação com a mãe constitui o seu Eu. Essa criança, num primeiro momento, ainda com pouco ou nenhum domínio do seu corpo, precipitar-se-á na imagem da mãe como primeiro momento de contato com a realidade (LACAN, 1998). A mãe, ou a pessoa que responsável pela maternagem, emprestará sua imagem e sua palavra para que o Eu da criança se constitua, daí Lacan afirmar que Eu é Outro. Lacan esclarece que “[...] o Outro é o lugar em que se situa a cadeia significante que comanda tudo que vai poder se presentificar do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (LACAN, [1964] 1998, p. 200). Em outras palavras, é o campo da própria linguagem.

Com essa metáfora, Lacan mostrará que a constituição do sujeito se dá pela via do grande Outro, escrito com O maiúsculo. Inicialmente, a mãe ou a pessoa que

ocupa a função materna, ocupará o lugar do Outro. Isso mostra que não se pode pensar a criança sem uma referência à mãe, que é responsável por introduzi-la no universo da linguagem. “[...] quando há um sujeito falante, não há como reduzir a um outro, simplesmente, a questão de suas relações com alguém que fala, mas há sempre um terceiro, o Grande Outro, que é constitutivo da posição do sujeito enquanto alguém que fala [...]” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 186).

O desejo da mãe é o desejo do filho. Essa mãe investe esse filho de desejo, colocado por ela no lugar do falo, objeto valorizado na cultura, que faz com que ela sinta completa. No processo de constituição do sujeito, pode-se dizer que esse período se estrutura pelo ternário imaginário: mãe, filho e falo. Contudo, essa mãe está submetida a uma lei, a lei simbólica, que demanda que ela se ausente, que impede que ela esteja o tempo todo com o filho, em razão de que há um mundo lá fora que a convoca. Ela precisa se ausentar, é nessa ausência/presença que a criança vai se dando conta de que a mãe é um sujeito desejante e que seu desejo se projeta para além dela. Esta dinâmica mostra que a criança e a mãe não são um único ser: instaura-se a falta; a mãe volta seu olhar para outro lugar porque existe algo que a mãe deseja para além desse filho. Frustra-se a criança. Pode-se dizer que aí se inicia o drama infantil: O Complexo de Édipo.

Lacan aborda o Complexo de Édipo pela via da linguagem mostrando que pai e mãe são significantes que dizem muito mais de funções do que de parentesco. A metáfora paterna introduz uma lei que barra a relação incestuosa da criança com a mãe. O Complexo de Édipo é um drama vivenciado pela criança responsável pela estruturação psíquica do sujeito: psicose, perversão ou neurose. Contudo esse percurso infantil é dinâmico, ou seja, coloca questões desde o início, antes mesmo desta criança nascer, pois, como sujeito de linguagem, ela já era falada antes mesmo de vir ao mundo e o peso desse discurso só é autenticado e atualizado no real de seu corpo, num depois.

Antes de qualquer experiência, antes de qualquer dedução individual, [...] algo organiza esse campo, nele inscrevendo linhas de força iniciais. [...] Antes ainda que se estabeleçam relações que sejam propriamente humanas, certas relações já estão determinadas. Elas se prendem a tudo que a natureza possa oferecer como suporte, suportes que se dispõem em termos de oposição. A natureza oferece, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, dão-lhes as estruturas e as modelam [...] Antes de qualquer formação do sujeito, de

um sujeito que pensa, que se situa aí- isso conta, é contado, e no contado já está o contador. [...] o jogo operatório operando em sua espontaneidade, sozinho, de maneira pré-subjetiva [...] (LACAN, [1964] 1998, p.26).

Após a criança se dar conta de que ela e a mãe não são Uma, abre a possibilidade para a saída dessa identificação primordial. “[...] o sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto do desejo de sua mãe. Essa é a etapa ‘fálca primitiva’ [...]” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 198). Esse momento é crucial e a forma como ele é respondido pela mãe pode fundar-se num certo número de distúrbio e perturbações, como as identificações perversas.

A criança percebe que não é o objeto de desejo da mãe. Podemos caracterizar essa fase pela intromissão indireta do pai nesse ternário imaginário. Ocorre a primeira simbolização indireta porque a presença simbólica do pai se faz pela mediação da mãe. O pai priva a mãe de seu objeto. A relação da criança com o falo se dá na medida em que o falo é objeto de desejo da mãe, ou seja, *seu desejo é o desejo do desejo da mãe*. Cabe à criança aceitar ou recusar a privação do pai em relação à mãe, lembrando do cuidado em relação a esse aceitar, visto que a instituição da criança no mundo da linguagem só foi e é possível pelo discurso dos pais. O que cabe aqui à criança é a questão: *ser ou não ser o falo*. A criança questiona à mãe sobre o desejo dela. A resposta da mãe é imprescindível na determinação da criança em ser ou não o falo: a identificação com o falo. Isso depende do modo como a mãe responde a esta criança faltosa (Dá) quando ela retorna (Fort). Essa resposta é crucial para a entrada da criança na próxima fase: a castração (LACAN, [1957-1958] 1999).

Pensemos a próxima fase: esta está voltada para a díade *ter ou não ter o falo*. É a fase da castração. Não se trata de quem terá o pênis, mas o falo. O complexo de castração é o que rege essa fase, é dele que depende dois fatos: o fato de a menina se transformar em mulher e o fato de o menino transformar-se em homem. Mas para ter o falo, é necessário que haja um momento em que não se tenha, para que, assim, se coloque ao sujeito a possibilidade de ser castrado (LACAN, [1957-1958] 1999).

O pai que se mostra nesta etapa é o pai real revestido do símbolo da proibição. Contudo, o importante de ser mencionado como desfecho do complexo de Édipo, não é o fato da função do pai- Nome-do-Pai- está ligada à proibição do incesto, até mesmo porque a mãe já está no mundo da linguagem, ela pode muito bem mostrar à criança

que o instrumento que esta usa para seduzi-la não é suficiente. O que Lacan ([1957-1958] 1999) adverte é que a mãe, esse ser primordial que possibilita o primeiro contato da criança com esse grande Outro, não pode ser aquela que funciona como lei, porque a lei estaria sujeita à própria mãe, a seu bem-querer e malquerer, a mãe boa ou mãe má.

Para exemplificar, Lacan traz o caso do menino Hans que sofria de fobia e que foi analisado por Freud. Lacan afirma que não se trata da relação pessoal da mãe com o pai para sabermos o que desembocou tal fobia na criança, mas da mãe com a palavra do pai, “[...] com o pai na medida em que o que ele diz não é de modo algum igual a zero” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 197).

O que importa é a função na qual intervém, primeiro, o Nome-do-Pai, o único significante do pai, segundo, a fala articulada do pai e, terceiro, a lei, considerando que o pai está numa relação mais ou menos íntima com ela. O essencial é que a mãe funde o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela e de seu capricho... Trata-se do pai, portanto, como Nome-do-Pai, estreitamente ligado à enunciação da lei (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 197).

Portanto, nesse terceiro tempo, “[...] o pai pode dar à mãe o que ela deseja, e pode dar porque o possui” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 200). Isto se dá a nível real, o pai tem que dar mostra de sua virilidade. O pai intervém como aquele que tem o falo.

Essa etapa é a saída do complexo de Édipo e que estrutura o sujeito enquanto sujeito desejante, enquanto aquele que está submetido à lei da linguagem.

Esta saída é favorável na medida em que é feita a identificação do menino com o pai (Ideal do eu). “A mulher, contudo, não precisa fazer essa identificação, ela sabe onde está a lei, e vai buscá-la do lado do pai, e vai em direção àquele que o tem” (LACAN, [1957-1958] 1999, p.202). Portanto, a transposição do Complexo de Édipo se dá no menino pela identificação com o pai como possuidor do pênis, e na menina pelo reconhecimento do homem como aquele que o possui.

“Tudo que foi falado aqui leva à conclusão de que no pólo materno começa a se constituir tudo o que depois será realidade (o eu) ao passo que é no nível do pai que começa a se constituir tudo o que depois será supereu (ou Ideal do eu)” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 201).

A REDE SOCIAL EMBALANDO O SUJEITO

Refletir sobre o impacto da revolução tecnológica da Internet, e mais especificamente sobre o uso de redes sociais como o Instagram na construção do sujeito e nas suas relações, no sentido do que o sujeito espera do outro nesse contexto e como demanda a atenção do outro, é pensar na dinâmica do narcisismo.

Quando Freud situa o narcisismo na constituição psíquica do sujeito ele situou a sua importância para o desenvolvimento do eu, caracterizando o narcisismo como “[...] complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva.” (FREUD, [1914]1996, p.81).

No texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud (1914), fala que esse momento em que a criança está em ligação indistinta com a mãe, momento de satisfação, a qual ele denomina de eu real, será rompido pelas exigências da cultura que vão marcando a origem de um eu ideal “[...] pelo qual mede seu eu real [...]. Para o eu, a formação de um ideal seria o fator condicionante do recalque. Esse eu ideal é agora o alvo do amor de si mesmo desfrutado na infância pelo eu real” (FREUD, 1914, p.100).

Para ressaltar que estamos destinados a suportar que uma unidade comparável ao eu não pode existir desde o começo, o eu tem que ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo- uma nova ação psíquica- a fim de provocar o narcisismo (FREUD, 1914, p. 84).

É esta ação específica que podemos interpretar como aquela que tirara este bebê do desamparo, o acolhendo, possibilitando a estruturação de um eu ainda desorganizado.

No texto “O mal-estar na civilização”, Freud (1930) traz o conceito de narcisismo como sendo “[...] a descoberta de que o próprio eu se acha investido pela libido, de que o eu, na verdade, constitui o reduto original dela e continua a ser, até certo ponto, seu quartel-general (1930, p. 122).” Freud, nesse conceito, refere-se à submissão do eu ao Isso logo no início de sua formação, sendo para este, objeto de investimento libidinal. Podemos, com isso, refletir sobre a submissão da criança ao

desejo dos pais que a enxergam como o ideal deles, daquilo que eles foram ou desejavam ser. Para os pais não se trata da criança real, mas da imagem que eles veem refletida naquela criança e que está intimamente ligada à infância deles (FREUD, 1914). Este eu espelhado nestas expectativas dos pais é aquilo que Freud denomina de eu ideal. Este eu fixado pelo convívio na cultura funciona como o fator condicionante do recalque. O sujeito ao crescer

[...] se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a forma de um eu ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era seu próprio ideal (FREUD, [1914] 1996, p. 100-101).

Diferente do texto de 1920 em que Freud se ocupa em realizar a distinção entre o mundo externo e o eu, trazendo de modo mais explícito as questões sociais para sua teoria, no texto de 1914, o pai da Psicanálise descreve o processo de constituição do narcisismo pela relação bebê-pais. Freud (1914) explica que o ideal do eu surgiu da influência crítica dos pais ao passo que o eu ideal seria aquele que substitui o eu real. A satisfação experimentada no início da vida, não seria mais revivida, contudo, as marcas libidinais deixadas por esta experiência funcionarão como um motor que levará o sujeito a tentar vivenciar novamente esse período de plenitude.

Sobre o narcisismo primário e o estádio do espelho, Lacan (1936) diz que o mundo que se constitui a partir do estádio do espelho é o narcisismo no qual, para ele, vai além do simples investimento da libido sobre o corpo (como propõe Freud e Abraham). Ele diz que a proposta do estádio do espelho vai mais à fundo, no sentido próprio daquilo que o mito de Narciso vem trazer: “[...] quer esse sentido indique a morte- a insuficiência vital de que proveio esse mundo-, quer a reflexão especular- a imago do duplo que lhe é central-, quer ainda, a ilusão da imagem- esse mundo, como veremos, não contém o outro” (LACAN, 1936, p. 48).

Podemos sugerir a relação entre os perfis criados em redes sociais com o eu ideal da Psicanálise. Os perfis apresentados nas redes sociais podem, por exemplo, ser editados e reeditados até chegar a uma imagem considerada ideal pelo sujeito, podendo ser enfim colocada para aprovação dos outros.

Contudo, embora essa hipótese seja verdadeira, ela não pode ser pensada sem ser mais bem analisada, visto envolver questões e conceitos bem complexos. Primeiramente, ressalta-se que a constituição do narcisismo só é possível pela existência de um outro (FREUD, 1914), demarcando no processo constitutivo do sujeito o fato de que o Eu não existe sem o Outro (Linguagem), tal como foi explicado pela metáfora do espelho de Lacan (1998). Freud explica ainda a necessidade que o adulto tem de tentar retornar, inconscientemente, a este momento de perfeição que ele outrora vivera, momento em que ele era “a majestade, o bebê!”, onde nada parecia lhe faltar, pois existia a mãe que o satisfazia em tudo. Este Outro que metaforicamente é o espelho, funciona como aquele que autentica e idealiza o Eu da criança (Ideal-Ich).

O Instagram é uma ferramenta que integra diversas funcionalidades, nela é possível ao sujeito trocar mensagens, postar fotos, vídeos, compartilhar arquivos. Além disso, ele tem ainda a oportunidade de acompanhar aquilo que os outros, seu espelho, expõem em suas publicações no feed de notícias. Essas interações na rede social nos fazem refletir sobre o modo como o sujeito é capaz de editar e reeditar aquilo que pode apresentar de si aos outros. A dinâmica do Instagram pode conduzir o sujeito a acreditar que só é possível reconhecer-se nas redes sociais reproduzindo aquilo que é veiculado e midiaticizado por seus pares, pois caso não seja assim, provavelmente ele não será aceito, ou utilizando as definições do aplicativos não acumulará *likes*. Este aspecto autopromocional que o sujeito produz através de seu perfil virtual, promovendo um investimento em si mesmo e na sua própria imagem, pode apontar para uma necessidade de aceitação desse sujeito.

Mediante considerações teóricas tecidas neste trabalho e análise das entrevistas, poder-se-ia inferir que o sujeito contemporâneo apresenta-se cada vez mais narcisista, prisioneiro de uma imagem ideal. Tornou-se um “perfil” que busca e depende a todo o momento do olhar e aprovação alheia para reafirmar-se (CASSIA, 2016, p. 194).

Verificamos que os “*likes*” e “comentários” são o termômetro da popularidade do sujeito nesse panorama de relações, sendo quesitos influenciadores no processo de construção do perfil desse usuário. A exposição da vida cotidiana na rede social passa a ser uma forma de colocação do sujeito no mundo, no entanto, numa versão

editada e ao gosto do editor, de modo a mostrar-se atraente aos olhos dos outros. Estas modificações de perfis da rede social têm sustentado a teoria freudiana sobre a forma como nosso narcisismo se estrutura, procurando alcançar uma perfeição que outrora vivera, perfeição esta que ele tenta recuperá-la tendo como referência o que Freud denomina de narcisismo primário. “O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era seu próprio ideal” (FREUD, [1914] 1996, p. 100-101).

Tudo isso nos abre possibilidades para pensarmos sobre o uso da tecnologia na produção de discursos e mais ainda, como ela influencia no processo da constituição psíquica do sujeito em meio a um mundo hiper conectado. A sociedade se vê cada vez mais num contexto híbrido, onde mundos online e off-line coexistem e integram o cotidiano dos sujeitos, como afirma Kallas (2016), com o advento das novas tecnologias, estamos presenciando novas formas de ser e estar no mundo, alterando-se noções de espaço, tempo, privado/público, inclusive, de economia do desejo. “O limiar a ser atravessado entre o impulso e o desejo até a ação (o que é visto, baixado, jogado ou comprado *on-line*) é muito reduzido, o tempo entre escolher e clicar é muito curto e a gratificação é imediata” (KALLAS, 2016 p.56).

A reflexão acima remonta à crítica exposta por Keen (2012) aos que classificavam o período em que vivemos como a “era da inteligência em rede”. O autor coloca que a atual geração, embora tenha uma vasta gama de informações à sua disposição, mostra-se apenas subserviente aos saberes de grupos com os quais se identifica, grupos nos quais o sujeito tem tomado partido e reproduzido suas ideias, grande parte delas advindas de fontes como amigos de Facebook, comunidades, grupos de WhatsApp, perfis de famosos e etc. na busca de pertencimento. Devido à pressão da Rede Social e pela necessidade de se sentir integrado cada vez mais ao que é exposto ou exibido no mundo virtual, o sujeito tem aberto mão de produzir mais de si para se tornar um reprodutor daquilo que é veiculado, tornando-se um reflexo daquilo que ele vê no espelho (do computador, do smartphone e de outros).

Ao que nos parece, o mundo midiático das redes sociais trouxe, também, para o cidadão comum a possibilidade, dentre outras coisas, de se colocar enquanto uma celebridade, que pode expor sua vida a partir de uma edição, onde seus seguidores dão *likes*, comentam, compartilham e retroalimentam essa dinâmica através da

difusão de uma autoimagem construída que produz efeitos de autopromoção e conferem popularidade ao sujeito. Se antes as pessoas abriam as revistas ou viam nas TVs e na internet o fabuloso mundo dos famosos, os quais eram dignos de inveja, curiosidade e de acompanhamento das rotinas, agora, longe da imprensa, mas providos das tecnologias comunicacionais, o sujeito constrói sua própria “carreira da fama” no Instagram e tem sua publicidade a partir das suas postagens, podendo inclusive sair do anonimato e ingressar no mundo da fama.

Quando se estipula uma relação exibicionismo-voyeurismo, pode-se analisar uma questão bem mais ampla e complexa do que o simples fato de se autopromover. Keen (2012) vai mais a fundo em relação à cultura do exibicionismo, demonstrando o como isso tem se colocado na atual conjuntura social em que vivemos. Primeiramente, ele se remete à proposta arquitetônica de Jeremy Bentham, filósofo utilitarista do século XIX, que idealizou um edifício no qual denominou casa de inspeção, um prédio circular de pequenos aposentos, todos transparentes, conectados entre si, nos quais os indivíduos podiam ser supervisionados por um inspetor que tudo via. Nesse modelo arquitetônico, “[...] quanto mais imaginássemos que éramos vigiados, mais eficientes e disciplinados nos tornaríamos” (BENTHAM, 1995 apud KEEN, 2012, p. 28). Keen (2012) analisa esta proposta para além de uma simples arquitetura, ampliando-a para a visão de vigilância e controle dos indivíduos que ocorre progressivamente no século XIX e XX. Ele fala da tentativa do sujeito de escapar para resguardar sua invisibilidade, tentando fugir das tecnologias de massa que surgiram na era industrial.

Acompanhando o processo sócio-histórico, Keen (2012) afirma que a casa de inspeção benthaniana parece ressurgir no século XXI com algumas importantes diferenças - “o que antes vimos como prisão agora é considerada como parque de diversões; o que era encarado como dor, hoje é visto como prazer” (KEEN, 2012, p. 30), referindo-se à exposição do eu ao olho do outro e demarcando oposição entre a era da exibição (analógica) e a atual era do exibicionismo (virtual). A primeira parecia estar cerceando o sujeito a contragosto, algo semelhante aos olhos do pai disciplinador, modelo típico do patriarcalismo da família nuclear moderna. A segunda se assemelha a um desejo por ser visto. O sujeito não se sente mais despido, ou melhor, parece não se incomodar em ser visto assim, pelo contrário, ele ostenta, ele exhibe e, no que exhibe, quer ser visto, curtido e compartilhado. Contudo, Keen (2012)

adverte que, embora desde o século XIX as tecnologias estivessem tendo êxito no controle e vigilância do sujeito, este não havia dado seu aval de modo tão solícito e prazeroso como o tem feito na era digital. Agora, devido à conectividade em escala mundial (computadores, celulares, TVs on-line, carros conectados, etc), a possibilidade de controle da massa, por constante observação, está concretizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo da hiper conectividade tem sido uma marca registrada da era em que vivemos e tem sido fonte de análise para compreensão de um sujeito cada vez mais imerso na cultura da tecnologia virtual. Um exemplo disto é o Instagram – uma das redes sociais de maior destaque e popularidade na atualidade. Algumas ferramentas interessantes dele foram destacadas nesta breve análise que realizamos, dentre elas, a possibilidade que ele dá de o sujeito editar e reeditar uma imagem de si a seu gosto. Contudo, vale frisar que esta liberdade de edição de si mesmo parece ser ainda, cerceada pelo Outro. Este Outro, lugar onde esse sujeito se presentifica– nesse caso, pensamos na presentificação virtual – é aquele que funciona como espelho para formação desse perfil. Este internauta, no processo de exibição, obtém respostas vindas desse lugar de linguagem. E estas respostas são demonstra das por meio de vários formatos – likes, comentários, compartilhamento ou ainda aquilo que esse Outro apresenta na Rede e que funciona como parâmetro de idealização desse sujeito; essa interação social é muito fácil de ser constada, visto que a própria estrutura do Instagram consiste em exibir o perfil do sujeito, proporcionando interação social numa modalidade virtual.

A exibição traz, ainda, ao sujeito a possibilidade de se tornar uma espécie de celebridade, visto que sua vida pode ser acompanhada por outras pessoas. E os engrandecimentos, visualizações, seguidores, podem provocar no sujeito o desejo de se exibir ainda mais, na tentativa de ganhar mais “fama” nesta rede, de ser mais notado, ser fonte de destaque, algo que pode ser explicado pelo que Freud disse ao se referir ao desejo inconsciente do sujeito em retornar ao período em que ele era a fonte de todas as atenções, “a majestade, o bebê”. Algo que nunca será alcançada, mas que é sempre almejado, colocando o sujeito num movimento de abertura e de interesse pela autenticação desse Outro.

Apontamos também neste trabalho a suposta sensação de liberdade que a Rede proporciona ao sujeito – liberdade em expressar sua opinião, seus anseios, seu cotidiano, dentre outras coisas. Essa liberdade abre a possibilidade secundária de se saber onde está o sujeito, o que está fazendo, o que está pensando, etc., tornando a Rede um espaço de vigilância e controle deste sujeito que, ao que parece, na luta pelo enobrecimento de sua imagem tem se tornado sujeito de seu assujeitamento.

REFERÊNCIAS

CASSIA, Maria Aparecida de. *Entre curtir e compartilhar: um olhar sobre a visibilidade, privacidade e subjetividade contemporânea nas redes sociais virtuais*. In: **Pretextos**: Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas. v.1, n.1, p. 176-198, 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13592> . Acesso 10 fev. 2019.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. *Comunidades virtuais ou sociedade em rede?* In: _____. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.98-113.

FREUD, Sigmund. (1920) *Além do princípio do prazer*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.18.

FREUD, Sigmund. (1930) *O mal-estar na civilização*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.21.

FREUD, Sigmund. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. [1914]. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.14.

KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes. *O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise*. Reverso. Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55–64, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v38n71/v38n71a06.pdf> . Acesso em: 15 mar. 2019.

KEEN, A. *Vertigem digital*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, Jacques. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1964) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1957-1958) *O seminário, livro 5: as formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. (1936) *Os complexos Familiares na Formação do Indivíduo*. Campo Freudiano no Brasil (Org.). *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2013.

LÉVY. Pierre. *O que é o virtual?*. São Paulo: Ed.34, 1996.

MUNDOBIT. *Facebook tem 89 milhões de usuários brasileiros*. 2014. Disponível em: <<http://blogs.ne10.uol.com.br/mundobit/2014/08/22/facebook-tem-89-milhoes-de-usuarios-brasileiros/>>. Acesso em: 10 mar 2016.

OLHAR DIGITAL. *13 coisas que você não sabia sobre o Facebook*. 2014. Disponível em: <<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/13-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-o-facebook/42911>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

TARDÁGUILA, Cristina . *Instagram tem 1 bilhão de usuários, mas não oferece sistema de denúncia de fake news*. *Época*. 14/01/19. Disponível em: <https://epoca.globo.com/instagram-tem-1-bilhao-de-usuarios-mas-nao-oferece-sistema-de-denuncia-de-fake-news-23370668>
Acesso em: 15 fev. 2019.

INTERNET, NARCISSISM AND SUBJECTIVITY: REFLECTIONS ON THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT IN/BY THE SOCIAL NETWORK

ABSTRACT

The potential of internet for hyperconnectivity has brought reflections not only to the lifestyle of societies, but also to the subject's own construction and modes of subjectivation in contemporary times. That context, we highlight the use of social networks, as Instagram, which expanded rapidly, becoming a worldwide phenomenon, and that is part of this new context of construction of subjectivity. This article is a theoretical essay, whose objective was to sketch a look at the constitution of the subject, considering here the aspects of psychoanalytic theory, glimpsing possible links between this theory and the hyperconnectivity aspects of social networks where this subject is Immersing, especially on Instagram.

KEYWORDS: Internet; Social networks; Instagram; Subjectivity; Narcissism.

INTERNET, NARCISSISME ET SUBJECTIVITÉ: RÉFLEXIONS SUR LA CONSTITUTION DU SUJET DANS LE RÉSEAU SOCIAL

RÉSUMÉ

Internet, avec son potentiel d'hyperconnectivité, a apporté des réflexes non seulement au mode de vie des sociétés, mais également à la construction même du sujet et à ses modes de subjectivation à l'époque contemporaine. Dans ce scénario, nous soulignons l'utilisation des réseaux sociaux, comme Instagram, qui se sont rapidement développés, devenant un phénomène mondial et faisant partie de ce nouveau contexte de construction de la subjectivité. Le présent article est un essai théorique dont l'objectif était de donner un aperçu de la constitution du sujet, en considérant ici les aspects de la théorie psychanalytique, en discernant les liens possibles entre cette théorie et les aspects liés à l'hyperconnectivité des réseaux sociaux où se trouve ce sujet. immersion, en particulier dans Instagram.

MOTS-CLÉS: Internet; Réseaux sociaux; Instagram; Subjectivité; Narcisisme.

RECEBIDO EM 22/07/2019

APROVADO EM 22/06/2020

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

A SUBVERSÃO PROUSTIANA DA MEMÓRIA: UMA LEITURA ENTRE A INSPIRAÇÃO DA TEORIA DE BERGSON E AS FORMULAÇÕES FREUDIANAS

Alvinan Magno Lopes Catão¹

Eliana Rigotto Lazzarini¹²

Márcia Cristina Maesso³

RESUMO

Este artigo se propõe a discutir a concepção de memória e lembrança em Proust, comparando-a com a teoria de Bergson e com as formulações de Freud. Partindo da leitura e análise do livro *No Caminho de Swann*, sustenta-se a ideia de que Proust, apesar de ter se inspirado em Bergson, desenvolveu outra formulação de memória e lembrança. Graças à sua experiência estética literária, Proust descobre e evidencia a memória involuntária ou inconsciente que não depende do esforço consciente, subvertendo o sentido original da teoria bergsoniana que concebe o prolongamento do passado no presente como algo da consciência. Procurou-se apresentar que esta subversão da memória aproxima nocionalmente Proust das formulações freudianas, nas quais o inconsciente está no cerne.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Lembrança; Proust; Bergson; Freud

¹ Psicólogo clínico. Doutorando em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UNB), bolsista CAPES. Email: alvinanmagno@gmail.com; Telefone: (62) 993910858

² Psicóloga Clínica. Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Email: elianalazzarini@gmail.com; telefone: (61) 99895103.

³ Psicanalista. Professora associada do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília. Email: maessomc@gmail.com; Telefone: (61) 82388844.

INTRODUÇÃO

Marcel Proust (1871-1922) foi um importante romancista, ensaísta e crítico literário francês, considerado por muitos como um dos maiores escritores de todos os tempos. Sua obra mais importante, o romance “Em busca do Tempo perdido”, foi escrita entre 1907 e 1922, ano de sua morte, e publicada entre 1913 e 1927, compondo sete volumes, são eles: No Caminho de Swann; À Sombra das Raparigas em Flor; O Caminho de Guermantes; Sodoma e Gomorra; A Prisioneira; A Fugitiva; O Tempo Redescoberto (PROUST, 2006).

É consenso entre estudiosos da obra de Proust (BENJAMIM, 1989; RICOEUR (1995); DELEUZE, 2003), que os temas centrais dessa são: o tempo, a memória e a lembrança. Esses temas também foram abordados pelo filósofo francês Henri Bergson. Existe uma vasta bibliografia que aborda as diversas relações existentes entre o romancista e o filósofo, sejam estes referentes ao pensamento, à inspiração e/ou à influência.

De acordo com Lama (2012), “Em Busca do Tempo Perdido” de Proust, foi compreendida pela crítica da tradição francesa, por muito tempo, como uma espécie de aplicação literária das ideias filosóficas de Bergson sobre a memória e o tempo. O autor afirma que a aproximação entre o filósofo e o romancista se dá pela contemporaneidade dos dois autores que viveram em uma mesma época e em um mesmo ambiente sociocultural francês, cuja efervescência cultural e intelectual estava presente. Além desse fato, é importante dizer que Proust estudou diretamente com Bergson (PROUST, 2006; LAMA 2012).

Embora haja uma inegável influência da filosofia de Bergson na obra de Proust, muitos autores contemporâneos discordam do fato desta ser uma mera aplicação literária das ideias de Bergson. Dentre esses se encontra Poulet (1992), que sustenta a ideia de que o tempo proustiano é espacializado e justaposto, se opondo ao tempo bergsoniano, onde existe o tratamento da memória enquanto duração. O autor entende que o tempo proustiano não é um transcorrer que dura, mas uma sucessão de momentos isolados. Essa interpretação pressupõe um afastamento do entendimento de tempo e de memória entre Proust e Bergson.

Nessa mesma linha de afastar os paralelismos entre os dois autores, segue a leitura de Dresden (1956), que acredita que o pensamento proustiano de que a memória, ao introduzir o passado no presente sem modifica-lo, tal qual ele era no

momento em que estava presente, suprime precisamente essa grande dimensão do tempo que segue a vida que se realiza, características do pensamento de Bergson.

Ricoeur (1995) também sustenta uma concepção de tempo espacializado em Proust, em oposição do tempo enquanto duração de Bergson. Para esse autor, “Em Busca do Tempo Perdido” confirma o caráter dimensional do tempo, não desembocando numa visão bergsoniana de uma duração despojada de qualquer extensão.

Rossetti (2009), autora que estudou uma ampla bibliografia de autores que discutiram as relações entre Proust e Bergson, levanta algumas hipóteses sobre o primeiro. Para ela, Proust é talvez um bergsoniano intermitente, ou talvez um bergsoniano que se ignora, ou um bergsoniano apesar de si, dado o seu esforço de independência. A autora entende que Proust, em seu romance, tentou reencontrar a duração interior e, assim, realizou o voo que Bergson formulou muitas vezes, uma vez que Proust quis fazer estender, a seus pacientes leitores, a continuidade invisível e indestrutível de uma melodia, a melodia de um tempo que dura.

Depois de uma análise de como se dá a revelação e a composição do tempo proustiano, Rossetti (2009) passa para a exposição das analogias entre Proust e Bergson. A esse respeito, salienta que:

Proust não é uma aplicação literária da teoria bergsoniana, seria simplista demais pensar assim, além de ser uma desconsideração à originalidade e genialidade de Proust. Dessa maneira, para quem já leu Bergson, percorrer o universo do romance proustiano é deparar-se com analogias flagrantes e, também, com espantosas contradições. Todavia, se atentarmos aos acordos existentes entre ambos, muitos podem ser os acordos entre Bergson e Proust para um ouvinte habituado à melodia bergsoniana. Entretanto, é no tema central, o mesmo para ambos, que encontramos o maior acordo: o tempo. Não um tempo comum e vulgar, mas o tempo como duração, criador da vida e da arte (ROSSETTI, 2009 p. 90).

O trabalho de Rossetti (2009) ainda trás uma importante referência no que compete às relações entre Proust e Bergson. Trata-se da leitura de Walter Benjamin (1989), filósofo da primeira geração da Escola de Frankfurt, que apresenta como se dá a inspiração de Bergson e como essa foi transformada pelo romance de Proust:

Matéria e Memória define o caráter da experiência na *durée* (duração) de tal maneira que o leitor se sente obrigado a concluir que apenas o escritor seria o sujeito adequado de tal experiência. E, de fato, foi também um escritor quem colocou à prova a teoria da experiência de Bergson. Pode-se considerar a obra de Proust, *Em busca do tempo perdido*, como a tentativa de reproduzir artificialmente, sob condições sociais atuais, a experiência tal

como Bergson a imagina, pois cada vez se poderá ter menos esperanças de realizá-la por meios naturais (BENJAMIM, 1989, p. 105).

É possível perceber que Benjamim reconhece a influência de Bergson em Proust, no entanto entende que a aplicação reprodutiva da teoria da memória bergsoniana em “Em Busca do Tempo Perdido” é transformada pela leitura subjetivamente proustiana que, colocando em prova tal teoria, expõe a sua inaplicabilidade no campo da experiência concreta. O autor parte do princípio de que a experiência, no entendimento bergsoniano, dificilmente se realizará por meios naturais por partirem de conceitos e noções idealizadas que não se aplicam à realidade concreta. Para Benjamim (1989), Proust — ao tentar recriar — na medida do possível e sob determinadas condições sociais — a experiência tal como Bergson a concebia — desenvolve outro entendimento de memória. Essa operação — como se pretende apresentar nesse trabalho — subverte o sentido original da memória bergsoniana.

Ao apresentar as dessemelhanças entre Proust e Bergson, Benjamim (1989) produz condições para uma aproximação da concepção de memória em Proust das formulações freudianas. Nessa operação a “memória pura” da teoria bergsoniana, converte-se em memória involuntária. De acordo com o autor, desde o começo, Proust confronta esta memória involuntária (inconsciente) com a voluntária (consciente), que se acha à disposição do intelecto. Benjamim (1989) admite que os pontos de contato entre Bergson e Proust existem, mas acredita que os mesmos estão temporariamente suspensos. No entanto, sua leitura possibilita constatar que os pontos discordantes com Bergson permitem a constatação de uma semelhança nocional entre Proust e Freud.

É justamente a partir de uma aproximação ou semelhanças de noções e conceitos entre Proust e Freud, que pretende abordar, nesse artigo, o que se chamou inicialmente de subversão proustiana da memória. Subversão aqui é entendida a partir da definição de Dunker (2011), como a inversão ou deslocamento do sentido de um processo, que implica não somente a passagem ao contrário, mas também acrescida de um deslocamento novo. Nesse sentido, levanta-se a hipótese de que na obra “Em Busca do Tempo Perdido”, no livro “No Caminho de Schann”, Proust subverte o parâmetro fundamental da memória bergsoniana, trazendo um novo entendimento que substitui a memória pura pela memória involuntária. Esta última que se acredita

ter semelhanças com as formulações freudianas de memória e lembrança, presentes na teoria dos traços mnemônicos e das lembranças encobridoras.

Tomando as passagens que tratam sobre a memória e lembrança no livro “No Caminho de Schann”, foram formulados as seguintes questões: O que se conserva da teoria de Bergson nas formulações de memória e lembrança em Proust? Quais noções de memórias e lembranças em Proust podem ser acordadas com as formulações freudiana dos traços mnêmicos e das lembranças encobridoras? Como se constitui a subversão proustiana da memória nesta obra?

A MEMÓRIA EM BERGSON: A CONSERVAÇÃO DO PASSADO

Para compreender o que se conserva das noções da memória bergsoniana em Proust é importante, primeiro, apresentar a concepção de Bergson (1999) sobre o tema, para em um segundo momento estabelecer relações entre ambos. Essa apresentação será realizada tomando como referência “Matéria e Memória”, uma das principais obras de Bergson sobre o tema.

Em “Matéria e Memória”, Bergson (1999) desenvolve uma concepção idealista e especulativa de memória, tomando como pressuposto a ideia de que esta é a fonte primária da realidade. Nessa obra, o autor tenta provar a espontaneidade e a liberdade da memória, se opondo aos esquemas mecanicistas e biologicistas da filosofia de sua época, que situavam essa a uma função ou mecanismo cerebral. O objetivo central da exposição de Bergson é demonstrar que o passado se conserva integral e inteiramente no espírito.

Bergson (1999) sustenta uma concepção dualista sobre a existência da matéria, no entanto critica o reducionismo realizado pelas correntes idealistas e realistas, apresentando o entendimento de que a matéria não se reduz à representação que o indivíduo faz dela (idealismo), não sendo, também, uma natureza diferente da representação (realismo). Buscando superar o radicalismo e até mesmo o paralelismo de tais correntes, o autor sustenta a ideia de uma intersecção solidária entre cérebro e mente. A respeito dessa relação, escreveu Bergson (1999): “Que haja solidariedade entre o estado de consciência e o cérebro, é incontestável. Mas há solidariedade também entre a roupa e o prego onde ela está pendurada, pois, se retiramos o prego, a roupa cai” (p. 5). Nessa afirmação, o autor compara o cérebro a um prego e a consciência a roupa pendurada, apresentando a dependência entre

ambos, e ao mesmo tempo em que sugere, nas entrelinhas, a possibilidade de se pendurar outras roupas no prego, uma vez que o cérebro como o prego fixo pode sustentar outras roupagens. Esse exemplo evidencia uma ideia central na filosofia de Bergson: a de que os fenômenos mentais, dentre os quais a memória, não são redutos ou epifenômenos da fisiologia cerebral, uma vez comprovada a sua relação de dependência e plasticidade.

De acordo com Bosi (1994), todo o esforço científico e especulativo de Bergson está centrado no princípio da diferença: de um lado está o par percepção-ideia, oriundo de um presente corporal contínuo, e de outro o fenômeno da lembrança, cujo aparecimento é descrito por outros meios. A autora afirma que a oposição entre o perceber e o lembrar é o eixo de “Matéria e Memória” que já no título trás o selo da diferença: matéria/memória.

Buscando apresentar as relações e diferenças entre cérebro e mente, Bergson (1999) procura definir a matéria como imagem, entendida enquanto uma existência situada entre a coisa e a representação. O autor chamou de matéria o conjunto das imagens, e de percepção da matéria essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de certa imagem determinada, o corpo. Para o autor as imagens agem e sofrem reações, se relacionando entre si no universo e fazendo este girar através do movimento que elas produzem. No interior das imagens que constituem esse universo existe uma imagem que opera como o centro de irradiação de movimento, que o autor chamou de corpo. Ele entende que as imagens exteriores transmitem movimento ao corpo e este lhe restitui a mesma ação. Nesse entendimento, pode-se dizer que as imagens exteriores agem sobre o corpo e o mesmo reage sobre tais imagens em constante movimento.

Deleuze (2003) explica que não existe dualidade entre imagem e movimento em Bergson, como se a imagem estivesse na consciência e o movimento nas coisas. O autor explica que existe uma concepção das imagens-movimento na filosofia bergsoniana, pois a imagem é em si mesma entendida como movimento e vice versa. Assim, de acordo com esse autor, a verdadeira unidade da experiência bergsoniana é a imagem em movimento. Nesse entendimento, a imagem em Bergson é o fenômeno que aparece e está em movimento.

Bergson (1999) concebe a imagem-movimento que aparece no corpo como uma atualização do aqui e do agora. É nesse caminho que o autor enfrenta o problema

da passagem do tempo e da memória. Ele se opõe a noção de percepção atual, trazendo a ideia de que não existe percepção que não esteja impregnada de lembrança. Para o autor, percepção e lembrança se penetram sempre, trocando sempre alguma coisa das suas substâncias por um fenômeno de endosse. O autor defende a ideia de que é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde. Perceber, para este autor, significa uma situação de lembrar (BERGSON, 1999; BOSI, 1994).

Em suas exposições sobre a memória, Bergson (1999) defende a necessidade de tratá-la como um fenômeno que ocorre junto com a percepção e de mostrar que ela ocupa um lugar central no conhecimento humano e não secundário como foi comumente defendido pela filosofia empirista, e esse é justamente o ponto de convergência entre a consciência e as coisas, entre o corpo e o espírito:

Digamos inicialmente que, se colocarmos a memória, isto é, uma sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la. Pois elas só se conservam para tornarem-se úteis: a todo instante completam a experiência presente enriquecendo-a com a experiência adquirida; e, como esta não cessa de crescer, acabará por recobrir e submergir a outra. É incontestável que o fundo de intuição real, e por assim dizer instantâneo, sobre o qual se desenvolve nossa percepção do mundo exterior é pouca coisa em comparação com tudo o que nossa memória nele acrescenta. Justamente porque a lembrança de intuições anteriores análogas é mais útil que a própria intuição, estando ligada em nossa memória a toda a série dos acontecimentos subsequentes e podendo por isso esclarecer melhor nossa decisão, ela desloca a intuição real, cujo papel então não é mais - conforme mostraremos adiante - que o de chamar a lembrança, dar-lhe um corpo, torná-la ativa e conseqüentemente atual (BERGSON, 1999, p. 69).

Em sua teoria da memória/lembrança, Bergson (1999) explica que o passado se conserva atuando diretamente sobre o presente. O autor categoriza essa conservação, operada pela memória, em dois conceitos: memória-hábito ou memórias dos mecanismos motores e as lembranças independentes de quaisquer atos. A primeira se refere aos esquemas de comportamento que o corpo se utiliza, as vezes automaticamente, em sua ação sobre as coisas. A segunda se refere às lembranças isoladas, singulares, que constituem autênticas ressurreições do passado (BERGSON, 1999; BOSI, 1994).

Apesar de considerar aspectos do inconsciente filosófico em sua teoria, Bergson (1999) afirma que uma única hipótese permanece possível em relação à

memória: a de que o movimento concreto, capaz, como a consciência, de prolongar seu passado no presente, capaz, ao se repetir, de engendrar as qualidades sensíveis, já seja algo da consciência, algo da sensação. Como visto a teoria de Bergson parece pressupor uma íntima correspondência entre memória, percepção e consciência, o que sugere a ideia de que o pensar/lembrar depende do esforço da consciência, entendimento que, como será apresentado a seguir, destoa das construções proustianas de memória.

EM BUSCA DA MEMÓRIA PERDIDA: DISCORDÂNCIAS E CONCORDÂNCIAS ENTRE BERGSON E PROUST

A temática da memória, de fato, perpassa todo o livro “O Caminho de Swann”, estando presente nas discussões e nas construções estéticas de Proust (Proust, 2006). Nesse tópico, procurar-se-á apresentar e discutir algumas passagens que falam sobre a memória nesse livro. Essa discussão será realizada buscando relações com as teorias de Bergson, uma vez entendida a influência deste autor sobre Proust. O objetivo é apresentar as discordâncias e as concordâncias entre os dois autores, observando o que se conserva de Bergson nas formulações proustianas para depois apresentar as relações da concepção da memória involuntária com as formulações freudianas.

Em “No Caminho de Swann”, Proust (2006), incorporado no personagem fictício Marcel, relata as suas memórias da infância, apresentando também a história de amor e ciúme do personagem Charles Swann por Odette. Esse relato se reporta a cidade fictícia de Combray. A estética desse relato é caracterizada, em sua forma, pela evocação da memória subjetiva do personagem com o foco nos detalhes que buscam situar e descrever estados e perfis psicológicos, esses que se mesclam aos diversos espaços mundanos. O livro está dividido em três partes: Combray; Um amor de Swann; Nome de terras: o nome.

A primeira parte inicia com o narrador Marcel descrevendo as impressões que surgem em sua consciência a partir de vivências relacionadas ao ato de dormir, de sonhar e de acordar. Neste relato, Marcel nomeia de “mundo dos sonhos”, o espaço correspondente à sua realidade subjetiva. Esse espaço lhe evoca as lembranças involuntárias dos terrores e traumas da infância, proporcionando-lhe também momentos de gozo descritos pelo autor como “inomináveis”. O narrador se mostra

nessa primeira parte um jovem frágil que necessita da presença e companhia da mãe. Essa necessidade se intensifica quando a sua família recebe o notório Sr. Swann, caracterizado como um burguês, fino, sofisticado, ocioso e apreciador de artes. Swann é pai de uma moça que possui a mesma idade do narrador (PROUST, 2006).

Uma das construções mais significativas da primeira parte, sobretudo por apresentar a concepção de memória involuntária e sua estetização em obra, está contida na cena onde o autor expõe a experiência de comer um bolinho conhecido como *Madeleine*. O narrador mergulha na boca uma colherada de chá, onde deixa amolecer um pedaço da *Madeleine* e neste momento é invadido por um prazer isolado e sem noção de causa que lhe faz lembrar. A esse respeito, relatou Proust (2006):

E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de madalena que nos domingos de manhã em Combray. [...] O simples fato de ver a Madalena não me havia evocado coisa alguma antes que a provasse; talvez porque, como depois tinha visto muitas, sem as comer, nas confeitarias, sua imagem deixara aqueles dias de Combray para se ligar a outros mais recentes; talvez porque, daquelas lembranças abandonadas por tanto tempo fora da memória, nada sobrevivia, tudo se desagregara; as formas — e também a daquela conchinha de pastelaria, tão generosamente sensual sob sua plissagem severa e devota — se haviam anulado ou então, adormecidas, tinham perdido a força de expansão que lhes permitiria alcançar a consciência. Mas quando mais nada subsiste de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gótica impalpável, o edifício imenso da recordação.

E mal reconheci o gosto do pedaço de madalena molhado em chá que minha tia me dava (embora ainda não soubesse, e tivesse de deixar para muito mais tarde tal averiguação, por que motivo aquela lembrança me tornava tão feliz), eis que a velha casa cinzenta, de fachada para a rua, onde estava seu quarto, veio aplicar-se, como um cenário de teatro, ao pequeno pavilhão que dava para o jardim e que fora construído para meus pais aos fundos dela (esse truncado trecho da casa que era só o que eu recordava até então); e, com a casa, a cidade toda, desde a manhã à noite, por qualquer tempo, a praça para onde me mandavam antes do almoço, as ruas por onde eu passava e as estradas que seguíamos quando fazia bom tempo. E, como nesse divertimento japonês de mergulhar numa bacia de porcelana cheia d'água pedacinhos de papel, até então indistintos e que, depois de molhados, se estiram, se delineiam, se cobrem, se diferenciam, tornam-se flores, casas, personagens consistentes e reconhecíveis, assim agora todas as flores de nosso jardim e as do parque do sr. Swann, e as ninfeias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas moradias e a igreja e toda a Combray e seus arredores, tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, de minha taça de chá (p. 48).

Neste exposto é possível perceber a concepção de memória em Proust: trata-se da memória involuntária ou memória inconsciente. Ao relatar a complexa

experiência do chá e da *Madeleine*, o narrador revela uma característica desse tipo de memória: ela não está sob o domínio da consciência, dependendo, assim, de situações específicas para ser evocada e/ou construída, ou seja, seu surgimento depende do acaso. O bolinho é o gatilho deste acaso, responsável pelo transporte do personagem-narrador rumo às lembranças da infância. Ele é o link entre o passado e o presente do personagem. Nesse sentido, não é somente a *Madeleine* enquanto imagem percebida no ato de ver, que também compunha as lembranças do narrador-personagem, mas as sensações (cheiros, sabores), atizadas pela situação específica, capaz de propiciar uma plena reconstrução do passado.

A memória involuntária, em Proust (2006), não é oriunda de um esforço do ato de perceber que na teoria de Bergson é sinônimo de lembrar. Ao contrário, ela é efeito de um deslizar, um esquecimento do momento presente, provocado pela situação, ou seja, um retorno a espaço-tempo que se mantinha inconsciente e por razão do gatilho, o elo subjetivo, torna-se possível de ser vivenciado. Na teoria de Bergson, a memória pura está intimamente ligada ao intelecto e à consciência. No romance de Proust, existe, não uma aplicação real desse conceito, mas uma inversão ou deslocamento do sentido de memória, que implica não somente a passagem ao contrário, mas esta passagem é acrescida de um deslocamento novo. E esse deslocamento novo só foi possível por ter sido realizado por uma via intuitiva, própria das artes. Assim, mesmo que Proust (2006) tenha tentado aplicar a teoria de Bergson em seu romance, o que se constrói no processo criativo é outra noção de memória que, apesar de conservar alguns aspectos da memória bergsoniana, não depende da consciência, separando percepção de lembrança. E é justamente por se orientar mais pela intuição artística e menos pela abstração filosófica de Bergson, que Proust consegue trazer algo do seu próprio inconsciente, o que subverte o sentido da memória pura, possibilitando a captação e a expressão da memória involuntária, uma memória que, diferente das abstrações e idealizações bergsonianas, tem o seu princípio fundante na experiência subjetiva.

Concordando com Benjamim (1987), pode-se dizer que Proust pôs à prova a teoria bergsoniana da experiência, justamente por tentar produzir artificialmente da sua maneira, a partir das condições sociais de sua época, a experiência tal como Bergson a entendia. Nesse processo de aplicação, Proust (2006) descobre e revela a acidentalidade da memória e a sua íntima relação com o ambiente físico e social, o

que, de acordo com Benjamim (1987), prova que não há correspondência direta entre consciência e memória na obra proustiana. Nesse sentido, a ilusão do controle consciente da memória pura bergsoniana deixa de existir na obra proustiana, dando lugar à espontaneidade da lembrança que não depende do esforço consciente do sujeito.

Apresentadas algumas discordâncias entre Proust e Bergson, no que tange à noção de memória, cabe agora apresentar o que se conserva da concepção do segundo na obra proustiana. É inegável que a memória enquanto duração temporal representa um dos principais temas bergsonianos que se conserva nas construções de Proust. Ambos os autores tem na memória um elo que conecta o passado com o presente, fazendo o primeiro durar. Apesar das divergências de como se dá o processo de rememoração (voluntariamente ou involuntariamente), a memória representa, para os dois autores, a forma pela qual o indivíduo acessa o tempo vivido, sempre em relação ao momento presente. Trata-se de uma capacidade humana que permite ao indivíduo vivenciar e se situar no tempo, esse que passa e, portando, dura.

A SUBVERSÃO PROUSTIANA DA MEMÓRIA E AS FORMULAÇÕES FREUDIANAS

No que tange a como se dá processo de rememoração, sustenta-se nesse artigo que Proust subverte o parâmetro fundamental da memória bergsoniana, trazendo um novo entendimento que substitui a memória pura pela memória involuntária, oriunda da acidentalidade. Tal como apresentado, essa subversão se dá porque houve uma inversão do sentido original da memória bergsoniana em sua aplicação literária, graças à experiência subjetivante do autor que, na escrita, experimenta espontânea e intuitivamente o processo de rememoração e criação. Essa linha de análise se ancora nas conclusões de Benjamim (1989) para o qual Proust não seria simplesmente um escritor de ficção, mas um autor que escreve sobre a realidade, utilizando da primeira para tal feito.

A subversão proustiana da memória bergsoniana permite aproximar as formulações de Proust das formulações freudianas. E é por meio das contribuições de Freud sobre o assunto, que procurar-se-á, nessa etapa do artigo, apresentar algumas formulações sobre memória e lembranças, buscando se orientar pelos textos “Além do Princípio de Prazer”(1920), “Uma Nota sobre o Bloco Mágico”(1925) e “Psicopatologia da Vida Cotidiana” (1901).

A concepção da memória involuntária presente em “No Caminho de Swann” e exemplificada no exemplo da *Madeleine*, sugere a ideia de que não existe correspondência entre memória e consciência. Uma hipótese semelhante, acerca da incompatibilidade entre os sistemas psíquicos percepção-consciência e memória, foi desenvolvida por Freud (2006) no texto “Além do Princípio de Prazer” de 1920. Ao especular sobre a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico, o autor afirma que o que é objeto da consciência não pode conservar nenhum traço mnemônico. Ele entende que se a consciência conservasse qualquer traço inviabilizaria a nova percepção, uma vez que a consciência surge no lugar dos traços de lembrança. Assim, nesse entendimento, Freud (1920) afasta a memória da consciência, o que destoa das formulações bergsonianas sobre o tema.

Uma das formulações de Freud (1920) que argumentam esse afastamento está na noção de *Reizschutz*, que significa escudo protetor contra o estímulo. De acordo com o autor, sem o escudo protetor, o organismo vivo, em meio a um mundo exterior que está carregado de energias de grande intensidade, seria aniquilado pelos estímulos deste mundo. Ele explicita que este escudo faz com que as energias do mundo exterior só possam transmitir às próximas camadas situadas logo abaixo, e que continuam vivas, apenas uma parcela de suas intensidades. Nesse sentido, essas camadas, protegidas pelo escudo, tendem a dedicar a recepção das quantidades de estímulos que o mesmo deixou passar. Freud (1920) acredita que tal barreira, como componente do sistema percepção-consciência, além de proteger dos estímulos externos, permite que os estímulos que passam tenham a possibilidade de se tornarem conscientes.

Outro texto de Freud a tratar sobre a noção de memória e que permite uma aproximação com as construções proustianas é “Uma Nota sobre o Bloco Mágico”. Nesse texto, Freud (1927) volta a discutir o sistema percepção-consciência e as formulações gerais do aparelho psíquico, usando a metáfora do brinquedo do bloco mágico como exemplo. Tal brinquedo é composto por duas camadas de papéis, um de celulose transparente e o outro de um papel encerado bastante sensível e translúcido, e uma prancheta. De acordo com Freud (1927) para “usar o bloco mágico, basta escrever sobre a primeira camada de celuloide, mas não se necessita de lápis ou giz. Trata-se de um retorno ao antigo sistema de escrita sobre plaquinhas de barro

ou cera: utiliza-se um estilete com o qual se risca a superfície produzindo ranhuras que funcionara como ‘escrita’” (p. 139).

Freud (1927) explicita que quando as folhas não fossem mais necessárias, bastava levantá-las, e apagava-se o que ali fora anotado. Assim, depois de uma anotação, quando as camadas da folha fossem separadas e descoladas, seria possível ler o que foi escrito apenas no papel encerado. Fazendo uma comparação entre o funcionamento do aparelho psíquico com o bloco mágico, o autor expõe que a folha de celuloide seria como um escudo protetor contra estímulos externos (*Reizschutz*), às influências danosas de fora, e a outra camada, a do papel de cera, seria o abrigo e a recepção destes estímulos. Com isso, o autor reafirma a tese de “Além do Princípio de Prazer” de que as excitações externas são estocadas nos sistemas do pré-consciente (P-Cs), responsável pela recepção e pelo abrigo dos estímulos (papel de cera), representando a segunda camada. A primeira camada, a de proteção dos estímulos externos, teria a função de diminuir a magnitude dos impulsos que lhe chegam. Nessa tese, está inscrito que a consciência nasceria no lugar do traço mnemônico, sendo uma substituição da lembrança e não, necessariamente, um lembrar, um atualizar ou um conservar de um momento passado.

A teoria das lembranças encobridoras, apresentada por Freud em “Psicopatologia da Vida Cotidiana”(1901), traz alguns elementos que permitem compreender como se dá o processo de substituição da lembrança, um dos pilares nocionais e conceituais freudianos sobre a memória. Nesse trabalho, Freud constatou que as recordações indiferentes da infância são possíveis graças a um processo de deslocamento (*Verschiebungsvorgang*). Para o autor tais recordações são substitutas (*Ersatz*) de impressões afetivas importantes. A sua reprodução direta implica um choque com uma resistência. A conservação dessa recordação opera pela relação associativa com outra lembrança recalçada. Na teoria freudiana a lembrança encobridora, a qual o sujeito/indivíduo/organismo tem consciência, representa uma construção *a posteriori* ao recalque e funciona de maneira a conservá-lo, justamente porque não é nociva ao organismo. Nesse sentido, vale destacar que Freud (1901) entende que para o organismo vivo, a proteção contra estímulos é tarefa quase mais importante do que a recepção de estímulos.

As teses de Freud sobre os traços mnemônicos e sobre as lembranças encobridoras se assemelham a memória involuntária proustiana. Essa semelhança anuncia uma radical separação com o modo de entender o processo de rememoração com enfoque na percepção consciente, tal como é o caso de Bergson. O ponto de encontro entre Freud e Proust se dá justamente pelo entendimento de que a memória não depende exclusivamente do voluntarismo da consciência, ao contrário ambos buscam traçar relações da memória com o inconsciente e com o seu aspecto involuntário e atemporal: Proust com suas construções artístico-intuitivas que remontam às suas próprias experiências subjetivas; Freud com sua experiência clínica, subjetiva e, em alguma medida, enquanto leitor.

A construção literária de Proust (1913) sobre a experiência do chá e da *Madeleine*, vem exemplificar hipoteticamente um caso de lembrança encobridora. O que se conserva nessa experiência atual não é o passado evocado do narrador tal como se fosse vivenciado imagetivamente tal como aconteceu, mas os seus traços mnemônicos (o cheiro, o sabor) de uma experiência afetiva indiferente da infância que, no momento da rememoração, adquire conteúdo e forma graças à narrativa literária. A lembrança encobridora proustiana, nessa leitura, tem a função de manter o recalque do autor, operado pelo processo de deslocamento.

De maneira geral, a partir do que foi exposto e discutido, pode-se dizer que a subversão da memória bergsoniana de Proust aproxima-o de Freud. Não por uma inspiração, como foi a de Bergson, uma vez que Proust não conheceu Freud e vice versa, apesar de terem vivido na mesma época. A subversão proustiana da memória se dá pela construção intuitiva de outra noção de memória, não pelo esforço da razão filosófica que poderia, talvez, levar à resistência, mas pela experiência estética. E é, talvez, esse o sucesso da obra: apesar de ter uma inspiração de Bergson, Proust (1913) não busca explicar racionalmente, mas procura trazer para o plano da linguagem escrita aquilo que se passa em sua própria subjetividade: seus conflitos psíquicos e anseios existenciais. É justamente aí que a aplicação dos conceitos e noções bergsonianas é testada: pela arte procura-se expressar espontaneamente o que inquieta a subjetividade sem atender a uma demanda racional. Assim, o autor se aproxima e traduz a linguagem do inconsciente por outra via: a da experiência da escrita.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIM, W. Sobre alguns temas de Baudelaire. In *Obras escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito* (trad. Paulo Neves. 2º edição). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DELEUZE, G. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DRESDEN, S. Les idées esthétiques de Bergson. In *Les Études Bergsoniennes*. Paris: PUF, 1956.
- DUNKER, C. I. L. O nascimento da clínica. In Duncker, C. I. L. *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume, 2011.
- FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. (1901). Psicopatologia da vida cotidiana. vol. IV.
- FREUD, S. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1920). Além do princípio de prazer. vol. 2.
- FREUD, S. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- _____. (1925). Uma nota sobre o Bloco Mágico. vol. 3
- LAMA, F. A. D. (2012). Da memória involuntária à incompatibilidade consciência-memória: aproximações benjaminianas entre Proust e Freud. *VII Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP*, v. 5, p. 16-31.
- POULET, G. (1992). *O espaço proustiano*. Rio de Janeiro, Imago.
- PROUST, M (1913). *No caminho de Swann* (trad. de Mario Quintana, 3º ed). São Paulo: Globo, 2006.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa II*. Campinas: Papirus, 1995.
- ROSSETTI, R. Acordes e dissonâncias entre Bergson e Proust. *Filosofia Unisinos*. Porto Alegre, v. 10, n.1, p. 79-91, jan./abr. 2009.

THE PROUSTIAN SUBVERSION OF MEMORY: A READ BETWEEN THE INSPIRATION OF BERGSON'S THEORY AND THE FREUDIAN FORMULATIONS

ABSTRACT

This paper aims to discuss Proust's conception of memory and the act of remembering content, comparing it with Bergson's theory and Freud's formulations. Based on the reading and analysis of the book *Swann's Way*, it is supported the idea that Proust, although inspired by Bergson, developed another formulation of memory and the act of remembering content. Thanks to his literary aesthetic experience, Proust discovers and highlights the involuntary or unconscious memory that does not depend on conscious effort, subverting the original meaning of the Bergsonian theory which conceives of extending the past into the present as something of the consciousness. This subversion of memory has notionally brought Proust closer to Freudian formulations, in which the unconscious is at the heart.

KEYWORDS: Memory; act of remembering contente; Proust; Bergson, Freud

LA SUBVERSION PROUSTIENNE DE LA MÉMOIRE: UNE LECTURE ENTRE L'INSPIRATION DE LA THÉORIE DE BERGSON ET LES FORMULATIONS FREUDIENNES

RÉSUMÉ

Cet article vise à discuter la conception de la mémoire et le souvenir de Proust, en la comparant à la théorie de Bergson et aux formulations de Freud. Sur la base de la lecture et de l'analyse du livre *Du côté de chez Swann*, il est soutenu l'idée que Proust, bien qu'inspiré par Bergson, a développé une autre formulation de la mémoire et de la remémoration. Grâce à son expérience esthétique littéraire, Proust découvre et met en évidence la mémoire involontaire ou inconsciente qui ne dépend pas de l'effort conscient, subvertissant le sens originel de la théorie bergsonienne qui conçoit d'étendre le passé au présent comme quelque chose de conscience. Cette subversion de la mémoire a théoriquement rapproché Proust des formulations freudiennes, où l'inconscient est au cœur.

MOTS CLÉS: Mémoire; Souvenir; Proust; Bergson; Freud

RECEBIDO EM 27/12/2019

APROVADO EM 22/06/2020

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

TESTEMUNHAS DO (DES)ENCONTRO: NOTAS PSICANALÍTICAS SOBRE O AMOR EM “FLORES AZUIS” DE CAROLA SAAVEDRA

*Leonia Cavalcante Teixeira*¹

*Mariana Ferreira Maia*²

RESUMO

Este artigo objetiva discutir o amor na obra literária “Flores Azuis”, de Carola Saavedra, articulando-o a noção psicanalítica acerca do amor a partir de Freud e Lacan. O diálogo entre Literatura e Psicanálise visa a apreensão da experiência subjetiva do amor e de um possível desdobramento seu na figura de um sofrimento oriundo do desenlace amoroso. Privilegiou-se a modalidade amor-paixão (*Verliebtheit*), na qual se busca a plenitude a partir de uma negação da castração. As relações entre Literatura e Psicanálise são tematizadas, bem como a contextualização da obra de Carola Saavedra no cenário da literatura contemporânea, na qual o epistolar e o amor são ressaltados. A perda do objeto amado, ao remeter ao estado de desamparo, reafirma, de forma contundente e através do próprio amor, aquilo que as personagens buscavam negar amando: a castração de si e do Outro.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Psicanálise. Amor. Carola Saavedra.

¹ Profa. Titular programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Dra. em Saúde Coletiva com Pós-Doutorado em Psicologia. Ms. em Educação. Psicóloga e psicanalista. Membro do GT da ANPEPP "Psicanálise, política e clínica", da Rede Internacional Coletivo Amarrações - psicanálise e políticas com juventudes e do Movimento Cada Vida Importa - a universidade na prevenção e enfrentamento da violência no Ceará.

² Psicóloga do Centro de Referência Especializado de Assistência Social em Tabuleiro do Norte (CE). Membro do Corpo Freudiano - Escola de Psicanálise - Seção Fortaleza. Universidade Fortaleza.

INTRODUÇÃO

As interlocuções entre Literatura e Psicanálise fazem-se a partir do solo da linguagem, o que, segundo a psicanálise, seria pré-requisito para a constituição do sujeito desejante. Ao reconhecer a Literatura como exercício radical da palavra, ao lado da proposição lacaniana “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, Meneses (1995) defende que psicanálise e literatura se articulam na medida em que se constituem como espaços de manifestação do inconsciente, e também como recursos de leitura do humano e de seu *pathos*.

O uso da literatura como espaço de apreensão dos fenômenos humanos é indispensável ao campo psicanalítico, uma vez que ela pode ser compreendida como “um espaço ético no qual os processos de subjetivação são expressos e forjados dando forma ao mal-estar que a Psicanálise institui como próprio do existir humano” (TEIXEIRA, 2001, s/n), sendo os poetas aqueles que, de algum modo, acolhem a estranheza constituinte do humano pelo campo da estética e da arte em geral. Acerca do saber produzido pelos poetas, Freud (1907[1906]) afirma que é o psicanalista quem aprende sobre o inconsciente com o artista, e não o contrário. Os poetas bebem em fontes que ainda são inacessíveis à ciência e ao conhecimento acadêmico em geral. Contudo, se ambos chegam ao mesmo resultado, é porque trabalham com o mesmo objeto, valendo-se apenas de métodos diferentes. Como sinaliza Lacan (1954[1955]): “Os poetas, que não sabem o que dizem, como é bem sabido, sempre dizem, no entanto, as coisas antes dos outros” (p. 14).

O recurso à Literatura e à Psicanálise data de Freud, o grande inaugurador dessa conjunção criativa (LO BIANCO, 2002; MEZAN, 1985, 1996, 2002; ROUANET, 1996). Freud foi fortemente influenciado pela literatura, utilizando-a diversas vezes como laboratório para exercitar uma investigação da psique. Ele reconhecia que os poetas tinham a destreza de acessar e transmitir um saber sobre a vida psíquica que usualmente escapava a uma explicação lógica e racional (TEIXEIRA, 2001, 2005).

Desde Freud, a temática do amor comparece na constituição da Psicanálise através do interesse do autor pelas obras clássicas, como os mitos, os textos homéricos e Cervantes, e também por seus prediletos, que Bloom (1994), Rouanet (2003) e Mango e Pontallis (2013) apresentam como as obras de interlocução de Freud, aqui apresentadas em ordem alfabética: Dostoiévski, France, Ferdinand

Meyer, Goethe, Gomperz, Heine, Hesse, Hoffmann, Keller, Kipling, Macauley, Merejkovski, Multatuli, Twain, Shakespeare e Zola.

Freud manteve contato pessoal ou por correspondência com Arthur Schnitzler, Thomas Mann e Stefan Zweig. As correspondências ocupam lugar de destaque na produção freudiana, constituindo espaço de construção – inclusive de conceitos – por parte de Freud (TEIXEIRA, 2001). Tal forma de endereçamento é marca da arquitetura narrativa em Saavedra, já que em “Flores Azuis” o amor se inscreve em cartas endereçadas a um personagem, bem como, e principalmente, a um leitor estranho.

O amor é um tema recorrente nas produções humanas, sendo reconhecido como uma das principais fontes de inspiração dos poetas, músicos, dramaturgos e artistas plásticos. Para além do campo da arte, o amor também foi situado como motivo de conflitos sangrentos e demais experiências trágicas no decurso da história, sendo insistentemente localizado no centro das ações humanas. Freud (1912, 1915), leitor de Platão, interroga sobre o lugar do amor na construção da civilização e no processo analítico. Platão (380 a.C./2011) menciona que vários já haviam se questionado acerca da origem do amor, criando mitos para dar conta de um fenômeno que está ao alcance de todos, mas que escapa a uma explicação última.

Enquanto experiência subjetiva, o amor não possui uma estrutura fixa, ele varia conforme a cultura e a época em que se manifesta, sendo, conforme Costa (1998, 1999) e Lejarraga (2002), uma prática linguística que se transforma no curso da história. A partir dessa relação de dependência, o amor poderia ser compreendido e narrado em sintonia com as transformações sociais. Consequentemente, seu significado não seria unívoco, e as práticas amorosas estariam intimamente relacionadas aos discursos aos quais o sujeito tem acesso. Ama-se conforme as lógicas de dominação, poder e interesse do período histórico em que se vive. Souza (2013) aponta que, apesar do esforço despendido, nenhuma definição objetiva sobre o amor foi alcançada. Todavia, sua noção parece ter sido construída associada às ideias de plenitude e felicidade.

A Psicanálise, assim como outros campos do saber, possui um olhar e um discurso sobre o amor. A noção de amor perpassa toda a obra freudiana, começando pelo relato das histéricas, passando pela correspondência entre amor e sexualidade e pela constatação do caráter sexual dos sintomas, até o reconhecimento do

narcisismo como dado de estrutura, da importância do manejo transferencial na condução do tratamento e do mal-estar de Eros na civilização. Assim, o amor, em Psicanálise, consiste em um conceito basilar, juntamente com Tanatos. Freud o articula a uma das forças propulsoras da vida singular e coletiva, delegando a Eros a potência de construir civilização.

Este trabalho objetiva discutir o amor conforme apresentado na obra literária “Flores Azuis”, de autoria de Carola Saavedra. Ressalta-se que não se trata de psicanalisar a autora ou sua obra, mas de realizar uma leitura do amor a partir de uma referência literária, articulando-o às categorias psicanalíticas de amor, castração e idealização, a fim de compreender alguns elementos que compõem essa experiência subjetiva e destacar seus possíveis desdobramentos – que compareceria na figura de um sofrimento oriundo do desenlace amoroso. Embora existam várias modalidades de amor, privilegiaremos neste trabalho o amor-paixão (*Verliebtheit*), em que se busca a plenitude a partir de uma negação da castração.

SAAVEDRA: UM PROJETO LITERÁRIO

Carola Saavedra nasceu em Santiago, no Chile, em 1973, e veio para o Brasil com três anos de idade. Graduiu-se em Jornalismo e morou na Espanha, na França e na Alemanha, onde fez mestrado em Comunicação Social. Atualmente desenvolve trabalhos como escritora e tradutora de obras do espanhol e do alemão. Dentre as suas publicações como escritora, podemos citar o livro de contos “Do lado de fora” e os romances “Toda Terça”, “Flores Azuis”, “Paisagem com Dromedário”, “O Inventário das Coisas Ausentes” e “Com Armas Sonolentas” (SAAVEDRA, 2005, 2007, 2008, 2010a, 2014, 2018).

A autora vem sendo considerada “uma das vozes mais representativas do cenário literário contemporâneo em nosso país” (ARAGÃO, 2011, p. 2.488), estando entre os vinte melhores jovens escritores brasileiros eleitos pela revista *Granta* em 2012 (FISCHER, 2014). Saavedra inscreve-se no espaço literário brasileiro como uma escritora de ficção, com constância em publicação e regularidade de apreço pela crítica especializada (ALMEIDA, 2015; GENS, 2013), tendo dois de seus romances indicados para premiações: “Flores Azuis” foi vencedor do Prêmio de Melhor Romance pela Associação Paulista dos Críticos de Arte em 2008 e finalista do Prêmio Jabuti do mesmo ano, também na categoria romance. “Paisagem com Dromedário” rendeu o Prêmio Rachel de Queiroz na categoria Jovem Autor. Devido à boa recepção de

público e crítica, seus romances passaram a ser traduzidos e publicados em outras línguas.

Sua escrita em prosa reúne influências europeias e latino-americanas, além da aposta em jogos narrativos que oferecem, tanto ao escritor quanto ao leitor, uma “experiência do olhar” (GENS, 2013, p. 38). De acordo com Aragão (2011), a proposta de Saavedra consiste em uma experimentação narrativa que baila por heranças literárias e leva ao rompimento da linearidade do texto, abrindo possibilidades várias de leitura e interpretação. Em entrevista ao projeto Paiol Literário, Saavedra (2010b) mencionou a influência que tem – como leitora e escritora – de três grandes nomes da Literatura: Clarice Lispector, com o esgarçamento da linguagem; Júlio Cortázar, com o rompimento da estrutura linear do texto; e Roberto Bolaños, com a proposta de inovação da Literatura no século XXI. Escreve Saavedra que seu grande tema é a impossibilidade do amor e da comunicação, adotando personagens que “têm uma dificuldade muito grande de amar, seja porque amam demais, seja porque mantêm distância do mundo e não conseguem chegar ao outro” (SAAVEDRA, 2010b).

A escritora também acredita que o livro deve apresentar um enigma para o leitor, e que este tem um papel ativo na busca pelas respostas (SAAVEDRA, 2010b). Isso compõe uma parte do seu projeto literário: interrogar o leitor sobre qual papel ele gostaria de desempenhar naquele livro e, dentro ou a partir disso, convidá-lo a interagir com a história. Saavedra (2012) acrescenta que o enigma proposto não tem solução, posto que o livro não apresenta uma verdade absoluta, e que novos sentidos e possibilidades serão tecidos a cada leitura. A experiência, portanto, seria

[...] não mais uma leitura horizontal, linear, mas uma leitura vertical, na qual uma frase ou parágrafo se abre, se transforma em novos significados a cada leitura, numa espécie de caleidoscópio, chegando ao ponto em que uma frase, sendo a mesma frase, é capaz de significar cada vez, a mesma coisa e outra. Porque há um mistério que continuamente os escapa (SAAVEDRA, 2012, s/n).

Conforme Aragão (2011), as narrativas da autora chilena descrevem afetos “tecidos no desencontro, na distância, na impossibilidade e, sobretudo, estetizações que as personagens desvelam em seus relatos” (p. 492), considerando que o afeto só poderia constituir-se em uma perspectiva triangular, em que um dos vértices existiria pela ausência – que poderia ser representada pela morte, pela doença, pela separação ou pela impossibilidade de relação. Desse modo, restaria às personagens uma reconstituição narrativa que, ao mesmo tempo em que apresenta o desespero

delas, torna-se uma possibilidade de ressemantização das causas do sofrimento. Em “Toda Terça” isso ocorre no divã de um psicanalista; em “Flores Azuis”, através da escrita de nove cartas; e em “Paisagem com Dromedário”, por meio de vinte e duas gravações de áudio.

Além dos afetos, é possível identificar outros temas que atravessam a obra de Saavedra, tais como exílio (subjetivo, linguístico e geográfico), sensação de não pertencimento, busca pelas origens, abandono, identidade e feminino. Os aspectos que marcam seu estilo literário compõem sob a forma de experimentação, já que a autora aposta em estruturas fragmentadas, mudanças de foco narrativo, uso de metaficção e presença de lacunas estratégicas que exigem do leitor uma habilidade para montar quebra-cabeças. Também é notório que a escritora rompe com a tradição linear e as convenções do gênero romanesco, utilizando cartas, diários e anotações, de forma paralela, como parte da história (ARAÚJO, 2015; Klinger, 2013). Até o livro “O Inventário das Coisas Ausentes” (SAAVEDRA, 2014), observa-se que o final das suas obras fica em aberto, com ações que não seguem uma ordem cronológica e são interrompidas de modo abrupto. Com a publicação de “Com Armas Sonolentas” (SAAVEDRA, 2018), a autora revela uma reinvenção como escritora, oferecendo novo revestimento a temas anteriormente tratados, e compondo uma narrativa circular.

As tramas criadas por Saavedra, especialmente em “Toda Terça”, “Flores Azuis” e “Paisagem com Dromedário”, compõem o que Aragão (2012) chama de “tríade dos afetos” (p. 151). Nelas, as narradoras se lançam em monólogos exaustivos sobre um passado incômodo e um presente hostil; nelas, o objeto amoroso apresenta-se como protagonista, seja por uma vertente faltosa, excessiva ou impossível, além dos consequentes efeitos de sua incidência na subjetividade feminina das personagens. A temática do amor marca de forma indelével esses três romances; entretanto, “Flores Azuis” apresenta um diferencial: além de tratar do amor que se apresenta pela via do excesso e da violência, também é um livro sobre os desacertos e os descompassos entre escrita e leitura, assim como entre os próprios amantes.

O AMOR QUE SE ESCREVE EM CARTAS

“Flores Azuis” apresenta a história de uma mulher abandonada e inconformada com o fim de seu relacionamento amoroso, o que a faz enviar cartas, diariamente, para a residência do ex-amante. No entanto, elas acabam nas mãos de Marcos, o novo inquilino do apartamento onde o suposto ex-amante morava. Assim,

ao longo de nove dias, Marcos, arquiteto, recebe cartas endereçadas a outro destinatário, contidas em envelopes azuis, com a data do dia anterior e, no lugar do remetente, apenas a letra A. Apesar do estranhamento e do incômodo, Marcos não resiste ao mistério das correspondências e passa a abri-las, lê-las e aguardá-las nos dias seguintes. Paulatinamente, o conteúdo das cartas vai alterando a forma de pensar e agir desse homem recém-separado que se encontrava às voltas com caixas de mudança e mistérios femininos da ex-esposa, da filha de três anos e da atual namorada – pessoas que, conforme o personagem, compõem “um mundo à parte” (SAAVEDRA, 2008, p. 86).

Na medida em que a trama se desenvolve, insinuam-se para o leitor as diversas formas de separação e distanciamento que acometem os personagens, além das tensões que transbordam dos relacionamentos, sejam eles amorosos, sociais ou paterno-filiais. Se por um lado temos o retorno incessante de A. aos momentos que levaram à inevitável separação, por outro vemos a autora delineando as imensas dificuldades de Marcos principalmente na relação com as mulheres: seja com a ex-esposa rancorosa, que o fazia sentir-se estranhamente culpado, com a filha, que, inesperadamente, apresentou-lhe uma paternidade com a qual ele não sabe lidar; ou com a atual namorada, que nunca está satisfeita com o que ele oferece: “[...] a verdade é que as mulheres o assustavam, e, ao mesmo tempo, causavam-lhe uma série de sentimentos confusos e contraditórios” (SAAVEDRA, 2008, p. 86).

Ao tomar conhecimento do conteúdo das cartas que, curiosamente, eram escritas no computador, Marcos questiona sua origem: “Quem se daria ao trabalho de escrever uma carta nos dias de hoje? Provavelmente uma mulher” (SAAVEDRA, 2008, p. 22). Indo na contramão do impulso de devolvê-las à portaria, o personagem, além de leitor, torna-se testemunha da escrita reiterada de um sofrimento oriundo do desenlace amoroso. Ao longo da narrativa, Saavedra revela como, aos poucos, Marcos vai sendo sorrateiramente afetado e transformado pelo conteúdo das cartas, até que elas mudam sua rotina e, por fim, incidem no modo de relação que ele estabelecia com as pessoas ao seu redor.

“Flores Azuis” é um romance composto de alternância narrativa entre primeira e terceira pessoa. Primeiramente, temos a carta – apenas datada – escrita em primeira pessoa, com estilo torrencial, lírico e repetitivo, e, em seguida, um capítulo numerado, em terceira pessoa, em que o narrador revela o cotidiano de Marcos, com estilo

objetivo, frases curtas e reações do personagem à leitura das cartas (SILVA, 2010). Chama-nos atenção, especialmente, o fato de que as correspondências não recebem numeração de capítulo, como se elas não fizessem parte do livro, sendo intrusas, estrangeiras: um objeto deslocado que apenas mobiliza a ação narrada.

O livro se estrutura de modo dinâmico, no qual pelo menos duas histórias são contadas, e o leitor – sem que perceba – vai se tornando parte da estrutura do romance; pois, assim como Marcos, ele também tem acesso ao conteúdo das cartas, sendo convocado a se reposicionar frente ao enigma das correspondências e das surpresas de uma relação tecida pela escrita e marcada pelo desencontro. O amor-escrita é forjado em diversos níveis: uma escrita sempre incompleta, que chega ao seu destinatário mesmo que, aparentemente, de forma equivocada; uma hipotética relação entre A. e o ex-amante, cujo desencontro ocorria desde a comunicação até o ato sexual; a transformação operada pelas cartas sobre o cotidiano de Marcos, a insistência, sempre renovada, de um encontro que nunca acontece, e o derradeiro desencontro, dessa vez com o antigo locatário, em que Marcos é levado a reconhecer o contrassenso que está vivendo – agora na posição de amante, marcado pela falta.

A impossibilidade de um encontro é o que a personagem A. não cessa de denunciar em seus relatos:

Mas agora penso, talvez esteja justamente nessa contradição, nesse espaço entre o que afirmo e o que nego, entre o teu sofrimento e a tua crueldade, entre o meu sofrimento e a minha crueldade, entre o meu corpo e o teu, justamente nessa incoerência a única forma de comunicação. Não será esse hiato, esse intervalo, o único lugar possível para o nosso encontro? (SAAVEDRA, 2008, p. 100).

A situação produzida por A. configura-se como um jogo enigmático em que as palavras são aliadas da personagem, sendo por meio delas que brinca e seduz o leitor, até que ele finalmente cai em sua armadilha desejante:

Escrevo para que você me leia. Simples assim. Para que você me leia e pense que há algo surpreendentemente belo em mim, algo que você não viu, algo que passou por nós despercebido. Então, para ser ainda mais clara, é possível?: para que você *me leia e ame* (SAAVEDRA, 2008, p. 42, grifo nosso).

Nesse ponto, intui-se que a intenção da personagem não era escrever para ser amada, mas para fazer de seu leitor um amante que, não necessariamente, a tomaria como objeto de amor. Pressupõe-se, então, que o intento de A. era revelar a falta no Outro (leitor) por meio de uma demanda intransitiva e incondicional, para que

do lado dele se produzisse o desejo e, talvez, o amor – contudo, esta ação é pautada por um desencontro que ela marca desde a primeira carta.

No decorrer da narrativa, é possível acompanhar a transformação do modo como A. se apresenta, bem como da intencionalidade das cartas (CALAS, 2007). Se no início a vemos como uma mulher que sofre e se utiliza da escrita para evocar, obstinadamente, os últimos momentos da relação, no final verifica-se que ela escreve, de forma planejada, para que se estenda entre eles um atalho, dando mostras do jogo que faz com seu leitor a partir de um “[...] glossário de pequenas seduções” (SAAVEDRA, 2008, p. 151). Desse modo, Marcos tem, enfim, a possibilidade de desconfiar da veracidade do que lhe é contado:

Talvez você pense isso, que eu seria capaz de construir as mais variadas tramas, as mais complexas teorias, e até um leitor para estas cartas, não seria? Um personagem que recebesse estas cartas em teu lugar (SAAVEDRA, 2008, p. 92-93).

E mais adiante:

Já te falei disso? Dessa outra história, desse personagem que inventei, esse personagem que tem uma vida tão diferente da tua, alguém que recebe por engano este texto destinado a você, abre as suas páginas por descuido ou por curiosidade, e, sem perceber pouco a pouco, se encanta e se transforma. Alguém tão diferente, mas que me lê como eu gostaria que você me lesse (SAAVEDRA, 2008, p. 148-149).

Uma modificação também é identificada em Marcos. Inicialmente ele nos é descrito como um homem em meio a caixas de mudança, profissionalmente “nem dinâmico, nem bem relacionado” (SAAVEDRA, 2008, p. 37) e constantemente angustiado pelo enigma das mulheres com quem convivia. Saavedra (2008) nos sinaliza: “A mãe e a filha depois se encontrariam com a avó. Uma espécie de clã feminino, de linhagem matriarcal, um vínculo que as unia e as tornava enigmáticas, inacessíveis, ele ali, para sempre excluído desse pacto” (p. 37).

Todavia, a chegada das cartas rompe o mundo previsível e organizado do personagem, colocando-lhe diante de outra perspectiva do feminino. As cartas, que também lhe apresentavam um enigma, não eram excludentes como as mulheres. As cartas passam, então, a ter o estatuto de estrangeiro, fazendo de Marcos cúmplice dos relatos que abrigam – um pacto que se renova a cada missiva. Sua leitura promove um descentramento, e, a partir dos efeitos provocados, Marcos é confrontado com as insígnias de seu desejo.

A aposta de Saavedra no gênero epistolar (ABES, 2015; CALAS, 2007; MUHANA, 2000), que parecia declinar na contemporaneidade frente aos avanços da internet, permite-nos conceber A. como uma personagem aparentemente presa ao passado – não por acaso ela utiliza o recurso das cartas e a escrita incessante da expressão “Você lembra?” –, que faz uma revisão obsessiva das últimas horas de um amor permeado de desejos, ilusão, perversão e violência. Para a personagem, o uso das cartas, além de seu caráter romântico, marca uma concretude, ocupa um lugar físico, real, ao contrário da natureza abstrata e descartável do e-mail; e propõe que, uma vez diante delas, é necessário posicionar-se. Aos poucos, o tom confessional das cartas cede lugar a uma reconstrução narrativa que permite à personagem uma ressemantização de seu *pathos* amoroso.

Em “Flores Azuis”, a autora oferece um tipo de revestimento contemporâneo ao gênero epistolar interessante na Literatura. Acerca deste gênero, Muhana (2000) escreve que “a epístola tem um lugar destacado entre os gêneros em prosa da Antiguidade” (p. 329), e que a carta, por sua vez, é um gênero marcadamente cortesão, que apresenta algo de ordem informativa ou subjetiva do escritor para alguém. A autora (SAAVEDRA, 2010b) também afirma que esse gênero se caracteriza por uma “fala ausente, para ausentes, de ausentes, [sendo] apenas pela escolha e combinação das palavras que o escritor mostrará ao leitor o seu pensamento sobre as coisas” (p. 331). Essa característica é revelada na narrativa de Saavedra quando a personagem, ao descrever uma cena, menciona: “E, como sou eu que escrevo, sou eu que escolho e te digo como foi, e foi assim...” (SAAVEDRA, 2008, p. 12).

Costa (2012) ressalta que, ao escolher um discurso sob a forma de carta de amor, Saavedra faz uma homenagem ao gênero epistolar ao mesmo tempo em que subverte sua estrutura, posto que alguns formatos de carta pessoal pressupõem o retorno do leitor. A ausência de resposta corresponde a um silêncio que pode transformar a carta em um insensato monólogo. É justamente o que acontece em “Flores Azuis”, em que a protagonista emite nove cartas relatando cenas do dia da separação, com um intenso caráter de intimidade e revelação, mas não abre possibilidade para a resposta do leitor, o que não deixa de engendrar efeitos nele, uma vez que Marcos se transformou em testemunha do relato. Somado a isso, ainda existe o fato de que as cartas foram, supostamente, extraviadas. Ou seja, temos um leitor inesperado de posse das cartas de outrem, profundamente afetado pelo

conteúdo das correspondências e que não tem a possibilidade de respondê-las. Se a narradora subverte a estrutura básica da carta pessoal, cabe a pergunta: para quem as cartas foram escritas? O que se espera delas? E que lugar é atribuído pela remetente ao leitor dessas cartas?

A estrutura das missivas possibilitou a criação de um espaço de intimidade entre A. e Marcos no qual ela interroga e supõe constantemente as reações, os pensamentos e os sentimentos de seu leitor, enlaçando-o através da escrita de um sofrimento que lhe soa, ao mesmo tempo, penoso e sedutor. Diante de um novo mundo que se abria, única e exclusivamente através das palavras, Marcos não resistiu e se entregou aos mistérios de uma desconhecida, que passou a compor seus dias e que questionava:

Meu querido, passei o dia pensando, a carta que te escrevi ontem, a tua reação. Será que você leu? Inquieto, abrindo o envelope ainda no elevador, ou que você jogou fora, antes mesmo de chegar em casa, o envelope intacto, ou será que você rasgou, os pedaços na lata de lixo do corredor, junto com outros papeis, anúncios, rascunhos, jornais, tudo o que ninguém quis, ou será que você apenas deixou o envelope fechado em cima da mesa, o dia que segue e o envelope em cima da mesa, mudo. Passei o dia pensando. E, se você realmente leu, chegou em casa, abriu o envelope e leu, o que terá acontecido? Será que você me ouviu? Será que você compreendeu? Será que nos aproximou? [...] terá havido algo capaz de te prender? (SAAVEDRA, 2008, p. 25-26).

Diante do exposto, vemos que a carta de amor possui um lugar de destaque tanto na Literatura quanto na Psicanálise. As Cartas Portuguesas atribuídas a Mariana Alcoforado (ALCOFORADO, 1993), ou as de Diderot a Sophie Volland (DIDEROT, 1984), ainda constituem motes para discussões. Allouch (2010) destaca ainda “as correspondências de Sand-Musset, Joyce-Nora, Nin-Miller etc.” (p. 307).

A partir da Psicanálise, Allouch (2010) discorre sobre a carta e sua potência, ressaltando o percurso da carta e os caminhos tortuosos que percorre para chegar ao destino. Mas qual destino? Quais as funções de uma carta, em termos subjetivos? Um lugar de onde se fala, para quem se fala e o que se fala...Importante, fala-se a um outro pela escrita, pela letra, pelo traço. Allouch (2010) chega a considerar a carta como “metonímia do corpo do amante” (p. 308), uma vez que ela surge no momento em que não se pode estar presente junto ao amado.

Miller (2010) constrói uma argumentação semelhante, indicando que a fala de amor ocorre em uma presença, enquanto as cartas surgem na ausência do objeto, reportando-se a algo que foi perdido. Dupim e Besset (2011) complementam que, na

ausência do amado, as cartas cumprem a função de sustentar o amor; e é sobre o amor em “Flores Azuis” que o próximo tópico se organiza.

AMOR EM FLORES AZUIS

O amor foi concebido por Freud (1921) como o elemento básico e constituinte do laço social, que, ao favorecer a “mudança do egoísmo para o altruísmo” (p. 90), possibilitou a passagem da barbárie para o estado civilizatório. Afinal, o gozo, ao contrário do amor, permite poucos investimentos libidinais e favorece a vaidade. Com isso, o fundador da Psicanálise percebe que o amor é o que mantém o eu ligado a um objeto, sendo este fenômeno presente em todo tipo de relação, seja ela sensual, parental, ou até mesmo de massa.

Dois discursos sobre o amor que exercem influência sobre os escritos psicanalíticos são o discurso de Ágaton e o mito de Aristófanes. O primeiro deslinda a relação entre amor, desejo e falta; o segundo, por sua vez, trata das ideias de completude e falta. O discurso de Ágaton expressa que o amor vive através do desejo, e que este só existe porque algo falta; o mito de Aristófanes, por sua vez, busca “uma explicação para o amor diante da eterna busca pela outra metade” (SOUZA, 2013, p. 81).

Essencialmente, esse mito descreve um tempo em que os homens eram redondos e unidos, pelo corpo, ao seu par. Um dia, eles resolveram subir ao Olimpo para atacar os deuses, mas acabaram por desafiar a ira de Zeus, que lhes lançou um raio, partindo-os ao meio. Cada parte, então, iniciou uma busca incessante pela sua metade, e quando a encontravam, abraçavam-na até a morte. Como Aristófanes nos diz, “é daí que se origina o amor que as criaturas sentem umas pelas outras; e esse amor tende a recompor a antiga natureza, procurando de dois fazer um só, e assim restaurar a antiga perfeição” (PLATÃO, 2011, p. 122). Essa suposta fusão reaparecerá na hipótese freudiana (FREUD, 1914) de que o humano empreenderia, através do amor, um movimento de restauração do narcisismo primário, o que supostamente anularia o efeito da castração e cessaria, de uma vez por todas, qualquer mal-estar oriundo do (des)encontro humano.

De acordo com Ferreira (2004, 2005), os sujeitos amam conforme sua posição subjetiva diante da castração, buscando, com o amor, a resposta para os enigmas da existência. O autor acrescenta que a cena amorosa coloca em atuação dois lugares: o do amante e o do amado, sendo que

[...] aquele sobre o qual se abate a experiência de que alguma coisa falta, mesmo não sabendo o que é, ocupa o lugar de amante. Aquele que, mesmo não sabendo o que tem, sabe que tem alguma coisa que o torna especial, ocupa o lugar de amado (FERREIRA, 2004, p. 10).

Leite (2005) enfatiza que a observação realizada por Freud (1929[1930]) é a de que “o amor tende a funcionar como modelo de busca da felicidade, [reconhecendo] sua natureza ilusória no sentido de consolar e tornar tolerável o mal-estar próprio do desejo humano” (LEITE, 2005, p. 131). Em contrapartida, Menezes e Barros (2008) revelam que, apesar de o amor funcionar como um dos principais recursos utilizados pelo homem na busca pela felicidade, ele é, também, fonte de intenso sofrimento e frustração, acrescentando que grande parcela dos desencontros amorosos na atualidade relaciona-se aos resquícios de ideais românticos, nos quais o amor é valorizado, enaltecido e concebido como uma busca pela unidade absoluta entre os amantes. Lejarraga (2002) corrobora essa visão afirmando que, embora o ideal romântico permaneça como um ideal decadente na pós-modernidade, ele ainda é fonte de mal-estar para aqueles que não conseguem atingi-lo. Maurano (2006), por sua vez, acrescenta que vivemos na chamada “Era da Libido”, em que esperamos que o amor e a sexualidade resolvam os impasses de nossas vidas. Contudo, desconhecemos que a falta e, portanto, o mal-estar, encontram-se no âmago da questão amorosa.

As afirmações de Costa (2002) e Lejarraga (2002) encontram fundamento tanto na clínica quanto na Literatura. “Flores Azuis”, obra escolhida para este trabalho, é um exemplo da Literatura contemporânea que adota personagens que sugerem agir sob a influência de um ideal de amor romântico, fazendo do amor uma promessa de união perfeita e felicidade, e sofrendo um verdadeiro dilaceramento quando a relação se desfaz. Como a personagem A., que se interroga sobre o momento da separação:

Como a gente chama alguém que foi embora? Alguém que está longe, alguém que não está? [...] como a gente trata com distanciamento alguém que acabou de estar tão perto, ao meu lado, há pouco deitado ao meu lado na minha cama, onde todo dia, todas as noites, algo tão íntimo como dividir a cama e os lençóis da cama quando o dia amanhece e os lençóis ficam lá, abertos, escancarados, com suas manchas e noites impregnada. Como alguém sai da cama da gente para a formalidade? (SAAVEDRA, 2008, p. 8).

E Marcos, provocado pelas cartas, relembra e questiona o fim de seu casamento:

Ele ficou olhando, tentando entender, como era possível, como era possível que as coisas acabassem assim, de um momento para o outro?, afinal,

tinham uma casa, uma vida, uma filha. Mas a mulher não se deixava intimidar, olhava-o com desprezo, acusando-o de algum deslize irreparável, e era ele quem deveria sair. Então era assim, de um dia para o outro, a mulher decidia que acabou e era ele quem deveria sair, largar tudo, procurar um lugar para morar, o mais rápido possível, ela exigia andando pela sala. Aquela mesma mulher que pouco tempo antes dizia que o amava, não dizia? (SAAVEDRA, 2008, p. 52).

A noção freudiana de que o amor está intimamente ligado à idealização é expressa em “Psicologia das massas e análise do eu” (FREUD, 1921). O autor afirma que, no amor, o objeto costuma ser tomado como fonte de todo o bem, o que pode provocar uma submissão neurótica por haver supervalorização do objeto amado em detrimento do eu. Já para Lacan, há uma distinção do amor como paixão imaginária e em sua face simbólica. De acordo com Novelli et al. (2017), essa distinção revela que, no amor-paixão, o que temos é o Imaginário exercendo sua função, gerando enganos e ilusões e buscando complementaridade. Constitui-se em um apaixonamento que se opera no plano narcísico e é espelhado pelo eu-ideal: “[...] fascinante e arrebatador, funcionaria como primeira captura do ser que ama” (NOVELLI et al., 2017, p. 32). Contrariamente ao amor-paixão, o amor como dom ativo se constitui no Simbólico. Por considerar a falta de harmonia entre o amado e o amante, ele ultrapassa o eu-ideal e a mera captura do outro como objeto imaginário, visando ao ser.

Em “Flores Azuis”, temos um amor vivido sob a perspectiva do amor-paixão, conforme descrito pela personagem A.:

O amor só deveria ser isso, um arrebatamento, um enlevo, e um corpo desfazendo-se numa impossível simetria, você pensava, o amor só poderia ser isso, essa conquista, essa captura, pois agora tudo meu era teu, a minha espera, o meu receio, e toda alegria e todo assombro, e até as palavras que eu não disse eram tuas, e você pensando que isso deveria ser o amor, quando se perde o medo, e nada mais te fere, e nada mais te escapa, agora que você era capaz de tudo, agora que minha desordem te envolvia e te enlaçava (SAAVEDRA, 2008, p. 136).

A noção de idealização ligada a uma submissão neurótica é apresentada na narrativa de Saavedra sobretudo através da personagem A., posto que ela revela uma diluição da fronteira entre amor e gozo, dando vazão a atos de violência. À medida que a trama se desenvolve, os detalhes sobre a agressividade na relação tornam-se cada vez mais refinados: “[...] depois do inferno você me estendia a mão, e tudo estava bem novamente. E era uma felicidade desesperada” (SAAVEDRA, 2008, p. 80); “Era necessário o ódio para que a violência extrema se consumasse, e para que,

enfim, se consumasse o amor" (p. 111-112); "[...] o meu pescoço, que você poderia apertar, se quisesse, e a outra mão, que você poderia abrir, se quisesse, e o meu silêncio, que você poderia prolongar, se quisesse, e as lágrimas que você poderia prolongar, e você queria" (p. 135-136).

Souza (2013) explica que

[...] a busca pelo objeto de amor constitui, invariavelmente, uma tentativa do sujeito em restabelecer uma relação primitiva, onde prevalece uma ilusão imaginária de onipotência e completude, em detrimento do estado de desamparo e finitude que é inerente ao processo de hominização (SOUZA, 2013, p. 93).

O narcisismo primário corresponde a uma etapa inicial do desenvolvimento do eu, sendo constituído a partir do investimento narcísico dos pais e correspondendo a um eu onipotente e pleno. Aqui, o sujeito se encontra identificado ao ideal narcísico e elege a si próprio como objeto de amor. Em um momento posterior, ao entrar em contato com situações externas desprazerosas, o eu é obrigado a abandonar o estado autoerótico e ir ao encontro dos objetos. Essa fase é caracterizada como narcisismo secundário. A libido, que antes se concentrava no eu, agora se desloca para os objetos, e, dependendo da intensidade com que é feito esse deslocamento, pode-se produzir uma idealização que culminará em submissão neurótica (FREUD, 1914).

Acerca da idealização, Freud (1921), lembrado por Lejarraga (2002), indica que ela se refere ao abandono da capacidade crítica, fazendo com que o amante atribua ao objeto valorações muitas vezes inexistentes, mas que lhe permitirão, imaginariamente, a reedição de um estado de plena felicidade. No apaixonamento romântico, a idealização exerce a tentativa de recuperação de um estado perdido. Lacan (1960[1961]) afirma que todo esse movimento tem como base a crença de que, através do amor, o amado dará ao amante aquilo que lhe falta. O que os enamorados não consideram é que o que falta ao amado é justamente aquilo que também falta ao amante, e que a perda de uma parte de si é o preço que eles pagam para entrar na linguagem. Esse movimento pode ser visualizado no momento em que a personagem A. revela em carta que nada "que eu te desse poderia ser teu sem que eu o tirasse de mim, e sem que visivelmente me faltasse. E, por outro lado, nada que eu arrancasse de mim poderia deixar de ser teu" (SAAVEDRA, 2008, p. 110).

Em Psicanálise, essa perda recebe o nome de castração. Para que possamos entrar no mundo da linguagem, é preciso que alguma coisa se perca. Jorge (2010)

afirma que essa coisa atende pelo nome de gozo, e que a criança só abre mão dele “por temor de perder o amor dos pais” (p. 59). Isso ocorre devido à operação de castração que, através do significante Nome-do-Pai, retira a criança de um estado de alienação e a impossibilita de ser o falo da mãe. Dessa forma, os impulsos sexuais outrora dirigidos aos pais sucumbem à ação do recalçamento e se transformam em “impulsos de meta inibida” (FREUD, 1921, p. 104), qualificados, agora, como ternos.

O recalçamento é um mecanismo de defesa que elimina partes inteiras da vida afetiva e possibilita que, sobre as lacunas de memória, a fantasia atue na condição de realidade psíquica neurótica. De acordo com Jorge (2010), a fantasia possui uma relação de dependência com o desejo e é responsável por fixar o sujeito “numa certa relação estável com o objeto” (p. 78). Isso faz com que ela atue como uma prisão, onde o sujeito se encontra confortavelmente rodeado por objetos familiares, em uma espécie de “tranquilidade que beira a inércia” (JORGE, 2010, p. 79), impelindo o sujeito a repetir, incessantemente, um determinado modo de relação que faz com que ele se depare sempre com o mesmo destino. A estrutura interna da fantasia, por sua vez, é marcada pela dialética entre amor e gozo, apontando para algo que ultrapassa as dimensões simbólica e imaginária e coloca em cena a questão do objeto.

Souza (2013) destaca que a castração é o efeito da inserção do sujeito na linguagem, sendo esta uma estrutura de exterioridade inaugurada no campo do Outro e composta por redes de significantes que permitem a inscrição da singularidade. Após a divisão subjetiva, o sujeito é convocado a assumir uma posição em relação à castração e aos enigmas existenciais, caracterizados principalmente por origem, sexo e morte. A forma que cada sujeito encontrará para responder à sua falta irá projetá-lo em uma determinada relação com o desejo, além de empenhá-lo na busca por outros referenciais de sustentação fálica. Acerca da marca que a castração instaura na vida relacional dos sujeitos, Souza (2013) assinala:

[...] o sujeito visa, a partir de sua divisão subjetiva, fazer surgir no Outro aquela parte de si mesmo que ele considera que perdeu. O Outro, como aquele que introduz o significante, é a causa da perda. No entanto, é também no Outro que o sujeito busca sua parte perdida através do amor. Para ele [Lacan] o objeto amoroso aparece no lugar daquilo que se perde enquanto substituto (SOUZA, 2013, p. 112).

E, ainda, que:

Buscando restaurar, através do objeto amado a fenda que lhe foi inscrita pela metáfora paterna, esse objeto amado, sucessor do objeto materno primitivo, torna-se indispensável para o sujeito, se estabelecendo uma relação de dependência a ele. A quem está no lugar de o objeto amado só resta satisfazer o pedido do sujeito para ser amado. O amor como paixão imaginária [ao lado do ódio e da ignorância] não aceita a falta, a ruptura, a separação. Ele quer suturá-lo a qualquer custo. Ao amante cabem todas as súplicas, pedidos e dores, absolutamente sem limites (SOUZA, 2013, p. 113).

Em Freud, o amor se relaciona a uma nostalgia do objeto, sendo, desta forma, o reencontro de um objeto de amor originário: a mãe. A forma que os sujeitos têm de amar, portanto, possui relação com a sua história singular e familiar, “uma vez que a maneira pela qual ele foi amado fica registrado como matriz no psiquismo” (BARROS, 2014, p. 33). Em Lacan (1972[1973]), essa temática é abordada por um outro viés: o amor é considerado como algo que faria uma suplência à inexistência da relação sexual, e ele teria a pretensão de colocar um objeto imaginário ali onde há uma falha irreduzível. A perda do objeto amado remeteria, portanto, a um estado de desamparo, podendo fazer da separação algo demasiadamente angustiante. Se o amor-paixão é vivido como uma “denegação do real, uma recusa da castração que visa a sustentar a promessa de felicidade” (BARROS, 2014, p. 41) – e, portanto, visa a uma captura do outro como objeto –, na ocasião de um desenlace a perda do amor poderia ser vivida como equivalente à castração. E ali onde reinava o encantamento e o arrebatamento, passa a predominar a dor e o clamor: “amor, nem tão demasiadamente humano nem demasiadamente desumano” (TAKEUTI, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romantismo amoroso foi e continua sendo uma das principais marcas da cultura ocidental; não obstante, esse ideal vem resistindo à mudança na atualidade, exigindo um direito à eternidade quando as condições para a sua permanência foram radicalmente alteradas. Diante desse quadro, questiona-se como é possível que um ideal de amor romântico insista e sobreviva em nossa cultura, apesar das acentuadas mudanças sociais, da influência do capitalismo e da valorização da chamada cultura narcísica. Que função ele exerce para que continuemos desejando mantê-lo como ideal de felicidade?

A interrogação que fazemos sobre o lugar que ocupamos no desejo do Outro tem fortes incidências na subjetividade feminina, uma vez que tanto o amor quanto o desejo se originam na falta. Porém, como a mulher é marcada por uma ausência, a falta funciona como um agente que a leva a criar para si uma identidade feminina.

Então, o amor entrará em cena como uma das formas de recobrir a falta-a-ser da mulher. Por conseguinte, vemos que o amor tem um valor fálico para a mulher. Mais do que ao parceiro, as mulheres amam o amor. Se o amor as identifica como mulher, a consequência disso é que no rompimento de uma relação, ao perder o amor, as mulheres perdem a elas mesmas.

A partir da discussão tecida, foi possível identificar que a narrativa epistolar de “Flores Azuis” dialoga com o romantismo, apresentando-nos o relato de um amor-paixão vivido na contemporaneidade, ainda sob forte influência do ideal de amor romântico, que é narrado a partir da dor de um desenlace. Nessa narrativa, a personagem interroga a si e ao leitor sobre o que acontece depois do fim de um amor que não acabou para ela. O movimento de retorno empreendido por A. às cenas do último dia, reafirmando incessantemente a dor da castração, sugere que, além de ser uma tentativa de construir um sentido em torno daquele fim, também se revela uma forma de testemunhar que aquele amor, apesar de ser vivido sob a forma de violência e submissão, era sua referência de felicidade. Nas palavras da própria personagem, “Era uma felicidade desesperada” (SAAVEDRA, 2008, p. 43). Ressalta-se, também, o fato de que, durante toda a história, elementos tais como palavras e cenas retornam, seja nas cartas ou nos capítulos, marcando uma lógica insistente e repetitiva.

A estrutura do livro nos permite uma reflexão sobre como a suposta perda do objeto amado incide na subjetividade da personagem A.; sobre como a dor da perda mobiliza sua escrita; e sobre as grandes repercussões dessa escrita na subjetividade do leitor Marcos. Consequentemente, foi possível identificar que a saída encontrada por A., além de abrir uma possibilidade de elaboração do *pathos* amoroso através da escrita, também criou condições para o estabelecimento virtual de uma nova relação entre ela e o seu inesperado leitor – favorecida, sobretudo, pela frequente suposição que ela faz acerca do que o leitor está pensando. Nesse sentido, reconhece-se uma mudança de posicionamento e intenção entre a primeira e a última carta do livro, nas quais a personagem vai da tentativa de despertar o amor do outro através da escrita reiterada do seu sofrimento, até a interrogação desse amor, sem o pedido de retorno do amado, mas tendo como consequência o enlaçamento de seu leitor, agora sob efeito do conteúdo das cartas e do amor, não apenas da personagem, mas dele também.

Verificamos, portanto, que nesse contexto é a castração que mobiliza toda a ação da remetente, ressoando e criando condições para o surgimento do amor do lado do destinatário, igualmente faltoso. Ou seja, são personagens que amam porque são castrados, utilizam-se do amor para tamponar a castração e, no mesmo passo, sofrem a reafirmação desse corte através do amor. Dessa forma, ambos acabam reafirmando o inevitável desencontro presente em toda relação amorosa.

A potência da Literatura para fazer trabalhar o sujeito e suas vicissitudes na contemporaneidade é ratificada, neste texto, pela vocação da Psicanálise em extensão. Testemunhas do (des)encontro são as personagens construídas na ficção potente de Saavedra. Sendo o desencontro sinônimo de logro, ilusão, engano, sobre o amor, talvez, possa-se somente proferir notas, pontuações.

REFERÊNCIAS

- ABES, G. J. *As veredas do gênero epistolar: História e fortuna da correspondência de Baudelaire*. *Lettres Françaises*, v. 1, p. 45-63, 2015.
- ALCOFORADO, M. [Atribuído]. *Cartas Portuguesas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.
- ALLOUCH, J. *O amor Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Mobilidades culturais, geografias afetivas: espaço urbano e gênero na literatura contemporânea. In: DALCASTAGNE, Regina; LEAL, Virginia M. Vasconcelos (org.). *Espaços e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015.
- ARAGÃO, M. F. G. *Ruídos de afeto: Projeções de memória em “Paisagem com Dromedário”, de Carola Saavedra*. *Cadernos CNLF*, v. 15, n. 5, p. 2.488-2.496, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_3/213.pdf. Acesso em: 10 abr 2015.
- _____. *À terceira margem, a terceira imagem: Os afetos triangulares nas narrativas de Carola Saavedra*. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 40, p. 151-158, 2012.
- ARAÚJO, A. S. *Brincando com Babuskas: A metaficção em “Flores Azuis” e “O Inventário das Coisas Ausentes”, de Carola Saavedra*. 2015. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de São João Del-Rei, Belo Horizonte, 2015.
- BLOOM, H. *O cânone ocidental: Os livros e a escola do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.
- BARROS, E. L. S. *Floribela Espanca: Laços de amor e dor*. Rio de Janeiro: Conta Capa, 2014.
- CALAS, F. *Le roman épistolaire*. Paris: Armand Colin, 2007.
- COSTA, J. F. *Sem fraude nem favor: Estudos sobre amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *As práticas amorosas na contemporaneidade*. *Psychê*, v. 3, n. 3, p. 1-7, 1999.
- _____. Prefácio. In: LEJARRAGA, A. L. L. *Paixão e ternura: Um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- COSTA, V. *As formas de amor*. *Jornal Rascunho*, Curitiba, 10 mar. 2012. Folha Ensaios e Resenhas, Caderno 9, p. 17.
- DIDEROT, D. *Lettres à Sophie Volland*. Paris: Gallimard, 1984.
- DUPIM, G.; BESSET, V. L. *Devastação: Um nome para a dor de amor*. *Opção Lacaniana Online*, v. 2, n. 6, p. 1-6, 2011. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Devastacao_Um_nome_para_dor_de_amor.pdf. Acesso em: 16 mar 2019.
- FERREIRA, N. P. *A teoria do amor na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Amor, ódio e ignorância: Literatura e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos & Corpo Freudiano RJ, 2005.

FISCHER, L. A. *Letras en números: Algunas evidencias cuantitativas de la actual literatura brasileña. Literatura: Teoría, historia e crítica*, v. 16, n. 1, p. 219-229, 2014.

FREUD, S. (1907[1906]). Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. IX). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1912). A dinâmica da transferência. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XII). Rio de Janeiro: Imago, 1978.

_____. (1914). Introdução ao narcisismo. In: _____. *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e Outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1915). Observações sobre o amor transferencial. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XII). Rio de Janeiro: Imago, 1978.

_____. (1921). *Psicologia das massas e análise do eu*. Porto Alegre: L&MP, 2013.

_____. (1929[1930]). Mal-estar na civilização. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GENS, R. *Ficção de autoria feminina contemporânea: Indicações no Brasil. Fórum Identidades*, v. 13, n. 7, p. 35-43, 2013.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: A clínica da fantasia* (v. II). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

KLINGER, Diana. “Carola Saavedra: da (im)possibilidade de alcançar o outro”. In *O futuro pelo retrovisor*. Org CHIARELLI, Stefania et al. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LACAN, J. (1954-1955) *O seminário – livro 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. (1960-1961) *O seminário – livro 8 – A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. (1972-1973) *O seminário – livro 20 – Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LEITE, J. C. T. *Dimensões do amor*. *Ágora*, v. 8, n. 1, p. 130-133, 2005.

LEJARRAGA, A. L. L. *Paixão e ternura: Um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LO BIANCO, A. C. *Freud: Entre o movimento romântico e o pensamento científico do século XIX*. *Psychê*, v. 6, n. 10, p. 149-160, 2002.

MANGO, E. G.; PONTALLIS, J.-B. *Freud com os escritores*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

MAURANO, D. *A transferência: Uma viagem rumo ao continente negro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MEZAN, R. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Viena e as origens da Psicanálise. In: PERESTRELLO, M. (Org.) *A formação cultural de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MENESES, A. B. *Do poder da palavra: Ensaio de Literatura e Psicanálise*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

MENEZES, J. E. X; BARROS, M. J. S. *Ressonâncias do romantismo no discurso freudiano sobre o amor*. *Estudos de Psicanálise*, n. 31, p. 77-86, 2008.

MILLER, J. A. *Uma conversa sobre o amor*. *Opção Lacaniana*, v. 1, n. 2, p. 1-32, 2010. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Uma_conversa_sobre_o_amor.pdf. Acesso em: 3 abr 2019.

MUHANA, A. F. *O gênero epistolar: Diálogo per absentiam*. *Discursos*, n. 31, p. 329-345, 2000.

NOVELLI, A. B. et al. *Do amor imaginário ao amor simbólico: Um percurso da transferência*. *Reverso*, v. 39, n. 73, p. 27-34, 2017.

PLATÃO (380 a.C.) *O Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2011.

ROUANET, S. P. Filósofos e escritores alemães. In: PERESTRELLO, M. (Org) *A formação cultural de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Os dez amigos de Freud*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

- SAAVEDRA, C. *Do lado de fora*. São Paulo: 7 Letras, 2005.
- _____. *Toda Terça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *Flores Azuis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Paisagem com Dromedário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.
- _____. *Paiol Literário – Entrevista a Rogério Pereira*. Curitiba, 2010b. Disponível em: <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/carola-saavedra/>. Acesso em: 4 abr 2019.
- _____. *A esfinge diante do próprio enigma*. *Jornal Rascunho*, Curitiba, 10 mar. 2012. Folha Intercâmbios Ficcionalis, Caderno 10, p. 19.
- _____. *O Inventário das Coisas Ausentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. *Com Armas Sonolentas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SILVA, J. M. *A separação interminável*. *Jornal Expresso*, Lisboa, 3 jul. 2010. Folha Atualidades, Caderno 3, p. 6.
- SOUZA, L. M. S. *Amor e submissão: Sofrimento psíquico vivido pelos homens nas relações amorosas*. 2013. 173f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2013.
- TAKEUTI, N. *Amor, nem tão demasiadamente humano nem demasiadamente desumano*. *Princípios*, v. 22, n. 38, p. 63-86, 2015.
- TEIXEIRA, L. C. *Eros adormecido: Violência e laço social na interface entre Literatura e Psicanálise*. 2001. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- _____. *O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud*. *Psychê*, v. 9, n. 16, p. 115-132, 2005.

(UN) ENCOUNTER WITNESSES: PSYCHOANALYTIC NOTES ON LOVE IN “BLUE FLOWERS”, BY CAROLA SAAVEDRA

ABSTRACT

This article aims to discuss love in Carola Saavedra's literary work *Flores Azuis*, linking it to the psychoanalytic category of love from Freud and Lacan. The dialogue between Literature and Psychoanalysis aims at apprehending the subjective experience of love and its possible unfolding in the figure of a suffering arising from the love outcome. The mode of love-passion (*Verliebtheit*) was privileged, in which one seeks fullness from a denial of castration. The relations between literature and psychoanalysis are thematized, as well as the contextualization of Carola Saavedra's work in the contemporary literature scenario, in which epistolary and love are emphasized. The loss of the beloved object, by referring to the state of helplessness, reaffirms, in a strong way and through love itself, what the characters sought to deny by loving: the castration of themselves and the Other.

KEYWORDS: Literature. Psychoanalysis. Love. Carola Saavedra.

TÉMOINS D'UNE (NON) RENCONTRE: NOTES PSYCHANALYTIQUES SUR L'AMOUR DANS LES "FLEURS BLEUES" DE CAROLA SAAVEDRA

RÉSUMÉ

Cet article a pour but de discuter de l'amour dans l'œuvre littéraire de Carola Saavedra, «Fleurs bleues», en l'articulant avec la catégorie psychanalytique de l'amour de Freud et de Lacan. Le dialogue entre littérature et psychanalyse vise à saisir l'expérience subjective de l'amour et son déroulement possible dans la figure d'une souffrance découlant du résultat de l'amour. Le mode de l'amour-passion (Verliebtheit) a été privilégié, dans lequel on cherche la plénitude d'un déni de castration. Les relations entre littérature et psychanalyse sont thématiques, de même que la contextualisation de l'œuvre de Carola Saavedra dans le scénario de la littérature contemporaine, dans lequel l'accent est mis sur l'épistolaire et l'amour. La perte de l'objet aimé, en se référant à l'état d'impuissance, réaffirme de manière forte et à travers l'amour même ce que les personnages cherchaient à nier en aimant: la castration d'eux-mêmes et de l'Autre.

MOTS-CLÉS: littérature. Psychanalyse. L'amour. Carola Saavedra.

RECEBIDO EM 04/11/2019
APROVADO EM 22/06/2020

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

ABISMOS INOMINÁVEIS E NOVAÇÃO: QUESTÕES SOBRE O FINAL DE ANÁLISE¹

Sonia Leite²

RESUMO

Freud em "Análise terminável e interminável" indica que ao final de uma análise encontra-se um *rochedo*, o insuperável rochedo da castração, tanto para as mulheres como para os homens. Lacan, por sua vez, fala da presença de uma *pedra* no caminho em direção ao final da análise, encontro do real que, ao contrário de Freud, considera passível de ser transposto. A travessia da fantasia supõe, assim, o embaraço diante da crueza de algo que se apresenta como intransponível. Encontro com o inominável que comporta duas facetas: por um lado, o silenciamento do sujeito, diante do traumático e, por outro, aquilo que, incitando o ultrapassamento do plano das identificações, permite o aparecimento de um sentido novo, de uma *novação*. Uma *nova-ação* que afirma um paradoxo que demanda a invenção ao final de cada experiência analítica e que compromete o sujeito com a transmissão daquilo que é essencial à psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: final de análise; real; desejo do analista; perda-de-si; dessubjetivação

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro Nacional e VII Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise que ocorreu em São Luis, em 2017, e cujo tema foi *Uma janela para o Real: a fantasia na psicanálise*.

² Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica PUC/RIO. Editora responsável da Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental e da Seção Arte, Literatura e Cultura da mesma revista. Coordenadora de Ensino do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção RJ. E-mail: soniacleite@uol.com.br.

“O que é vertigem? Medo de cair? Mas porque temos vertigem num mirante cercado por uma balaustra sólida? Vertigem não é o medo de cair, é outra coisa. É a voz do vazio de baixo de nós, que nos atrai e nos envolve, é o desejo da queda do qual nos defendemos aterrorizados.” (M. Kundera, 2008)

"Nessa reviravolta em que o sujeito vê soçobrar a segurança que extraia da fantasia em que se constitui, para cada um, sua janela para o real, o que se percebe é que a apreensão do desejo não é outra senão a de um des-ser." (Lacan, 1967)

Freud, no artigo de 1937, “Análise terminável e interminável”, levanta algumas importantes indagações: *Existe um término natural para cada análise? É possível em geral levar uma análise até o final?* O artigo deixa uma impressão inicial de pessimismo, pelo fato de colocar em destaque as dificuldades e obstáculos para o fim de uma análise.

Ao interrogar o que faz barreira ao caminho da cura, Freud destaca três pontos principais: a) o efeito dos traumas; b) a intensidade das pulsões; c) a alteração do eu. Afirma que o mais importante deles é a intensidade pulsional e a possibilidade de uma certa sujeição (*Bändigung*) da mesma. Em outras palavras, a pulsão não mais seguiria um caminho próprio para a satisfação, mas, estaria de algum modo acessível ao *eu* e ao processo de simbolização.

Chama a atenção para o aspecto econômico, pelo fato de que a decisão de todo conflito dependeria, fundamentalmente, dos fatores *quantitativos* em jogo, isto é, da força pulsional em suas relações com o *eu*. Considera que é por isso que algumas situações inesperadas da vida, tais como, o adoecimento, o esgotamento ou a perda de um ente querido, provocam a fragilização do eu e das identificações colocando em risco a estabilidade psíquica. Nessas situações, a intensidade dos estímulos pode ser de tal forma aumentada que traria, como consequência, o que nomeio de "destituição traumática".

É importante diferenciar a destituição psíquica, que faz parte da travessia de uma psicanálise, ou seja, uma destituição *consentida*, sustentada pela transferência, e a destituição que se impõe pelas situações da vida. Tais situações podem, inclusive, algumas vezes, provocar a necessidade de uma nova etapa de análise, fato que é possível deduzir do texto freudiano. Mas, tanto Freud quanto Lacan, ressaltam que a mudança ao final de uma análise se localiza, especialmente, no modo como o sujeito vive a pulsão (Lacan, 1964), em outras palavras, vive aquilo que é irreduzível e que se repete.

É a temática da repetição que parece ter levado Freud a utilizar o conectivo **e** que expressa a conjunção no título “Análise terminável e interminável”. A utilização de tal conectivo lógico exige que as duas proposições sejam consideradas simultaneamente verdadeiras.

É a compulsão a repetição que atualiza a experiência mostrando a insistência da cadeia significativa e, também, do impossível que aí retorna. Repetição e insistência remetem assim ao “interminável”, ao sem fim da análise. Nesse sentido, o que se atualiza é a expressão do real enquanto impossível, mas, também, a infinita tentativa de representar isso que não cessa de insistir.

Freud chama a atenção para a tendência à inércia que percorre a experiência analítica e faz com que o analisante sempre esteja disposto a conformar-se com o que denomina de uma tramitação imperfeita (FREUD, 1937, p. 234). Tal inércia retrata um modo próprio do indivíduo se defender. Cada pessoa, como indica, não utiliza mais do que uma seleção de mecanismos de defesa “(...) mas estes se fixam em seu ego, tornando-se modalidades regulares de reação de seu caráter, as quais são repetidas durante toda a vida, sempre que ocorre uma situação semelhante à original” (FREUD, 1937, p.270) .

São esses mecanismos que vão surgir como resistência ao tratamento e ao término da análise. Freud, também, faz referência a “adesividade da libido”, que pode ser lida com Lacan, nos termos de uma fixação no gozo, que em alguns casos dificulta, ainda mais, o desligamento em relação aos objetos primários. Por outro lado, nos lembra, que em algumas pessoas, também pode ocorrer uma extrema mobilidade da libido, de um objeto a outro, que traz como efeito o que denomina de uma impermanência dos resultados analíticos. Afirma que, no primeiro caso, é como trabalhar com a “pedra dura” e, no segundo, com o “gesso macio”. Dificuldades que apesar de distintas fazem barreira a direção de uma cura.

Outra fonte de resistência é associada à relação entre pulsões de vida e de morte, especialmente, a presença do masoquismo que faz o sujeito aderir a doença e ao sofrimento e que pode assumir a forma de uma reação terapêutica negativa. Nesse último caso, muitas vezes o efeito é a paralização do tratamento, pois, como Freud indica no artigo “O problema econômico do masoquismo”, de 1924, o que se apresenta é uma necessidade de punição que torna inócua todas as intervenções do analista (LIMA; LEITE, 2011).

Pode-se considerar que a principal fonte de resistência à análise e, como Freud indica, a causa última do conflito psíquico, é a presença da pulsão de morte. Que com Lacan, assume a forma de um encontro com o real inominável. Momento em que faltam as palavras, assim como, também, a imagem de si, do eu e do corpo próprio.

Caberia, nesse sentido, considerar que aquilo do qual cada um se defende, não é nada mais e nem menos do que de sua própria perda. A experiência da perda do objeto seria, então, uma maneira de interpretar e recobrir a experiência da perda de si mesmo. Reencontro com abismos inomináveis. Perda radical, que Catherine Millot (2001) descreve como cisão brutal, que reduz o *eu* a um ponto derisório no universo.

O *eu* se envelopa construindo fronteiras a partir das identificações com o Outro, delimitando, assim, um lugar psíquico habitável para a existência. Uma análise, por sua vez, convida o sujeito em direção a uma travessia que desnuda o *eu*, promovendo a desconstrução dos seus pontos de sustentação, convocando a um luto de si, a partir de onde algo novo poderá emergir.

Freud conclui o texto citado, afirmando que é o rochedo da castração (*roca de base*), na forma de um repúdio à feminilidade, tanto nos homens, quanto nas mulheres, aquilo que impede o final de uma análise. Afirma, aqui, que é o tema do amor ao pai, sustentáculo derradeiro, aquilo que é recusado dos dois lados. É essa questão que podemos reportar a discussão presente no artigo freudiano de 1919, "Bate-se numa criança", sobre a fantasia fundamental, cujo axioma encoberto é "eu sou amado pelo pai".

A feminilidade, um dos nomes do real, é aquilo que aponta para uma situação limite que convoca o sujeito à criação *ex nihilo*. É a partir daí que Lacan faz avançar a teoria e a clínica, considerando que uma análise é *finita*, ou seja, deve ter seu momento de concluir, pois, sempre haverá um resto impossível de saber. E é tal fato que conduz o analisante a um *saber-fazer* com o real impossível.

O LUTO NA ANÁLISE: SUJEITO SUPOSTO SABER E DES-SER

Freud vai considerar em 1917, que o luto ocorre quando se produz a perda de algo de suma importância para o indivíduo e que pode ser tanto, uma ideia, uma abstração, um fracasso amoroso, assim como, a morte real do objeto. Lacan, por sua vez, no seminário 10, sobre a angústia, indica que o luto é uma tarefa que se repete, tendo-se em vista que a perda do objeto amado remete a algo mais primário e inacessível que se reporta ao objeto enquanto impossível.

Nesse sentido, a análise é "um trabalho com tempos de atravessamento, análogo ao luto, uma vez que esta implica passar por operações que incluem a função da perda como necessária na constituição do sujeito." (MARISCAL, 2009). Ou seja, trata-se de um processo de desprendimento em relação aos objetos, que exige tempo e energia fato que implica o psicanalista nesse processo, a partir do manejo da transferência. Manejo que Freud (1912) considera como a única dificuldade, realmente séria, com a qual o analista vai se deparar ao longo de sua prática.

Para manejar a transferência em prol da análise é necessário que o analista responda de um lugar que inclua a diferença radical entre o *Outro* e o *outro*, a partir de onde a fala do analisante possa se constituir. Segundo Lacan (1967), a experiência analítica só pode se desenvolver ao preço do constituinte ternário que é aquele introduzido no discurso que se instaura: o sujeito suposto saber, pivô da transferência, efeito da estrutura analítica.

Considerar que a transferência é o amor, significa reconhecer que existe uma demanda dirigida ao psicanalista que passa a ocupar o lugar de ideal do eu, ponto a partir do qual o sujeito se vê como amável, como eu ideal. O silêncio do analista, a não resposta as demandas que surgem nesse processo, faz surgir a dupla dimensão da falta: a falta de significante no *Outro* e a falta do objeto no desejo.

A estrutura da experiência analítica se refere, essencialmente, ao seu começo e ao seu final. Freud a compara a um jogo de xadrez com aberturas, desenlaces e que inclui inúmeras combinações durante seu processo. O sujeito suposto saber, nesse sentido, é a estrutura da abertura de uma psicanálise.

MAS E O FINAL DE UMA ANÁLISE?

A análise da transferência, a partir do desejo do analista, consiste em revelar que não há, nesse sentido, sujeito suposto saber. Lacan ressalta que é o analista que deve se tornar um resíduo da operação analítica, pois, o único objeto a ser proposto à transferência é o *objeto a*. Se, por um lado, a transferência coloca o amor na berlinda, Lacan o apresenta como um modo de captação que protege o sujeito da angústia, além de mantê-lo no desconhecimento daquilo que lhe falta.

Na medida em que a demanda tem como resposta o desejo (enigmático) do analista, o plano das identificações pode ser ultrapassado. Como indica Lacan (1964), esse mais-além se define pela relação e pela distância do *objeto a* minúsculo ao *I* maiúsculo idealizante da identificação.

Sintetizando, a manobra da transferência está submetida às eventualidades da prática, e depende do desejo do analista. A operação do ato analítico deve reduzir esse sujeito suposto saber à função de *objeto a*. Ou seja, o analista terá sido o sujeito suposto saber quando sua função se reduz à do *a*, esse dejetivo, esse resíduo do saber. Trata-se, aqui, da operação de *des-ser*.

A destituição subjetiva, que é a operação correlata ao *des-ser* do sujeito suposto saber é aquilo que ocorre quando há o reconhecimento da opacidade do objeto pulsional que sempre escapa a apreensão pelo sujeito. Tal processo impõe uma mudança radical na posição subjetiva permitindo que o analisante se depare com o núcleo de sua economia pulsional, para além da fantasia, pois o que se reencontra é a inconsistência do Outro que a fantasia encobria.

ABISMOS COMUNS, INOMINÁVEIS E O FIM DE ANÁLISE

Em 2001, foi publicado pela Gallimard, o livro “*Abîmes ordinaires*”, da psicanalista Catherine Millot, que, recentemente, tive acesso. Trabalho delicado em que a autora revela algumas passagens de sua história pessoal, atravessadas por momentos importantes de sua análise com Lacan.

Me surpreendi com algumas descrições, especialmente, aquelas em que ressalta o que denomina como a “perda de si” que marca o encontro com a dissolução do eu. Momentos que reportam aos escritos de Lacan relativos à travessia da fantasia, que direciona o final da análise.

A autora nos brinda com a narração de um certo tipo de vivência que tivera na infância, e no início da juventude, e que lhe conduziram a buscar a análise. Revela que aquilo que procurava, quando demanda o tratamento a Lacan, era reencontrar o *vazio* que essas experiências lhe haviam proporcionado. Vazio fundamental que havia lhe permitido o acesso a uma estranha liberdade que teria, em algum momento da vida, se perdido.

“Eis, aqui, minha vida mais secreta”, nos confidencia Millot (2001, p. 11), logo no início do seu livro.

A seguir relata três momentos principais, em que se encontra diante do inominável arrebatador.

O primeiro momento, ocorre aos seis anos quando havia se mudado com a família para Budapeste (Hungria). A pedido de alguém, sobe a escada para o segundo andar da casa aonde a família havia acabado de se instalar. No meio do caminho,

sente, subitamente, o mundo se esvaziar, se tornando um verdadeiro deserto. “Nada antes, nada depois, nada de pais, ninguém”, nos revela. Durante alguns segundos, solidão absoluta. Considera, que não seria apropriado falar “eu”, porque esse “eu” era sem qualquer qualidade, um ponto de existência nua na escada vazia. E “isso”, enfatiza, “não é possível de se esquecer”.

O segundo momento, seis anos mais tarde, ocorre em circunstâncias parecidas em Helsinki (Finlândia). Cidade com uma língua estranha e aonde o sol, algumas vezes, não se põe antes da meia noite. Estava entre caixas de papelão numa peça de apartamento mobiliado, no centro da cidade. E, de repente, mais uma vez, como pontua, experimenta o vazio, marcado pela abertura para o infinito do espaço sideral. Atravessada por uma cisão brutal tem a sensação de ser aspirada, vertiginosamente, deixando para trás um “eu” que não era mais nada.

Tomada de pavor, se agarra ao seu nome próprio, num apelo radical de si mesma. O nome próprio é um traço intraduzível, único, como indica Lacan (1961-62) e que lhe permitiu, mais uma vez, se localizar na realidade humana comum.

A terceira vez, ocorre quando estava entrando na vida adulta. Tinha recebido a convocação para assumir um posto, como professora, na Província, em uma cidade distante da vida familiar. Mais uma vez, precisa enfrentar o que denomina de um exílio forçado, o que lhe causa muita angústia. Parte em um carro usado, e com uma carteira de motorista nova, pela chamada “Estrada da Morte”, itinerário que atravessa a França de Leste a Oeste (RCEA-Route Centre-Europe Atlantique). Antes de chegar ao destino um pneu fura e o carro lhe foge ao controle. Em sentido contrário, vem um caminhão que por pouco não lhe tira a vida.

Essa situação de quase encontro com a morte lhe traz, mais uma vez, a ausência absoluta de referências, porém, com uma característica a mais. A falta de proteção experimentada lhe conduz, simultaneamente, a um sentimento de milagre da vida carregada de uma sensação de liberdade, até então, desconhecida. Um grande vazio se instala, mas um “vazio” que denomina de “reparador” e que faz nascer uma nova experiência espaço-temporal. A angústia dá lugar a uma paz infinita acompanhada de uma sensação de renascimento. Nesse momento se interroga: “Teria eu consentido com a minha perda?”

O fato é que essa experiência que denomina de graça infinita, aos poucos desaparece, dando lugar novamente a angústia. E é tal desaparecimento que promove a busca da análise com Lacan quando visava se livrar do que chama de a

“sua patologia”. O que a move nessa decisão foi o fato de ter escutado em alguns seminários proferidos por Lacan, pontos que faziam eco ao que aspirava reencontrar: *não há Outro do Outro, travessia da fantasia, destituição subjetiva, des-ser*.

Durante a sua análise, um pouco temerosa e insegura, relata ao analista as experiências relativas ao vazio e à morte quando, então, escuta de Lacan, duas intervenções que considera fundamentais no seu processo.

A primeira, quando este lhe indica que seus relatos tinham relação, com as experiências místicas e com o que Heidegger havia descrito no livro "Serenidade", sobre a importância de se recuperar o pensamento meditativo, ou o *deixar-ser*. A segunda intervenção lhe deixa atônita, Lacan afirma: “o que você conheceu ali é o amor.”

Interessante lembrar que no seminário 11, “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, Lacan faz referência ao fato de que uma psicanálise nos abre a possibilidade da experiência de *um amor sem limite* e que é essa experiência que está subjacente a emergência do desejo do analista (LEITE, 2017).

Millot considera que foi o signo de um reconhecimento advindo do analista aquilo o que lhe permitiu seguir com a análise na direção de uma apropriação dos abismos que atravessaram de forma disruptiva a sua vida.

O fato, conclui a autora, é que na vida cotidiana o vazio se oculta, se dissimula na medida em que uma ausência fundamental é recoberta pela fantasia inconsciente, sustentando os sintomas. Reencontrar esse vazio, apropriando-se dele, nos abre a possibilidade radical de presentificação da vida e de sua recriação.

O que está na origem da busca de uma análise é a presença do mal estar sintomático. A demanda de amor inscrita na transferência e instaurada no início dessa caminhada, é aquilo que permite a sustentação da travessia da fantasia e que ao fim do caminho confronta o sujeito com um vazio fundamental. Considero, nesse sentido, que o relato da autora pode ser lido como parte da passagem do *sintoma* ao *sinthome*, em outras palavras, do processo que lhe permitiu a *identificação ao synthome*, enquanto particularidade subjetiva, reduzida ao seu núcleo mais real (LACAN, 1975).

Diante de um limite incontornável algo pode se abrir para o que Lacan denomina de “novação” (Lacan, 1955; 1970). Significante que condensa o *novo* e a *ação*. Novação que envolve o ato de fazer e fazer-se e que só se torna possível porque diante do *abismo* só resta ao *falasser* abismar-se, renovando a surpresa do existir: *Sou?*

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro:Imago, 1977
- _____ (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: ESB, RJ:Imago, v.XII.
- _____ (1917[1915]). Luto e melancolia. In: ESB, RJ:Imago, v.XIV.
- _____ (1919). Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: ESN, Jorge Zahar Ed, v.XVII.
- _____ (1937). Análise terminável e interminável. In: ESB, RJ:Imago, v. XXIII.
- KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo:Companhia de Bolso, 2008.
- LACAN, Jacques (1955). *A coisa freudiana*. In: Escritos. RJ:Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____ *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. In: Outros Escritos. RJ: Jorge Zahar Ed, 2001.
- _____ (1961-62) Seminário livro 9 A identificação. Centro de Estudos Freudianos do Recife. Tradução Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Publicação não comercial, out 2003.
- _____ (1962-63). Seminário 10 A angústia. RJ:Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____ (1964). Seminário 11 Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. RJ:Jorge Zahar Ed., 1988.
- _____ (1970). Radiofonia. In: Outros escritos. RJ:Jorge Zahar Ed., 2003.
- _____ (1975-76). Seminário 23. O sintoma. RJ:Jorge Zahar Ed., 2007.
- LIMA, Mariana; LEITE, Sonia. *O masoquismo e o problema econômico em Freud*. *Psicanálise & Barroco em revista*. V.9, n. 2:161-177, dez 2011.
- LEITE, Sonia. *A paixão segundo G.H. e o amor sem limite*. *Caliban Revista de Artes, Letras e Ideias*. dez 2017. <https://revistacaliban.net/>
- MARISCAL, Diana Lúcia. Sobre o luto. *Escola da Letra Freudiana - Da experiência psicanalítica - ano XXVIII, n.41, 2009*.
- MILLOT, Catherine. *Abîmes ordinaires*. Paris:Gallimard, 2001.

NAMELESS ABYSSES AND NOVATION: QUESTIONS ABOUT THE END OF ANALYSIS

ABSTRACT

Freud on his book 'Analysis Terminable and Interminable' indicates that at the end of an analysis a *rock* is found, the unsurpassed rock of castration for women, and for men. Lacan, in his turn, speaks about the presence of a *stone* on the way towards the end of the analysis, the meeting of the real that, as opposed to Freud, Lacan considers liable to be transposed. The crossing of fantasy supposes, thus, the embarrassment before rawness of something that presents itself as insurmountable. The meeting with the unnameable that comports two aspects: on the one hand, the silencing of the subject and, on the other hand, inciting the surpassing of the plan of the identifications, that which allows the appearing of a new sense, a *novation*. A new action that states a paradox which demands the invention at the end of each analytical experience and that commits the subject to the transmission of what is essential to psychoanalysis.

KEYWORDS: end of analysis; real; analyst's desire; the loss of self; desubjectivation

LES ABÎMES INNOMMABLES ET NOVATION: QUESTIONS SUR LA FIN DE L'ANALYSE

RÉSUMÉ

Freud dans “Analyse terminée et analyse interminable” indique qu'à la fin d'une analyse on trouve un *rocher*, l'insurmontable rocher de la castration pour les femmes, et pour les hommes. Lacan, à son tour, parle de la présence d'une *pierre* sur le chemin vers la fin de l'analyse, rencontre du réel que, au contraire de Freud, Lacan estime passible d'être transposé. La traversée de la fantaisie suppose, ainsi, l'embarras face à la crudité d'une chose qui se présente comme insurmontable. La rencontre avec l'innommable qui comporte deux facettes : d'une part, le faire taire du sujet, face au traumatisme et, d'autre part, ce qui, incitant le dépassement du plan d'identification, permet l'apparition d'un sens nouveau, d'une novation. Une nouvelle action qui affirme un paradoxe qui exige l'intervention à la fin de chaque expérience analytique et qui engage le sujet dans la transmission de ce qui est essentiel à la psychanalyse.

MOTS-CLÉS : fin de l'analyse; réel; le désir de l'analyste; la perte de soi; désubjectivation

RECEBIDO EM 10/12/2019

APROVADO EM 07/07/2020

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

RESENHA:

**VARIAÇÕES SANTANA: UM PERCURSO ADMIRÁVEL DE
NIETZSCHE À PSICANÁLISE**

Variações do ver: uma articulação entre Psicanálise e Nietzsche. SANTANA, Bruno W. Curitiba: CRV, 2019.

Pedro Brocco¹

Johann Nikolaus Forkel, autor da primeira biografia sobre Bach, nos informa que um certo conde Hermann Karl von Keiserling, ex-embaixador russo na corte eleitoral da Saxônia, frequentemente passava por Leipzig e levava consigo o seu jovem e talentoso cravista, Johann Gottlieb Goldberg. O conde tinha frequentes problemas de saúde e passava noites sem dormir. Certa feita, von Keiserling comentou, na presença de Bach, que gostaria de ter algumas obras para Goldberg executar e que deveriam ter caráter ao mesmo tempo suave e vigoroso, para que ele pudesse ser consolado em suas noites sem dormir. Bach então imaginou que a melhor maneira de atender ao desejo do conde seria por meio de variações, cuja composição era considerada por ele, até aquele momento, uma tarefa enfadonha, devido ao fundamento harmônico repetido e semelhante que uma peça de variações comportava. No entanto, *As Variações Goldberg* que, embora tenham sido compostas por Bach, passaram à posteridade marcadas pelo significado de seu talentoso executor, se tornaram uma das composições favoritas de muitos ouvintes e apreciadores de música erudita.

Neste breve espaço de resenha, meu objetivo é apresentar ao leitor outra composição por meio de variações: trata-se da obra *Variações do ver: uma articulação entre Psicanálise e Nietzsche*, escrita e executada com mestria por Bruno Wagner Santana.

¹ Membro associado do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro. Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal Fluminense (PPGSD-UFF). pbrocco@uol.com.br.

Santana transita de forma leve e instigante pelos domínios da filosofia e da psicanálise, fruto de uma sólida formação nestes dois campos. Sua perspectiva é a de articular uma leitura entre a obra de Nietzsche e a psicanálise, construindo ao longo do livro pontos de encontro entre as duas esferas e mostrando, com sucesso, que há um diálogo constante, e muitas vezes não reconhecido, entre Nietzsche e a teoria e clínica psicanalíticas. Santana aponta a afinidade entre Nietzsche e a psicanálise onde em ambas as obras se veem desenhar entre um (des)encontro entre a positividade das pulsões e um ponto ausente: a vontade de potência e o niilismo, no caso de Nietzsche, e a pulsão e *Das Ding*, no caso da psicanálise. A articulação proposta por Santana não é apenas de carácter conceitual mas, como o próprio autor reconhece, trata-se de uma “articulação ética, em uma analogia ética fundada sobre um pressuposto comum que reúne Freud e Nietzsche: o encontro entre a pulsão e a ausência” (SANTANA, 2019, p. 27).

Sabe-se que Freud já conhecia a obra de Nietzsche desde ao menos 1908, de acordo com as atas da Sociedade Psicanalítica de Viena, quando aí se discutiu “O ideal ascético”, terceira parte da *Genealogia da moral* (CHECCHIA; TORRES; HOFFMANN [Orgs.], 2015, pp. 510-518).

Quais linhas de influência e de recepção poderiam configurar um ponto de contato, na tradição filosófica, entre Nietzsche e Freud? Santana reconhece que ambos são tributários de Arthur Schopenhauer:

Tanto Nietzsche quanto Freud, herdeiros de Schopenhauer, erigiram suas obras em contraponto às leituras afeitas à consciência e, ao invés de privilegiarem a razão no que esta se alinha a uma lógica do pensamento consciente, primaram por uma leitura centrada na noção de pulsão (*Trieb*), por meio da qual desferiram um golpe ao narcisismo humano (SANTANA, 2019, p. 27).

Freud e Nietzsche são reconhecidos como dois autores que, assim como Schopenhauer, localizam a sexualidade e as pulsões que atravessam os corpos como elo fundamental para pensar o carácter geral do mundo e da vida. Isso levará Santana a, através de Freud, Lacan e Nietzsche, tecer suas variações em torno de questões como o niilismo, a crítica à ontologia, a morte de Deus, o desejo, a pulsão e a ética trágica, bem como os sintomas e sofrimentos humanos. Sua perspectiva – e esta é sua tese –, ao contrário das interpretações de Deleuze e de Heidegger, é a de apontar a existência do *negativo* na obra de Nietzsche em coexistência com a *positividade* da

dinâmica das pulsões: a vontade de potência (em constante diálogo com o conceito de pulsão da psicanálise).

O livro, que se divide em duas partes, “De Nietzsche” e “Da Psicanálise”, traz logo no início um interessante trecho de *Tristes trópicos*, envolvendo um diálogo entre Claude Lévi-Strauss e o embaixador brasileiro em Paris, no ano de 1934, quando foi assegurado a Lévi-Strauss que não existiam mais índios no Brasil havia muitos anos. Segundo o embaixador brasileiro, “indo em direção aos índios, o que Lévi-Strauss encontraria seria o nada, o vazio, o nada *post-mortem*, lastro dos índios mortos e que, portanto, agora se *encontrariam* como pontos ausentes em seu campo de visão” (SANTANA, idem, p. 25).

Os índios brasileiros (inexistentes para o então embaixador) seriam muito bem localizados por Lévi-Strauss, que construiria parte fundamental de sua obra a partir de suas pesquisas no Brasil, as quais levariam ao adensamento e aprofundamento de sua teoria e ao desenvolvimento do estruturalismo, com grande impacto nas ciências humanas e na psicanálise feita por Jacques Lacan. Santana nos apresenta então uma pergunta fundamental neste diálogo entre Lévi-Strauss e o embaixador brasileiro: *como do nada se passou ao ser?* Pois se o embaixador nada via e o antropólogo francês via muitas coisas, para Santana a pergunta se desloca do ponto de vista meramente ontológico para o campo da ética: nas malhas do desejo e da pulsão, a questão principal não se localiza muito na pergunta *o que é?*, mas mais ainda sobre *o que queres?*, conforme pergunta Lacan em seu seminário sobre a ética da psicanálise.

É pelo princípio do prazer que o psiquismo começa a funcionar. É pelo fato deste princípio não dar conta de tudo, pois nele a experiência se repete pela alucinação do objeto ausente, que o sujeito dá um passo a mais e sofisticada sua representação pelo princípio da realidade: não apenas a identidade de percepção, mas de pensamento. A possibilidade de encontrar satisfação para além da mera percepção trata da elaboração do desejo pela fantasia, e trata também da importância da psicanálise neste sentido.

Santana observa que é na dimensão da ética que Nietzsche elabora suas reflexões sobre a moral quando se preocupa antes pelo “valor” em detrimento da pergunta pelo “ser”: antes de saber *o que é* a vida, importa a Nietzsche mais saber *qual o valor* atribuído a ela (SANTANA, idem, p. 26). Esta forma de encarar a realidade teria reverberações na psicanálise, para a qual não está em questão a pergunta pelo

“ser”, isto é, uma ontologia, mas uma pergunta pelo desejo, pelo *Che vuoi?* que concerne a cada sujeito.

A pergunta pelo valor atribuído a algo também poder ser lida a partir da chave do desejo atribuído a algo – em outras palavras, o deslocamento da pergunta pelo *ser* para uma pergunta pelo *desejo*, pelo a que o desejo está ligado, ao que ele diz “sim” e ao que diz “não”: tal deslocamento de uma ontologia do ser para uma ética do desejo está na base do livro de Bruno Santana.

O vazio de sentido a partir do qual o ser humano percebe o mundo no momento em que ocorre a operação simbólica da morte (ou esvaziamento) de Deus como garantidor de uma consistência ontológica do mundo, da realidade e da história, tema fundamental em Nietzsche, em verdade vinha já se insinuando para a Europa renascentista desde meados do século XVI, quando os jesuítas entraram em contato com a tradição taoísta e zen-budista no Extremo Oriente, sobretudo, em um primeiro momento, com os monges zen japoneses. Ficaram horrorizados com o fato de que, ao contrário dos missionários europeus, aristotélico-tomistas e cultivadores da razão que eram, os monges zen japoneses não colocavam como fundamento das coisas e do ser a ideia de Deus, mas a ideia de Vazio.

A noção de Vazio se coloca no *Tao te ching* ligada à de utilidade, quando Lao-tse escreve sobre o vazio no centro da roda, do vaso e da casa (LAO TSE, [350-250 a.C] 1999):

Trinta raios convergem ao vazio do centro da roda
Através dessa não-existência
Existe a utilidade do veículo.

A argila é trabalhada na forma de vasos
Através da não-existência
Existe a utilidade do objeto.

Portas e janelas são abertas na construção da casa
Através da não-existência
Existe a utilidade da casa.

Assim, da existência vem o valor
E da não-existência, a utilidade.

Assim, a noção de vazio representa também para a tradição oriental o fundamento de sua escrita: a partir do vazio, o traço significante.

Desenvolvendo esta concepção, poderíamos dizer que a História humana, por exemplo, não seria um desdobramento, no plano humano, de uma espécie de Ditado

divino, mas uma escrita coletiva cujo centro ausente repousaria em um vazio fundamental.

De uma forma interessante e convergente, Bruno Santana nos apresenta Nietzsche e a psicanálise em diálogo e tocados, de alguma maneira, pela tradição oriental que começa a se insinuar na Europa no campo da filosofia e de modo especial a partir de Schopenhauer².

O vazio lido por Santana e articulado à psicanálise e Nietzsche estará presente em um *movimento*: de um lado, a positividade das pulsões “no que elas são, segundo Freud, sempre ativas do ponto de vista da *pressão* que exercem e cuja *fonte* se localiza no corpo” (SANTANA, 2019, p. 29), consideradas do ponto de vista nietzschiano como expressão do mundo como vontade de potência; de outro lado, o encontro com a falta, com o que do real escapa à linguagem, deixando lugar para a falta de sentido e a falta de um objeto último que garanta uma satisfação plena e capaz de fazer cessar a atividade desejante.

O deslocamento do capítulo dedicado à pulsão a partir da psicanálise para o da ética, marcando que a psicanálise se orienta por uma ética trágica, na medida em que parte da positividade das pulsões, faz um duplo movimento de colocar em xeque a ética aristotélica orientada pelo Bem e reafirmar o gume cortante da psicanálise ou, como afirma o autor: “Trágico é poder desejar – para além do bem e do mal, do melhor e do pior” (SANTANA, idem, pp. 117-118).

Ao escrever por meio de variações, tais como as compostas por Bach e executadas por Goldberg, estabelecendo repetições harmônicas das composições de Nietzsche e da Psicanálise, Bruno Santana faz em *Variações do ver* mais do que meramente estabelecer paralelos entre a obra nietzschiana e a teoria psicanalítica, mas executa com mestria sua própria peça, suas próprias variações, tecendo com sua escrita singular algo novo.

² Schopenhauer foi o primeiro filósofo do Ocidente a propor um diálogo entre a filosofia oriental, sobretudo o budismo e a tradição védica, e a filosofia ocidental de inspiração platônico-kantiana (cf. a *Apresentação* de Jair Barboza na edição citada ao final desta resenha). Em *O mundo como vontade e como representação*, chega a afirmar que o conhecimento exposto nos *Vedas* é fruto do mais elevado conhecimento e sabedoria humanos (SCHOPENHAUER, [1819] 2005, p. 453).

REFERÊNCIAS

Variações do ver: uma articulação entre Psicanálise e Nietzsche. SANTANA, Bruno W. Curitiba: CRV, 2019.

CHECCHIA, Marcelo; TORRES, Ronaldo; HOFFMANN, Waldo (Orgs.). *Os primeiros psicanalistas: Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena (1906-1908)*. Tradução de Marcella Marino Medeiros Silva. São Paulo: V. de Moura Mendonça – Livros (Scriptorium), 2015. (Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena, Volume 1).

LAO-TSE. *Tao Te Ching: o livro do caminho e da virtude*. Tradução do chinês por Wu Jyh Cherng. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SANTANA, Bruno W. *Variações do ver: uma articulação entre Psicanálise e Nietzsche*. Curitiba: CRV, 2019.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, Iº tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

RECEBIDO EM 27/11/2019
APROVADO EM 22/06/2020

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista
<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
revista@psicanaliseebarroco.pro.br
Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO
Memória, Subjetividade e Criação
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

CONTENTS

EDITORIAL- IN PANDEMONIC TIMES THE NECESSARY INTERLOCUTION BETWEEN DEMOCRACY AND PSYCHOANALYSIS ----- 9

TEST

PSYCHOANALYSIS IN HELL - BRAZILIAN TESTIMONY -----16

THEMATIC ARTICLES

LA QUETE MUSICALE DE L'AUTHEMATICITE: A TRANSFERT SUR L'INOUI OR PORTRAIT DES "BAROQUEUX" IN AVENTURIERS DU TIMBRE PERDU ----- 53

THE RHYTHMS OF EXISTENCE -----71

ARTICULATIONS BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND MUSIC: THE PRESENCE OF VOICE IN THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT ----- 97

FREE ARTICLES

BRAZILIAN WOUNDS: NARCISISMO OF SMALL DIFERENCES, REPETITION AND MEMORY-- 114

INTERNET, NARCISISM AND SUBJECTIVITY: REFLECTIONS ON THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT IN / BY THE SOCIAL NETWORK ----- 132

THE PROUSTIAN SUBVERSION OF MEMORY: A READ BETWEEN THE INSPIRATION OF BERGSON'S THEORY AND THE FREUDIAN FORMULATIONS -----151

(DE) MEETING WITNESSES: PSYCHOANALYTICAL NOTES ON LOVE IN "BLUE FLOWERS" BY CAROLA SAAVEDRA ----- 169

NAMELESS ABYSSES AND NOVATION: QUESTIONS ABOUT THE END OF ANALYSIS-----195

REVIEW

SANTANA VARIATIONS: AN ADMIRABLE JOURNEY FROM NIETZSCHE TO PSYCHOANALYSIS ----
-----207

SOMMAIRE

ÉDITORIAL - EN TEMPS PANDÉMONIQUE, L'INTERLOCUTION NÉCESSAIRE ENTRE LA DÉMOCRATIE ET LA PSYCHANALYSE. ----- 9

TESTER

LA PSYCHANALYSE DANS LA TOURMENTE DES BRÉSILIENS EN TÉMOIGNENT -----16

ARTICLES THÉMATIQUES

LA QUÊTE MUSICALE DE L'AUTENTICITE: UM TRANSFERT SUR L'INOÛI OU PORTRAIT DES "BAROQUEUX" EM AVENTURIERS DU TIMBRE PERDU -----53

LES RYTHMES DE L'EXISTENCE -----71

ARTICULATIONS ENTRE PSYCHANALYSE ET MUSIQUE: LA PRESENCE DE LA VOIX DANS LA CONSTITUTION DU SUJET -----97

ARTICLES GRATUITS

PLAIES BRÉSILIENNES: NARCISME DE PETITES DIFFÉRENCES, RÉPÉTITION ET MÉMOIRE---
-----114

INTERNET, NARCISSISME ET SUBJECTIVITÉ: RÉFLEXIONS SUR LA CONSTITUTION DU SUJET
DANS LE RÉSEAU SOCIAL -----132

LA SUBVERSION PROUSTIENNE DE LA MÉMOIRE: UNE LECTURE ENTRE L'INSPIRATION DE LA
THÉORIE DE BERGSON ET LES FORMULATIONS FREUDIENNES -----151

TÉMOINS D'UNE (NON) RENCONTRE: NOTES PSYCHANALYTIQUES SUR L'AMOUR DANS LES
"FLEURS BLEUES" DE CAROLA SAAVEDRA-----169

LES ABÎMES INNOMMABLES ET NOVATION: QUESTIONS SUR LA FIN DE L'ANALYSE----- 195

LA REVUE

LES VARIATIONS SANTANA: UN VOYAGE ADMIRABLE DE NIETZSCHE À LA PSYCHANALYSE ---
-----207